

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

ELIAS FERREIRA VERAS

O “ECHO DAS MARAVILHAS”:
O jornal *A Voz da Religião no Cariri* e as missões do padre Ibiapina no Ceará
(1860-1870)

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

SÃO PAULO
2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

ELIAS FERREIRA VERAS

O “ECHO DAS MARAVILHAS”:

**O jornal *A Voz da Religião no Cariri* e as missões do padre Ibiapina no Ceará
(1860-1870)**

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História Social, **sob a orientação do Prof.º Dr.º Fernando Torres Londoño.**

SÃO PAULO
2009

Banca Examinadora

Prof. Dr. (Orientador)
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC

Prof. Dr.
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC

Prof. Dr.
Universidade Federal do Ceará – UFC

*Para os maiores contadores de histórias de todos os tempos,
Eli Ferreira Veras e
Maria do Livramento Ferreira,
meus amados pais.*

*Para aquela que cotidianamente compartilha comigo histórias extraordinárias,
Letícia Lopes, amiga e irmã do coração.*

AGRADECIMENTOS

Ao professor Régis Lopes, por ter despertado em mim a paixão pela história e pelas histórias de santos e de milagres.

Ao professor Fernando Torres Londoño, pela generosidade humana e intelectual que marcaram a orientação deste trabalho e que sem dúvida deixam marcas em minha prática como historiador, pesquisador e como ser humano.

Ao historiador e amigo Almir Leal, pelas dores e pelas delícias.

Aos professores Alexandre Otten e Pedro Vasconcelos, que participaram da Banca de Qualificação, pelas sugestões, na medida do possível, incorporadas ao texto final.

Aos professores do Programa de História da UFC/CE. Especialmente à professora Edilene Toledo pela dedicação que a todos contagiava.

Aos amigos do Ceará, que estão em todas as partes do mundo, pela presença, compreensão e incentivo: Letícia, Kênyo, Pereira, Lao, Micheline, Deysa, Suely, Chicão, Tel, Dê, João Paulo, Andre Negão, Hugo, Washington. Sem eles, tudo seria mais difícil.

Ao meu querido irmão Neto.

Aos amigos de São Paulo, vindos de todas as partes do mundo, pelas descobertas, companheirismo e discussões: Idalina, Eduardo, Jonas, Arleandra, Cristina, Joana, Maria José, Laura, Leandra, Zé, Karina, Reinaldo, Carlos, Nádja, Sandra, Eugênia. Com eles, São Paulo, tornou-se mais fascinante.

Ao meu anjo paulistano de olhos verdes, Edgar. Obrigado pela proteção.

À Luiza, por ter me acolhido como um filho na cidade grande.

À historiadora Josiane de Castro Ribeiro, por ter disponibilizado seu acervo sobre o padre Ibiapina.

À historiadora e amiga Ana Carla, pelas leituras e pelas sugestões de leitura. Com ela aprendi mais sobre a relação entre história e imprensa, sobre Roger Chartier, sobre o compromisso com a pesquisa histórica.

À Dani, pesquisadora apaixonada pelo padre Ibiapina, pelas trocas generosas de documentos, bibliografia, idéias e, principalmente, por ter dividido comigo as aflições da escrita deste trabalho.

Ao CNPq, pela bolsa de estudos.

(...) até nos testemunhos mais resolutamente voluntários, o que os textos nos dizem expressamente deixou hoje em dia de ser objeto predileto de nossa atenção. Apegamo-nos geralmente com muito mais ardor ao que ele nos deixa entender, sem haver pretendido dizê-lo.

Marc Bloch – Apologia da história, ou, O ofício de historiador

Que aliança é esta entre a escrita e a história?

Michel de Certeau – A Escrita da História

Os historiadores sabem bem hoje em dia que também são produtores de textos. A escritura da história, (...) pertence ao gênero da narrativa, com o qual compartilha as categorias fundamentais. Narrativas de ficção e narrativas de história têm em comum uma mesma maneira de fazer agir seus “personagens”. (...). O que é uma boa maneira de dizer que os historiadores, assim como os outros, nem sempre fazem o que pensam fazer e que as rupturas orgulhosamente reivindicadas mascaram com frequências continuidades ignoradas.

Roger Chartier – À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender o lugar do jornal religioso *A Voz da Religião no Cariri*, na dinâmica das missões do padre Ibiapina, na província do Ceará entre os anos de 1860 e 1870, tomando por referência a imprensa como prática cultural, constituída pelas múltiplas experiências religiosas dos sujeitos: leitores do jornal, ouvintes das missões, devotos do “Apóstolo da Caridade”. As reflexões do historiador francês, Roger Chartier, sobre representações, práticas culturais e apropriações culturais nortearam nossa escrita. Além do jornal *A Voz da Religião no Cariri*, fonte e objeto de estudo do presente trabalho, foram utilizadas outras fontes de pesquisa, tais como: correspondências, crônicas, memórias, escritos diversos produzidos pelo padre Ibiapina, assim como outros jornais publicados no mesmo período.

Palavras – chave: religião; imprensa; milagres; santidade.

ABSTRACT

This work aims at understand the role of the religious journal “The Voice of Religion in Cariri” among the father Ibiapina’s missions, in province of Ceara from 1860’s to 1870’s, taking the press as cultural practice, constituted by numerous religious experiences of the characters: journal readers, missions listeners and the “Apostle of Charity’s” devouts. The french historian Roger Chartier’s reflections about representation, cultural practices and cultural appropriations guide this work. Apart from the journal “The Voice of Religion in Cariri”, source and subject matter this research, other sources were used like: correspondences, chronicles, memories, other texts published by father Ibiapina and others journals published in the same period.

Keywords: religion; press; miracles; sainthood.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHSEC	Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Ceará
CCC	Crônicas das Casas de Caridade
ECCPI	Estatuto das Casas de Caridade do Padre Ibiapina
ISCM	Internato Sagrado Coração de Maria
IEPI	Instruções Espirituais do Padre Ibiapina
IHGC	Instituto Histórico e Geográfico do Ceará
RIC	Revista do Instituto do Ceará
SCJ	Sagrado Coração de Jesus
VRC	A Voz da Religião no Cariri

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPITULO I	
“IDE EM TODOS OS PONTOS ENSINAE A TODOS OS POVOS”: as missões do jornal <i>A Voz da Religião no Cariri</i>	27
1.1 O jornal <i>A Voz da Religião do Cariri</i> e as missões ibiapinianas no Cariri cearense.....	28
1.2 História (e Memória) das missões no Cariri Novo nos anos de 1864 e 1868: a escrita autorizada.....	50
CAPÍTULO II	
“ARGUMENTOS IRRESPONDÍVEIS”: santidade e milagre.....	62
2.1 Histórias de santos.....	63
2.2 Histórias de milagres.....	81
CAPÍTULO III	
“NEGAR OS MILAGRES É NEGAR A DEUS”: quem dúvida dos milagres?.....	95
3.1 Quem é o inimigo?.....	96
3.2 Um jornal romanizador?.....	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS	127
ARQUIVOS E FONTES	131
ANEXOS	133

INTRODUÇÃO

Em 13 de dezembro de 1868, apareceram pela primeira vez nas páginas do periódico *A Voz da Religião no Cariri* (VRC)¹, notícias de um milagre atribuído ao missionário cearense José Antônio de Maria Ibiapina. Luzia, parálitica, aconselhada pelo missionário a banhar-se na fonte do Caldas², freguesia de Barbalha, foi curada!

Luzia Pesinho, parda, casada, moradora, na villa da Barbalha, paralytica das pernas a 3 annos pede que a levem á prezença do Rmo. Missionario. No dia 20 de Junho de 1868 vê realisado o seu desejo e achando-se ao encontro do Missionario Cearense, JOZÉ ANTONIO DE MARIA IBIAPINA que lhe passava na porta, roga-lhe com a mais viva instancia que lhe ensinasse o remedio de seu mal. - Eu não sou medico do corpo, lhe diz o venerando Padre Mestre, o meu ministerio é curar as almas. - Ah! meu santo Padre, ensine-me, lhe retorquio Luzia, sim, ensine-me o que quizer; eu tenho fé de ficar boa. - Pois bem, mulher, va tomar 3 banhos na fonte do Caldas ao sahir do sol. Luzia creu, foi ao lugar indicado no meio de uma carga e acompanhada de seu marido que tão bem soffria de uma hernia. Ambos forão ao banho e voltarão bons.³

A cura de Luzia teria acontecido em 20 de junho de 1868, e apareceria seis meses depois no jornal *VRC*. O milagre, antes de invadir as páginas do periódico, já fazia parte da cultura oral, não apenas dos sertanejos que moravam em Barbalha, mas também daqueles moradores de outras vilas e povoados visitados por Ibiapina, pois “Luzia Pesinho” acompanhou o missionário em suas missões durante três meses “apregoando em toda parte o milagre de sua cura”⁴. A presença de eventos extraordinários, por exemplo, de milagres, vão marcar a atuação do padre Ibiapina em terras cearenses, sendo noticiados constantemente nas páginas do periódico *VRC*.

Nascido em Sobral, Província do Ceará, em 05 de agosto de 1806, José Antônio Pereira Ibiapina, nome de batismo, iniciou seus estudos religiosos no Seminário de Olinda, em 1823. A morte do pai, Francisco Miguel Pereira, em praça pública, na cidade de Fortaleza, e do irmão mais velho, Alexandre Raimundo Pereira

¹ As 82 edições (Xerox) do jornal *A Voz da Religião no Cariri*, compõe o acervo pessoal deste pesquisador. Usaremos a sigla *VRC* quando nos referirmos ao jornal *A Voz da Religião no Cariri*.

² *VRC*, 27 de junho de 1869: “Em uma curva d’esta serra [Araripe] há um sitio chamado Caldas, por ter sido o seo primeiro proprietário um Senhor Caldas e esse nome tendo-se à essa porção de Serra, a grande fonte de que se trata”.

³ *VRC*, 13 de dezembro de 1868.

⁴ *VRC*, 20 de dezembro de 1868.

Lima, num dos presídios para crimes políticos, na Ilha de Fernando de Noronha, em consequência da participação de ambos na Confederação do Equador (1824), levou Ibiapina, então com 22 anos de idade, a deixar os estudos no Seminário de Olinda, e retornar ao Ceará a fim de resolver os problemas da família, ou seja, reaver os bens confiscados pelo Estado.

Órfão de pai e de mãe, que havia falecido em 1823, em consequência de um aborto, Ibiapina, na condição de irmão mais velho, torna-se responsável por cuidar do irmão João Carlos, então com 14 anos, e das irmãs, Rita com 13, Maria José, com 10 e Ana, com 9. Aos 27 anos, Ibiapina se forma em Direito, na primeira turma de bacharéis do Curso Jurídico de Olinda.⁵

Em 1850, Ibiapina abandonou a vida secular para dedicar-se às leituras, orações e meditações. Sobre essa transformação, escreve Gilberto Vilar de Carvalho na ocasião do primeiro centenário da morte do padre Ibiapina:

Alguns biógrafos pretendem atribuir essa transformação ao amadurecimento normal de um homem sofrido e já, com tão pouca idade, afogado nos problemas mais candentes. Afinal de contas, com apenas 28 anos, já tinha passado por uma sangrenta revolução, tinha visto a miséria e a morte violenta invadir a sua própria casa, já tinha sido Juiz de Paz, Deputado Federal e Chefe de Polícia. (...) Permaneceu como advogado [em Recife] até 1850.⁶

Sobre a conversão de Ibiapina, seu amigo Américo Militão de Freitas Magalhães, responsável por fazer-lhe o convite para o ingresso na vida sacerdotal, “narra tudo com a maxima exactidão”, três décadas depois, a Paulino Nogueira que se preparava para escrever uma biografia do missionário:

O Dr. Ibiapina, nos tempos a que alludo, era com justiça considerado um dos primeiros advogados da capital de Pernambuco, onde gozava de um conceito e nomeada acima de toda expressão, (...); mas afinal desgostoso por certas contrariedades que soffreo, e mesmo pela doença d'asthma, (...), recostado em uma cadeira, deixou a vida da advocacia, digo mesmo, abandonou a sociedade, e recolheu-se á um sitio que possuía para as bandas do Caxangá (...). Nesse retiro e isolamento, em que vivia, deixou inteiramente os livros, dispondo de quasi todos, e entregou-se exclusivamente a vida espiritual, recobrando a saúde, que havia perdido.⁷

⁵ Ibiapina exerceu ainda os cargos de juiz de paz e chefe de polícia em Quixeramobim, no Ceará. Sendo eleito em 1834, o deputado geral mais bem votado daquele ano.

⁶ CARVALHO, Gilberto Vilar de. O padre Ibiapina, um homem que viveu e morreu pelo seu Povo. *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 43, fasc. p. 103-132, março de 1983.

⁷ FONSECA, Paulino Nogueira Borges da. O Padre Ibiapina. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1888. p. 202.

Após três anos de reclusão em Recife, Ibiapina, então com 47 anos de idade, ordenou-se padre, no dia 26 de junho de 1853, recebendo na ocasião o cargo de vigário geral e professor de Eloquência Sagrada e História Sagrada do Seminário de Olinda. Na mesma ocasião, acrescentou o nome “Maria” ao nome de batismo, em devoção a mãe de Deus.

A partir de 1855, o “padre mestre” começou a percorrer com suas santas missões, as províncias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí. Sobre as diversas “fases” que marcaram a atuação missionária de Ibiapina pelo Norte, esclarece-nos Hoornaert,⁸ que a fase propriamente missionária da vida de Ibiapina se situa entre os anos de 1860 e 1876. Esse período foi marcado pela ação missionária articulada entre o Cariri Velho e o Cariri Novo. A partir de 1875 o missionário tem longos períodos de doença e se recolhe na Casa de Caridade de Santa Fé, Paraíba, onde permaneceu até sua morte, em 1883.

O Ceará recebeu o missionário em dois períodos: de 1862 até 1865 e de 1868 a 1870, atuando nas vilas de Sobral, de Santana do Acaraú e, extremo oposto da Província, na região do Cariri Novo⁹ nas localidades de Missão Velha, Crato, Barbalha, Porteiras e Milagres. Essa última região concentrou os maiores esforços das missões Ibiapinianas.

A inauguração das obras edificadas por intermédio do missionário, em especial das Casas de Caridade, abrigos que se propunham a educar, sustentar e casar as órfãs desamparadas, a acolher crianças rejeitadas, e a amparar e ocupar mulheres constituía o momento maior das missões e assunto constante nas matérias publicadas na folha religiosa VRC. Na região do Cariri, foram construídas quatro Casas de Caridade: Missão Velha (fev/1865), Crato (mar/1869), Barbalha (mar/1869), e Milagres (jun/1869).

O padre Ibiapina e sua ação missionária no Ceará têm sido objetos de estudo desde o fim do século XIX. São trabalhos de natureza diversa: artigos publicados na

⁸ HOORNAERT, Eduardo. *Crônicas das Casas de Caridade: fundadas pelo Padre Ibiapina*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. p. 25-26.

⁹ A denominação “Cariri-Novo” tratava-se de uma distinção feita à época para referir-se às cidades cearenses localizadas na Região que conhecemos, atualmente, como Cariri. O motivo era diferenciá-las daquelas referentes ao “Cariri-Velho” ou dos povoados localizados em estados fronteiriços ao Ceará. MARIZ, Celso. *Ibiapina: um apóstolo do Nordeste*. João Pessoa: Tipografia União, 1942. p. 141.

Revista do Instituto do Ceará (RIC),¹⁰ biografias¹¹ e estudos historiográficos,¹² nos quais o jornal *VRC* aparece como importante fonte de pesquisa.

Alguns desses trabalhos citam o acontecimento do milagre de “Luzia Pesinho”, uma vez que se utilizam do jornal *VRC* como fonte de pesquisa. Todavia, esses estudos não se debruçam de modo mais demorado sobre a história da parálitica que passou a caminhar depois do banho na fonte miraculosa, cujas águas teriam sido abençoadas por Ibiapina, ou mesmo sobre os acontecimentos extraordinários que marcavam as santas missões, tão relevantes para compreendermos a dinâmica das missões e a participação dos sujeitos na obra do missionário cearense.

No trabalho *Entre a penitência do corpo e o corpo em festa: uma análise das missões do padre Ibiapina na Província do Ceará (1860-1870)*, a historiadora Josiane Maria de Castro Ribeiro, analisa as missões do padre Ibiapina, relacionando-as com o processo de (re)organização dos trabalhadores pobres livres em torno de uma “nova dinâmica de trabalho”, discutindo ainda o envolvimento do missionário com o processo de romanização do catolicismo no Brasil.¹³

Ribeiro reserva importante lugar na sua interpretação ao jornal *VRC*, fundado pelo missionário. Assim como o jornal *O Apostolo*, do Rio de Janeiro, o periódico *VRC* seria, no entendimento da historiadora, um “importante veículo de divulgação do pensamento ultramontano e das diretrizes da política de romanização”.¹⁴ Neste trabalho, a religião aparece como instrumento das aspirações sociais de um grupo incapaz de se manifestar por outras linguagens.

Ainda entre os trabalhos que analisam a ação ibiapiniana no Ceará encontra-se o estudo de Maria das Graças de Loiola Madeira: *Entre orações, letras e agulhas:*

¹⁰ FONSECA, Paulino Nogueira Borges da. O Padre Ibiapina. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1888. pp. 157-220; MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. Pe. Ibiapina: figura matricial do Catolicismo sertanejo no Nordeste do século XIX. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, vol. 112, 1998.

¹¹ MARIZ, Celso. *Ibiapina: um apóstolo do Nordeste*. João Pessoa: Tipografia União, 1942; ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*. Fortaleza: ed. Paulinas, 1996.

¹² DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976; RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. *Entre a penitência do corpo e o corpo em festa: uma análise das missões do padre Ibiapina no Ceará (186-1883)*. Fortaleza, 2003. 110fl. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará; MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. *Entre orações, letras e agulhas: a pedagogia feminina das casas de caridade do Padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883)*. Fortaleza, 2003. 278fl. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará.

¹³ RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. *Entre a penitência do corpo e o corpo em festa: uma análise das missões do padre Ibiapina no Ceará (186-1883)*. Fortaleza, 2003. 110fl. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará. p. 23.

¹⁴ *Ibid.* p. 24.

A pedagogia feminina das Casas de Caridade do Padre Ibiapina – Sertão Cearense (1855 – 1883). Embora seu objetivo seja “a reconstituição da ação educacional desenvolvida pelo padre cearense José Antônio de Maria Ibiapina (...)”¹⁵, mais especificamente, o perfil da educação feminina nas Casas de Caridade, a autora analisa ainda a biografia do missionário e a produção de sua memória.

Na bibliografia sobre o missionário, observa-se que os primeiros estudos, como as biografias escritas pelo cearense Paulino Nogueira, pesquisador que solicitou à Américo Militão informações sobre a conversão de Ibiapina, publicada na *RIC*, em 1888, ou a biografia escrita pelo paraibano Celso Mariz, em 1942, vão sendo complementados pelos trabalhos mais recentes, como é o caso da biografia escrita pelo padre Francisco Sadoc de Araújo, *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*, publicada em 1995, e os trabalhos de Ribeiro e de Madeira, mencionados anteriormente. Estes últimos estudos se caracterizam muito mais por interpretar com novos olhares, antigas fontes, do que, propriamente, por “descobrir” novos vestígios sobre as atividades de Ibiapina no Ceará.

Falas e escritas foram construídas a partir de lugares e de olhares diferentes, sobre o padre Ibiapina, sobre as santas missões, sobre a romanização do catolicismo brasileiro, sobre as Casas de Caridade, sobre os milagres na Província do Ceará. O jornal *VRC* foi uma força ativa na dinâmica das missões, do mesmo modo que a divulgação dos milagres atribuídos ao “Apostolo da Caridade” e a associação entre a sua prática missionária e a vida dos santos foram fundamentais para o sucesso da comunicação entre Ibiapina e os sujeitos que aderiram ao seu projeto, reelaborando-o conforme suas próprias experiências e interesses.

Nesse sentido, não podemos compreender as missões ibiapinianas no Cariri, sem analisar o periódico *VRC*, nem podemos dissociá-lo do discurso e da prática missionária de Ibiapina e de seus colaboradores. Assim como não podemos limitar a análise do periódico a um mero instrumento de divulgação das obras ibiapinianas, como tem sido feito até então pelos estudos que analisaram as missões do padre Ibiapina no Ceará.

Por meio do periódico é possível vislumbrar rastros de experiências religiosas vivenciadas pelos diferentes sujeitos sociais que, de um modo ou de outro, foram

¹⁵ MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. *Entre orações, letras e agulhas: a pedagogia feminina das Casas de Caridade do padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883)*. Fortaleza, 2003. 278fl. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará.

tocados pela mensagem religiosa das santas missões, que acreditaram e que tiveram suas vidas transformadas pela força da palavra escrita, falada, ouvida.

A presente dissertação tem o objetivo de compreender o lugar do jornal na dinâmica das santas missões do padre Ibiapina no Cariri, sua importância para a circulação de representações sobre a vida religiosa, assim como o seu papel na disputa pela hegemonia espiritual na Província do Ceará na segunda metade do século XIX.

Desse modo, a imprensa constitui-se como prática social, sendo as representações, objetivadas em práticas culturais e sociais apropriadas diferentemente pelos sujeitos sociais. O estudo do VRC abre caminho para a discussão sobre as disputas travadas no campo da cultura e sobre o lugar de construção dos modos de viver e de pensar.¹⁶

Ao interpretar o periódico VRC, como prática social, marcada por múltiplas vivências religiosas em conflito, publicizadas e ocultadas pelo texto jornalístico, orientei-me por trabalhos que se preocuparam em suas análises, sobretudo, com o sagrado, ou seja, trabalhos que não deixaram de perceber o significado da religião na construção de sentidos de mundo.

Além daquela bibliografia sobre as missões do padre Ibiapina na Província do Ceará, contribuíram para a construção do nosso objeto de pesquisa os trabalhos de Francisco Régis Lopes Ramos, *O verbo encantado: a construção do Padre Cícero no imaginário dos devotos* e *O meio do mundo: territórios de sagrado em Juazeiro*

¹⁶ Os estudos sobre história e imprensa, produzidos no Brasil nas últimas décadas, abordam os jornais e as revistas, como fonte e como objeto de pesquisa, a partir de múltiplas perspectivas teóricas (História Social, História Cultural, História Política etc). Esses trabalhos passaram a se preocupar, não apenas com a história da imprensa, mas com uma história escrita por meio da imprensa. A imprensa deixou de ser estudada como “reflexo da realidade”, passando a ser compreendida como prática cultural e social historicamente construída. Dentre esses trabalhos, destacam-se, os estudos de: CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana. (1890-1915)*. São Paulo, EDUC/ Fapesp/ Arquivo do Estado de São Paulo/ Imprensa Oficial do Estado, 2000; LUCA, T. R.; MARTINS, A. L. *Imprensa e Cidade* (co-autoria com Ana Luiza Martins). São Paulo: Editora UNESP, 2006; VELLOSO, M. P.; LINS, V.; OLIVEIRA, C. *A cidade em revistas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. Assim como as coletâneas: NEVES, L. M. B; MOREL; M; BESSONE, T. M. (Org.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: Faperj/dDPA, 2006; LUCA, T. R.; MARTINS, A. L. (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008; e finalmente, a revista do Órgão Oficial da Associação Nacional de História (ANPUH) e do Programa de Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), respectivamente, *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 28, nº 55, jan-jun., 2008; *Projeto História*, São Paulo, nº 35, jul-dez, 2007. No Ceará, destacam-se os trabalhos: GONÇALVES, Adelaide; SILVA, J. E. *A Imprensa Libertária no Ceará*. São Paulo: Imaginário, 2000. GONÇALVES, Adelaide (Org.); BRUNO, Allyson (Org.). *O Trabalhador Gráfico*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2002; FERNANDES, Ana Carla Sabino. *A imprensa em pauta: jornais Cearense, Pedro II e Constituição*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

do Padre Cícero¹⁷; e de Alexandre Otten, *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antonio Conselheiro*.¹⁸

Em comum, estes estudos têm o fato de terem se preocupado em perceber a dinâmica religiosa em sua conexão com outras instâncias da realidade. Seja analisando a relação entre padre Cícero e seus devotos, seja, analisando a relação entre Antônio Conselheiro e seus seguidores, os autores promoveram uma “volta ao sagrado”, que de modo algum, jamais deixou de ser compreendido unido à vivência cotidiana das pessoas comuns.

Ramos analisa as vivências religiosas dos devotos do Padre Cícero, como sendo construídas por práticas sociais concretas no âmbito da religiosidade, que não devem ser interpretadas como um sistema de “crenças” ou um sistema “simbólico” que possui regras de funcionamento válidas para todos, mas como:

(...) uma experiência religiosa, que faz parte das experiências sociais, ou seja, como uma produção e uma re elaboração de significados e valores, que se (re) fazem a partir das tradições culturais, dos modos pelos quais se desenvolvem estratégias de sobrevivência, dos desafios que podem produzir certezas e dúvidas, dos embates e forças antagônicas, das vivências que se constroem na medida em que a luta de classes se faz nas vicissitudes e urdiduras da vida cotidiana.¹⁹

Otten interpreta, por sua vez, o movimento de Canudos a partir:

(...) da espiritualidade de Antonio Conselheiro entendida como centro de sua pregação e atuação, na hipótese de que a experiência pessoal de Deus o levou a reavivar tradições latentes do catolicismo popular tradicional e a denunciar a realidade social sertaneja como contrária à vontade de Deus, indicando os culpados e realizando um projeto alternativo que, num primeiro momento, assegura a salvação eterna e, num segundo, cria condições dignas de vida humana nesta terra.²⁰

¹⁷ RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O verbo encantado: a construção do Padre Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1998; *O meio do mundo: territórios de sagrado em Juazeiro do Padre Cícero*. São Paulo, 2000. Doutorado em História Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC.

¹⁸ OTTEN, Alexandre. *Só Deus é grande. A mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*. Ed. Loyola: São Paulo, 1990.

¹⁹ RAMOS, Francisco Régis L. *O verbo encantado: a construção do Padre Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1998.p. 23.

²⁰ OTTEN, Alexandre. *Só Deus é grande. A mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*. Ed. Loyola: São Paulo, 1990. p. 89.

Desse modo, minha tentativa de compreender o periódico *VRC* se aproxima da perspectiva adotada por esses pesquisadores, na medida em que entendo que a religiosidade que emerge por meio da imprensa revela aspectos dos modos de viver no Cariri oitocentista.

Ao perceber as dificuldades em se analisar os fenômenos religiosos isoladamente, a historiografia passou a se preocupar com as questões culturais²¹, sendo a religião um momento essencial da cultura. Como afirma Hilário Franco Júnior²², os sentimentos religiosos fortemente enraizados não podem ser alcançados a não ser através de suas expressões culturais.

Segundo Roger Chartier, o pesquisador pode compreender essas expressões culturais analisando as operações de construção de sentidos efetuadas na cultura, processo historicamente determinado, cujos modos variam de acordo com o tempo, o lugar, a comunidade. Deixa de ser sustentável a pretensão de estabelecer correspondência entre clivagens culturais e hierarquias sociais, relacionamentos simples entre objetos ou formas culturais particulares e grupos sociais específicos, pois como lembra Chartier:

Todas as formas e práticas nas quais os historiadores julgaram detectar a cultura do povo, na sua radical originalidade, aparecem como ligando elementos diversos, compósitos, misturados. É o que ocorre com a religião “popular”. Por um lado, é bem claro que a cultura folclórica que lhe serve de base foi profundamente trabalhada pela instituição eclesiástica, que não apenas regulamentou, depurou, censurou, mas também tentou impor à sociedade inteira a maneira como os clérigos pensavam e viviam a fé comum. A religião da maioria foi, portanto, moldada por esse intenso esforço pedagógico visando fazer cada um interiorizar as definições e as normas produzidas pela instituição eclesiástica. Mas, por outro lado, a imposição de novas exigências não ocorre sem compromissos assumidos com os hábitos arraigados nem interpretações próprias daqueles que supostamente devem respeitar proibições e prescrições. A religião “popular” é, pois, ao mesmo tempo, aculturada e aculturante: ela não é nem radicalmente distinta da religião dos clérigos nem totalmente modelada por ela.²³

²¹ Optei por trabalhar no presente trabalho com um número reduzido de autores, sobretudo com Roger Chartier, Michel de Certeau, Natalie Zemon Davis, Hilário Franco Jr, Regis Lopes. Todavia, foram de significativa validade para a abordagem aqui proposta, as reflexões sobre História Cultural proposta por autores como Peter Burke, Carlos Ginzburg, Jacques Le Goff.

²² FRANCO JÚNIOR, Hilário. Meu, teu, nosso: reflexões sobre o conceito de cultura intermediária. In: *A Eva Barbada: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 33.

²³ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 15.

As reflexões de Hilário Franco Júnior foram fundamentais para a nossa compreensão cultural das experiências religiosas. Ao considerar que as relações entre níveis de cultura e grupos sociais são marcadas pela produção cultural de cada um deles e por suas interações, o historiador busca valorizar a área de interseção, a ligação entre os “elementos diversos, compósitos, misturados” e não apenas a troca isolada entre cada um deles. Franco Junior lembra que embora a “importância das trocas culturais seja enfatizada desde Bakhtin²⁴, e, sobretudo desde o conceito de circularidade cultural definido por Ginzburg²⁵ (...), isso resolve insuficientemente a questão, por continuar a pensar apenas em dois pólos”²⁶.

Franco Júnior desenvolve seu pensamento a partir da análise dos textos medievais da *Legenda Áurea*.²⁷ Por meio do *exemplum*, principal estrutura narrativa da Legenda, ou seja, um “relato breve dado como verídico e destinado a ser inserido em um discurso (em geral um sermão) para convencer um auditório através de uma lição salutar”²⁸ o historiador sugere pensar a cultura popular:

(...) como aquela praticada, em maior ou menor medida, por quase todos os membros de uma dada sociedade, independentemente de sua condição social. Isto é, nessa hipótese, cultura popular seria o denominador cultural comum, o conjunto de crenças, costumes, técnicas, normas e instituições conhecidas e aceitas pela grande maioria, dos indivíduos da sociedade estudada.²⁹

²⁴ BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 4ª ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

²⁵ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

²⁶ FRANCO JÚNIOR, Hilário. Meu, teu, nosso: reflexões sobre o conceito de cultura intermediária. In: *A Eva Barbada: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 34.

²⁷ Coletânea hagiográfica, escrita por Jacopo de Varazze “(...) um conjunto de textos (*legenda*, ‘aquilo que deve ser lido’, também tinha o sentido de ‘leitura de vida de santos’) de grande valor (daí *áurea*, ‘de ouro’) moral e pedagógico”. Segundo Hilário Franco Jr, a *Legenda Áurea*, captou de forma firme e nítida a essência do cristianismo ao sensibilizar a todos, sendo um exemplo da *cultura intermediária*. Seu autor, Jacopo, nasceu em 1226 na cidade de Varazze, próxima a Gênova. Por vinte anos foi líder da Ordem Dominicana, tendo ingressado na mesma aos dezoito anos. Em 1292, foi sagrado arcebispo de Gênova pelo papa Nicolau IV. Morreu em 1298, tornando-se em 1645 patrono de Varazze, sendo beatificado em 1816 pelo papa Pio VII. O objetivo imediato de Jacopo de Varazze era fornecer aos seus colegas de hábito, “(...), material para elaboração de seus sermões. Material teologicamente correto, isento de qualquer contágio herético, mas também compreensível e agradável aos leigos que ouviriam a pregação”. FRANCO Júnior, Hilário. Apresentação. In: Varazze, Jacopo de (1226-1298). *Legenda áurea: vidas de santos*, São Paulo: Cia das Letras, 2003, p. 11-25.

²⁸ FRANCO JÚNIOR, Hilário. Meu, teu, nosso: reflexões sobre o conceito de cultura intermediária. In: *A Eva Barbada: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 13.

²⁹ FRANCO JÚNIOR ressalta que “continuam presentes nessa análise áreas culturais específicas, grupais, classistas, sociais enfim, que se inter-relacionam exatamente porque têm um imenso repertório de pontos comuns. E é através dessa área de intersecção que determinados pontos podem migrar num sentido ou outro, alargando essa zona de identidade grupal e de intermediação cultural”. FRANCO JÚNIOR, Hilário. Meu, teu, nosso: reflexões sobre o conceito de cultura intermediária. In: *A Eva Barbada: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 34.

O historiador define *cultura intermediária* como sendo o “espaço cultural comum á elite e ao vulgo, o conjunto de elementos que, apesar de trabalhados e interpretados diferentemente pelos dois pólos culturais, revela-se o elo de união que cria a identidade profunda de uma sociedade”³⁰.

Exemplo talvez mais elucidativo sobre a relação entre áreas culturais pode ser percebido na evangelização das massas camponesas medievais. Se o clero acolheu dados culturais pré-cristãos, difundidos no seio daquela categoria social, sugere Franco Júnior, não foi apenas como estratégia de conversão, mas porque esses dados estavam presentes também no próprio ambiente cultural eclesiástico.

É preciso sempre distinguir o cristianismo no seu papel de ideologia e no seu papel de religião. Em relação ao primeiro, a cultura folclórica era claramente oposta – e nesse caso aculturação e imposição ideológica tornavam-se um mesmo processo -, e a utilização de fragmentos dela pelo cristianismo era uma forma consciente de dominá-la (...). Em relação ao segundo, cristianismo e folclore confundiam-se, faziam parte de um mesmo conjunto de concepções e sentimentos, daí uma inconsciente identificação profunda³¹

As publicações de eventos extraordinários e de narrativas de milagres no periódico *VRC*, inauguradas, de certo modo, pela história de “Luzia Pesinho”, certamente constituíam parte do repertório das histórias contadas pelos sertões do Norte sobre o padre Ibiapina, o que nos levam a pensar no periódico como espaço de circularidade cultural, de uma cultura intermediária.

Para a Igreja e, de certo modo, para os sertanejos que tinham seu cotidiano transformado pelas santas missões, o milagre representa um sinal que aponta para a intervenção do divino na escassez do cotidiano. É motivo para conversão.³² Todavia, o significado de milagre para a Igreja Católica do século XIX, se

³⁰ Ibid. p.15.

³¹ Ibid. p 37.

³² Como esclareceu Fernando Londono em uma das orientações desse trabalho, não devemos esquecer que a Igreja do XVI, (Trento) ou do XIX (Vaticano I) não desconheceu a importância do milagre como símbolo que manifestava a ação salvífica divina, todavia, a instituição restringiu e administrou os milagres através de diversos decretos dos séculos XVII e XVIII, o mesmo que o martírio. Do potencial simbólico e da capacidade de mediação do milagre a Igreja não podia prescindir. Ele estava dentro do patrimônio simbólico da Igreja. Assim a Igreja através de sua estrutura o restringiu, principalmente, para os religiosos ou o clero secular. Deixando de fora leigos, mulheres, camadas populares. O milagre foi administrou para premiar ordens religiosas ou prestigiar reis e países. O mesmo aconteceu agora com João Paulo II, que diminui o número de milagres para reconhecimento da santidade de dois para um.

diferenciava do significado de milagre que constituía parte das crenças dos devotos de Ibiapina e dos leitores do jornal *VRC*.

Enquanto que para a Instituição, o padre Ibiapina deveria agir em nome da religião Católica Apostólica Romana, devendo-lhe obediência, para os sertanejos que entraram em contato com a mensagem religiosa do missionário, por meio das missões e do periódico *VRC*, Ibiapina era um santo, operava milagres, curava paralíticos, cegos e muitas outras enfermidades do corpo e da alma.

Desse modo, ao lado de reproduções de cartas do Papa Pio IX e de reportagens publicadas em outros periódicos religiosos, nas quais há temas da Igreja Católica, ou seja, obediência aos mandamentos e sacramentos, correção moral dos fiéis, importância do respeito à hierarquia católica, importância da educação religiosa, apareciam no periódico *VRC*, narrativas de uma série de eventos extraordinários e de milagres. A história de “Luzia Pesinho” é emblemática nesse sentido.

Também podem ser observados, no periódico, benditos, que, ao serem escritos, passam a ser cantados nas missões e no interior das Casas de Caridade. As histórias de santas apresentadas na folha, por sua vez, eram relatos de vidas de mulheres comuns, sertanejas.

Na análise do documento-jornal, meu olhar esteve atento ao conteúdo, aos temas, às leituras da época – dos leitores e da própria imprensa – e às influências e tendências ligadas à folha religiosa.

As reflexões de Adelaide Gonçalves, ao analisar a imprensa operária no Ceará no fim do século XIX e início do século XX, apontaram caminhos metodológicos profícuos na análise de periódicos. A historiadora afirma:

Do título aos anúncios, todo o material pode constituir chaves-de-leitura para firmar uma compreensão global e situar o grau de diferenças entre os enunciados e projetos dos jornais. Os artigos de apresentação (...) e os artigos de fundo, essencialmente pedagógicos e doutrinários, contêm os pressupostos de seus projetos. Os artigos assinados, transcrições, excertos, textos epistolares indicam o intercâmbio e a mobilidade da militância e as influências presentes em suas formulações. Os *A pedidos* (...), acolhem as colaborações anônimas, ampliando a participação dos leitores e funcionam como estratégia de adesão. (...) Os anúncios, pagos ou não revelam ainda novos hábitos e atitudes no espaço da cidade e dão a conhecer os novos ofícios requeridos pela remodelação urbana e crescimento das atividades econômicas; os convites, extratos, traduções, lista de livros definem seu programa pedagógico (...).³³

³³ GONÇALVES, Adelaide. *O Trabalhador gráfico*. Edição fac-similar. Fortaleza: Ed. UFC, 2002.p. 9.

Os editoriais do periódico *VRC*, por exemplo, possibilitaram-me compreender a natureza do discurso religioso produzido pelo missionário. Ao contrário de outras seções do periódico, que desapareceram ou tiveram seu conteúdo modificado no segundo ano de existência do jornal, os editoriais permaneceram marcados fortemente por um discurso que se aproxima do pensamento da Igreja Católica naquele período.

Não só as reproduções de cartas do Papa Pio IX e reportagens de jornais católicos que circulavam de outras Províncias do país e, cuja troca com o *VRC* era constante, faz-me crer na associação entre o *VRC* e as “causas” da Igreja. Textos, mais teológicos, que falavam de céu, inferno, sobre o papel do pároco na sociedade, assim como apropriações de passagens bíblicas, certamente adaptadas para serem melhor compreendidas, também contribuíram para caracterizar o jornal *VRC* como um veículo pedagógico e de divulgação do pensamento da Igreja Católica, o que não significa afirmar que o mesmo tenha sido instrumento da política de romanização.

Confrontei os editoriais do jornal, com os discursos produzidos pelo padre Ibiapina. Durante a sua vida missionária, Ibiapina se dedicou a produzir uma série de escritos, a fim de utilizá-los no trabalho de moralização do povo, bem como na orientação das práticas das beatas, órfãs, e filhas de Caridade.

Os escritos do missionário não constituem uma obra sistematizada. Tratando-se na verdade de manuscritos dispersos, preservados por beatas e beatos que conviviam com o “padre mestre”, guardados, principalmente, nos arquivos da Casa de Caridade de Santa Fé, na Paraíba, onde Ibiapina viveu seus últimos anos.

Partes desses manuscritos, compostos de instruções morais, cartas do missionário às caridades, orientações sobre as práticas de confissão e comunhão, textos contendo reflexões do sacerdote e adaptações de temas bíblicos para representações teatrais, foram transcritos, compilados e impressos, por José Comblin,³⁴ e encontram-se à disposição dos pesquisadores sob o título *Instruções Espirituais do Padre Ibiapina* (IEPI).

O estudo da *História das Missões do Cariri-Novo nos anos de 1864 e 1868*, escrita por Bernardino Gomes de Araújo, publicada no *VRC*, na seção *Litteratura*, durante os dois anos de existência do periódico, apontou-me caminhos para analisar

³⁴ COMBLIN, José . *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*. São Paulo: Paulinas, 1984.

o modo como os sujeitos envolvidos na produção do jornal elaboraram narrativas e construíram memórias sobre as missões e sobre o missionário cearense.

A leitura da seção *Fonte Miraculosa*, inaugurada com a narrativa de “Luzia Pesinho” que, durante os 46 exemplares correspondentes ao primeiro ano de circulação do jornal, tratou de divulgar as curas milagrosas ocorridas na fonte do Caldas, em Barbalha, foi importante no sentido de revelar a presença das narrativas de milagres no cotidiano das missões, do jornal e dos sertanejos.

As missões ibiapinianas foram fartamente relatadas por beatos e irmãs de caridade que acompanhavam o missionário pelos sertões, destacando-se o beato Aurélio e a irmã Victória, responsáveis, ao lado de Bernardino Gomes de Araújo, pelo conteúdo dos manuscritos organizados e publicados posteriormente por Eduardo Hoornaert com o título *Crônicas das Casas de Caridade fundadas pelo Padre Ibiapina* (CCC).³⁵ O documento se encontra dividido em quatro partes.

A primeira, sem título, apresenta um pequeno resumo da vida secular de Ibiapina e de suas primeiras missões; seguindo-se a ela, “Missões de Bananneiras no anno de 1863”; a terceira parte intitula-se “Itinerário do irmão Aurélio”; e, por fim, “Segue o Itinerário da Irmã Victória de Santa Julia Ibiapina”. As CCC possibilitaram compreender as múltiplas experiências dos sujeitos que acompanharam o padre Ibiapina e a importância da escrita em suas vidas.

Em 1915, o Cônego José Paulino Duarte da Silva, então diretor da Casa de Caridade de Santa Fé, homenageava o padre Ibiapina no seu 32º aniversário de falecimento, publicando a obra *O padre Ibiapina: notas sobre a sua vida, extrahidas do arquivo da Casa de Caridade de Santa Fé*.

José Paulino vai compor a biografia do missionário a partir dos dados dos manuscritos e daquela biografia escrita por Bernardino Gomes de Araújo publicada no jornal *VRC*.

Outros periódicos, publicados em Fortaleza na segunda metade do século XIX, também se dedicaram a acompanhar os caminhos do missionário. Dentre eles, constituem fonte para o presente estudo, os jornais *Cearense e Tribuna Catholica*.³⁶

³⁵ HOORNAERT, Eduardo. *Crônicas das Casas de Caridade: fundadas pelo Padre Ibiapina*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

³⁶ Os jornais pesquisados estão disponíveis no Setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública Governador Meneses Pimentel, Fortaleza – CE. Exceto as edições do jornal *A Voz da Religião no Cariri* que compõem o acervo pessoal deste pesquisador.

Em relação ao primeiro periódico, investiguei os números do jornal *Cearense*³⁷ publicados entre 1860 e 1870, sendo este o período analisado pela pesquisa. Pude identificar, no periódico liberal, uma série de artigos, editoriais, cartas particulares cujo principal assunto era a ação de Ibiapina no Ceará. Também nas páginas deste periódico, encontrei listas de milagres ocorridos nos banhos na fonte do Caldas.

O jornal *Tribuna Catholica*, sob direção do bispo de Fortaleza, Dom Luiz Antonio dos Santos³⁸, teve uma circulação restrita, que se concentrou entre os anos de 1867 e 1869. O diálogo com este jornal ofereceu-me possibilidades de refletir sobre a posição da Igreja Católica diante do projeto missionário de Ibiapina. Para isso, analisei as seções *Tribuna Catholica*, editorial do jornal, e *Chrônica Religiosa*, seção na qual o cotidiano religioso de outras vilas e freguesias da Província do Ceará pôde ser conhecidos por meio de correspondências enviadas ao jornal pelos párocos daquelas localidades, além de outras notícias sobre as missões ibiapinianas.

Por último, analisei as cartas enviadas pelo padre Ibiapina a Pedro Lobo de Menezes, morador da Vila de Barbalha, colaborador e amigo do missionário. Totalizando nove cartas³⁹, a primeira escrita em 25 de setembro de 1869 e a última em 26 de dezembro de 1874, essas correspondências são indícios da constante troca de informações entre o missionário e aqueles que participavam do jornal, demonstrando os laços afetivos construídos por Ibiapina durante sua passagem pelo Cariri.

Os escritos de Ibiapina foram importantes para a pesquisa, pois trouxeram a possibilidade de compreender as ligações entre o missionário, jornalistas, professores e beatos que ajudavam na escrita do periódico. Revelaram aproximações e distanciamentos. Mesmo estando distante do Crato, onde o VRC

³⁷ O jornal *Cearense*, órgão liberal, teve o primeiro número impresso no dia 04/10/1846, domingo, em tipografia e escritório instalados em Fortaleza, capital da província cearense. Logo após a proclamação da república (1889), até o último número saído em 25/02/1891, os idealizadores do *Cearense*, entre eles o conselheiro Rodrigues Júnior, substituíram a epígrafe “órgão liberal” por “órgão democrático” e, em 1895, fundaram o jornal Ceará, órgão do partido Republicano Democrático do Estado, para que fosse possível agrupar outras tendências políticas”. FERNANDES, Ana Carla Sabino. *A imprensa em pauta: jornais Cearense, Pedro II e Constituição*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. p. 18-19.

³⁸ Usaremos em nosso trabalho a grafia “Luiz”, com a letra “z”, conforme se escrevia o nome do bispo nos documentos da época.

³⁹ Essas correspondências estão disponíveis na Sala de História Eclesiástica da Arquidiocese de Fortaleza (Seminário da Prainha), Fortaleza - CE.

era produzido e, daí, distribuído para outras vilas, missionando em outras Províncias, Ibiapina não deixava de saber, por meio do periódico o que se passava no Cariri.

Assim, diante das questões, bibliografia e fontes apresentadas, a divisão dos capítulos deu-se do seguinte modo:

No primeiro capítulo, intitulado “‘IDE EM TODOS OS PONTOS. ENSINAE A TODOS OS POVOS’: as missões do jornal *A Voz da Religião no Cariri*”, apresento o jornal *VRC* em sua “materialidade”, ou seja, sua produção, sua distribuição, seus colaboradores e suas seções, pois como lembra Chartier: “(...) é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor”⁴⁰.

Percebo que a produção e a circulação do periódico, estavam ligadas às outras Instituições presentes na Vila do Crato, onde o *VRC* era impresso, como é o caso do *Internato Sagrado Coração de Maria* (ISCM), dedicado ao ensino religioso de meninos. O jornal *VRC* deixa de ser compreendido apenas como instrumento de divulgação da obra de Ibiapina, passando a ser analisado como parte integrante das reformas espiritual e material propostas pelas missões e como espaço de vivência de múltiplas experiências religiosas.

No segundo capítulo, “‘ARGUMENTOS IRRESPONDÍVEIS’: santidade e milagre”, procuro compreender o papel exercido pelas narrativas da vida de santos e de cura de milagres divulgadas no *VRC*. Discuto por meio dessas histórias, as múltiplas faces do ser católico no Cariri cearense na segunda metade do século XIX.

Vidas de santas que deveriam ser tomadas como exemplo de virtude e de caridade. Histórias de milagres contadas a partir dos testemunhos colhidos da “bocca dos próprios beneficiados”, suas “testemunhas oculares”. Histórias (re)contadas entre os sertanejos, alimentadas pela fama de Ibiapina como homem “milagreiro”, exemplo de caridade, humildade e sacrifício, como os santos, capaz de operar milagres.

As hagiografias de Josepha de Sancta Anna, de Leonarda do Coração de Jesus, e do próprio padre Antonio de Maria Ibiapina, publicadas no periódico,

⁴⁰ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 127.

apontam para formas específicas de santidade feminina, para as práticas devocionais presentes entre aqueles que acompanharam o missionário, para as crenças tradicionais católicas sendo apropriadas de modo “original” pela imprensa; faz-nos pensar sobre múltiplas experiências religiosas, apropriadas, divulgadas e ocultadas pelo texto jornalístico.

No terceiro capítulo, “‘NEGAR OS MILAGRES, É NEGAR A DEUS’: quem duvida dos milagres?”, analiso os conflitos advindos da publicização das narrativas de milagres no jornal *VRC*, entre Ibiapina e a hierarquia oficial, representada pelo bispo de Fortaleza, Dom Luiz Antonio dos Santos, que vai solicitar a entrega das Casas de Caridade, administrada por Ibiapina e suas beatas, em 1870, mesmo ano em que o missionário deixou a região do Cariri e a folha religiosa deixou de ser produzida. Finalmente, discuto os trabalhos que interpretaram as missões e o jornal *VRC* à luz da categoria “romanização”. Teriam sido as missões ibiapinianas e o *VRC* obstáculos à política de romanização no Ceará, como interpretou Della Cava, ou teriam sido instrumentos de divulgação dessa mesma política, como interpretou a historiadora Josiane de Castro Ribeiro?

Não pretendo oferecer uma resposta definitiva para essa questão, mas propor outra interpretação que leva em consideração as especificidades presentes na região do Cariri naquele momento, assim como os limites e os desafios que se apresentaram à implementação da política de romanização no Ceará, especialmente, no Cariri.

Na presente dissertação busco, a partir de uma escrita mais ensaística, contar a história de um jornal e da crença das pessoas nas maravilhas divulgadas em suas páginas, compreendendo-o como parte constitutiva das experiências religiosas vivenciadas nos sertões.

CAPÍTULO I

**“IDE EM TODOS OS PONTOS. ENSINAE A
TODOS OS POVOS”**: As missões do jornal *A Voz
da Religião no Cariri*

1.1 O jornal *A Voz da Religião do Cariri* e as missões ibiapinianas no Cariri cearense.

Depois de um anno de saudosa auzencia, o Veneravel Apostolo do Cariry voltou ao Crato. O povo correu pressuroso ao seu encontro que teve lugar na Cruz as 5 e meia da tarde do dia 10 do corrente, e foi magnífico na expansão de seu prazer e entusiasmo. As musicas do Internato porfiaram na vibração de seus instrumentos, dois coros das interessantes alumnas (...) fizeram chover flores sobre o illustre Missionário, os foguetes ferirão ruidosamente os ares, as ruas se apinharão de cavalleiros, e de pessoas de toda a classe a pé.⁴¹

A edição do periódico *VRC* que comemorou “um novo anno na existencia jornalística da VOZ DA RELIGIÃO NO CARIRI”, publicada em 20 de fevereiro de 1870, também festejou, como podemos ler na reprodução da notícia que inicia este capítulo, o retorno do padre Ibiapina à Vila do Crato.

A notícia da primeira página aparentemente se repetia. Aparentemente! Se no primeiro número do jornal *VRC*, publicado em 08 de dezembro de 1868, tínhamos a divulgação da carta do padre Ibiapina, convidando os leitores do jornal a participarem das transformações espirituais e materiais promovidas pelas santas missões, naquela edição comemorativa do segundo ano da folha religiosa, acompanhando a notícia do seu retorno à Vila do Crato, temos o anúncio de um conflito:

Tudo era alegria, tudo significava uma brilhante ovação, mas as portas da Igreja de Nossa Senhora da Penha, estavam feixadas, como se feixão as do Gheto, o templo dos judeos em Roma, nas grandes sollemnidades do Redemptor. (...) Um só homem, um somente foi o author e responsável perante o tribunal da opinião publica.⁴²

O clima de festa que marcara quase sempre as missões ibiapinianas, a música dos meninos do *Internato Sagrado Coração de Maria* (ISCM), o còro das órfãs das Casas de Caridade, vestidas de branco, as chuvas de flores, que geralmente imprimiam sentidos às notícias publicadas no periódico, transformadas em histórias e memórias narradas pelos sertões, estava ameaçado pelos conflitos que colocavam, em lados opostos, o padre Ibiapina com o grupo ligado às suas missões, e o vigário da Vila do Crato, Manuel Joaquim Aires do Nascimento.

⁴¹ *VRC*, 20 de fevereiro de 1870.

⁴² *VRC*, 20 de fevereiro de 1870.

A notícia do retorno do “padre mestre” à Província do Ceará se repetia, na medida em que o missionário era mais uma vez festejado nas páginas do periódico, ao mesmo tempo em que apresentava e publicisava, uma nova trama no enredo das missões ibiapinianas no Cariri cearense. Desse modo, a edição de 20 de fevereiro de 1870 é simbólica sobre o lugar do jornal *VRC* na dinâmica das missões do padre Ibiapina e na vida religiosa de homens e de mulheres do Vale do Cariri, afetados pela mensagem religiosa do “Apóstolo da Caridade”.

A edição 49 comemorava “um novo anno na existencia jornalística da VOZ DA RELIGIÃO NO CARIRI”, representando a continuação do jornal como espaço de construção e de legitimação de visões de mundos, principalmente, religiosas, ao mesmo tempo em que explicitava os conflitos que atravessavam as experiências sociais daqueles sujeitos pelo monopólio espiritual no Cariri.

O desfecho daquela nova trama, não demoraria a ser conhecido, embora ele não tenha sido revelado nas páginas do periódico, como aconteceu com tantos outros fatos importantes daquela região. Em 1870, não muito tempo depois daquela edição que anunciava seu retorno à região, o padre Ibiapina deixava o Cariri, para não mais ter sua volta festejada nas páginas do periódico; entregava oficialmente as Casas de Caridade ao Bispo do Ceará, Dom Luiz Antonio dos Santos; e o jornal *VRC* deixava de ser publicado: “Tudo era alegria, tudo significava uma brilhante ovação, mas as portas da Igreja de Nossa Senhora da Penha, estavam feixadas (...)”, profetizava o texto de fevereiro de 1870.

Qual o papel do jornal *VRC*, fundado no Crato para defender os interesses da Igreja Católica Apostólica Romana, mas que dois anos depois tem as portas dessa mesma Igreja fechadas para seus representantes, na saída do padre Ibiapina da região? Teria o Bispo da recém criada Diocese do Ceará, Dom Luiz Antônio dos Santos, “expulsado” o “Homem da Boa Nova” do Vale do Cariri, uma década depois de ter permitido suas missões pela Província do Ceará? Criado para ser a voz da religião no Cariri, mas tendo entrado em conflitos com outras vozes que também falavam em nome da religião, que representações religiosas ecoaram das páginas do periódico?

A leitura da carta escrita pelo padre Ibiapina e publicada na edição inaugural do periódico *VRC*, em 08 de dezembro de 1868, revela que a criação do jornal no Crato, à época, a terceira Vila mais importante da Província do Ceará, estava intimamente ligada aos interesses das santas missões. Ou seja, converter os “infiéis”

à religião Católica Apostólica Romana. Os leitores do jornal foram convidados, pelo próprio Ibiapina, a comerem do fruto plantado e colhido nas santas missões:

Ilmo. Fico muito contente e agradecido com a sua assinatura, porque assim me demonstrou que está possuído dos mesmos sentimentos que procurei gravar no coração de meus ouvintes nas sanctas missões. Ah! quanto alegre que eu fico de ver estampados, no coração de V. As. E no desta boa gente do Cariri, os bellos sentimentos do amor de Nosso Bom Deus, da nossa sancta religião C. A. Romana e da nossa pátria. Eu agradeço, e muito, a sua valiosa coadjuvação a este Jornal, como favor feito a este pobre pecador e terei de contar por ahí os favores que recebi deste povo generoso. Tenho a consolação de assignar-me De V. Amigo apreciador. José Antônio de Maria Ibiapina.⁴³

Não bastava mais falar apenas do púlpito, como fazia Ibiapina nas outras Províncias do Norte. Em nenhuma outra Vila ou Província visitada pelo missionário, em quase três décadas de missões, foi fundado um jornal, como aquele, criado no Crato e distribuído na região do Cariri. A imprensa passou a ser utilizada pelo missionário e por aqueles que estavam ligados às suas missões no Cariri, como estratégia de convencimento, de apoio e de adesão às suas obras, constituindo-se como força ativa na construção de representações sobre a vida religiosa, de modo geral, e sobre as missões, de modo particular.⁴⁴

O periódico *VRC* constitui-se como espaço de construção e de circulação de representações múltiplas, contraditórias, atravessadas por conflitos diversos, no qual a religião assumiu lugar central na batalha de sentidos de homens e de mulheres, ouvintes das missões, devotos de Ibiapina, leitores do jornal.

O estudo de Antônia Otonite de Oliveira Cortez sobre a cidade do Crato⁴⁵ aponta-nos caminhos para o entendimento dessa Vila na segunda metade do século XIX:

⁴³ *VRC*, 08 de dezembro de 1868.

⁴⁴ Na segunda metade do século XIX, circularam no Brasil os seguintes periódicos católicos: *O Apostolo* (Rio de Janeiro), *O Brasil e Chronica Religiosa* (Bahia), *A União* e *O Cathólico* (Recife), *A Estrela do Norte* (Pará), *A Estrela do Sul* (São Pedro do Rio Grande do Sul). Como informa Mauro Tavares, esses periódicos funcionavam como uma organização adequada aos interesses da propaganda eclesiástica e, freqüentemente, trocavam artigos, notícias e enviavam exemplares completos uns aos outros. TAVARES, Mauro Dillmann. Progresso e civilização à luz ultramontana: jornais católicos no sul do Brasil – Porto Alegre, século XIX. In: *Histórica: Revista Online do Arquivo Público do Estado de São Paulo*. nº 12, julho de 2006.

⁴⁵ CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. *A construção da "cidade da cultura": Crato 1889-1960*. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social). UFRJ.

(...) o Crato se propunha ser o núcleo disseminador de um projeto civilizador para a região do Cariri. Para isto, servia-se do fato de ser o espaço mais povoado e de maior projeção econômica na região: foi a segunda freguesia criada na região (1726); o primeiro povoado a ser elevado à condição de vila (inaugurada em 21 de Junho de 1764); o primeiro a ser elevado ao foro de cidade (17 de outubro de 1853); a primeira cabeça de comarca no sul do Ceará (criada em 1816). Estava a favor do Crato também o fato de ser o local onde se concentrou o maior número de intelectuais da região, que fundaram em caráter pioneiro, importantes instrumentos de “promoção da civilização.”⁴⁶

Um dos instrumentos de “promoção da civilização” ao qual a estudiosa se refere é justamente a imprensa. Nesse período, circularam no Crato os seguintes periódicos: *O Araripe* (1855), *O Cratense* (1859), *A Caipora* (1860), *Gazeta do Cariri* (1860), *A Glosa* (1860), *A Camphora* (1862), *A Lyra* (1863), *O Tamborim* (1863), *União* (1868), *A Voz da Religião no Cariri* (1868), *Infância* (1869) e *A Liberdade* (1876).⁴⁷

Dez anos antes da publicação da *VRC*, aqueles que escreviam *O Araripe*⁴⁸, primeiro jornal publicado no interior do Ceará, reconheciam a importância da imprensa como estratégia de intervenção social. Em Editorial de 07 de julho de 1855, lê-se no *O Araripe*:

Testemunha da revolução, que a imprensa, esse agente poderoso, tem operado em todo o mundo (...) nós, que temos visto, como diminuem os crimes, se melhorão os costumes, e pela acção da imprensa cahem, como de podres os prepotentes, esses filhos da anarchia e da ignorância, entendendo que, como condição a prosperidade publica, é urgente reforçarmos essas vozes robustas, que doutrinam as idéias modernas e assim preparar nossos patricios para os dias felizes, que a providencia nos reserva.⁴⁹

Uma década depois, o padre Ibiapina e seus seguidores, do mesmo modo como aqueles que escreveram no jornal *O Araripe*, ainda acreditavam ser a “Imprensa o Sacerdócio que moralise”:

⁴⁶ CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. *A construção da “cidade da cultura”*: Crato 1889-1960. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social). UFRJ. p.19.

⁴⁷ STUDART, Guilherme. Catálogo dos jornais de pequeno e grande formato publicados em Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1986.

⁴⁸ *O Araripe*, cujo diretor João Brígido era um jornalista ligado ao Partido Liberal, foi a primeira tentativa de construção de uma identidade cratense. Durante os dez anos de circulação (1855 a 1865), o periódico advogou a necessidade de criação da província do Cariri. CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. *A construção da “cidade da cultura”*: Crato 1889-1960. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social). UFRJ.

⁴⁹ *O Araripe*, 07 de julho de 1855.

Neste estado que se volverá mais deploravel ainda seja a Imprensa o Sacerdócio que moralise, ensine, regenere e condusa a sociedade ao templo da paz da solidariedade e da gloria: seja ainda A VOZ DA RELIGIÃO NO CARIRI o órgão das ideas neste sentido o instrumento destes beneficios em favor da Doutrina do Evangelho e da terra da patria.⁵⁰

Por meio do jornal, procurou difundir valores, como a importância da instrução pública, valorização do trabalho e dos valores cristãos, responsáveis pela paz social e santificação da alma. Segundo Cortez, “A imprensa não desistia de assumir o seu papel de agente civilizador. A partir da segunda metade do século XIX, foi uma prática comum no Crato a interação da imprensa com a sociedade”⁵¹.

O padre Ibiapina encontrou na Vila do Crato “solo fértil” para a criação de um jornal que divulgasse suas ações no Cariri. Uma década de publicação do jornal *O Araripe*, parece ter contribuído para que a imprensa assumisse um lugar privilegiado naquela região. Lembremos que a maioria dos jornais naquele período era marcada por uma publicação e circulação efêmeras. Muitos deles não passavam do primeiro número. Raros eram os jornais que comemoravam aniversário. Foi um “feito”, portanto, que *O Araripe* “sobrevivesse” às dificuldades financeiras, materiais (tipos, papel, tinta), de distribuição, de assinaturas etc.

O jornal *VRC* representa de certo modo essa “cultura da imprensa e do impresso” presente na região do Cariri, especialmente na Vila do Crato. O prelo manual que serviu para a impressão do jornal *VRC* foi aquele utilizado para a impressão do jornal *União*, também produzido no Crato⁵². Um dos colaboradores mais ativos do periódico religioso, Bernardino Gomes de Araújo, aparece uma década antes da criação do jornal *VRC*, assinando matérias no jornal *O Araripe*.

O jornalista João Brígido dos Santos, diretor do *Araripe*, ao deixar o Cariri, em 1865, instalando-se em Fortaleza, onde passou a colaborar com o jornal liberal *Cearense*, publicado naquela capital, pode ter contribuído ou facilitado a publicação de notícias no *Cearense* favoráveis às missões do padre Ibiapina na Província do Ceará. É possível que as matérias publicadas naquele jornal sobre as missões

⁵⁰ *VRC*, 08 de dezembro de 1868.

⁵¹ CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. *A construção da “cidade da cultura”*: Crato 1889-1960. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social). UFRJ. p. 25

⁵² NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à história do jornalismo cearense* - edição fac-similar/ Fortaleza: NUDOC/ Secretaria da Cultura do Estado de Ceará - Arquivo Público do Estado do Ceará, 2006.

ibiapinianas, algumas delas assinadas por Bernardino Gomes de Araújo, tenham sido resultado da relação de amizade entre João Brígido, Bernardino Gomes e o próprio missionário.

Como podemos observar na matéria do jornal *Cearense*, que relata a passagem de Ibiapina em fevereiro de 1863 por Santana do Acaraú, Vila da região norte da Província, o “tom” de “revolução material e espiritual” que marcava as narrativas sobre as missões ibiapinianas publicadas na folha religiosa do Cariri também podia ser observado naquelas notícias divulgadas no jornal liberal da Capital:

O grande movimento religioso, que se tem operado nestes últimos tempos ao noroeste da província e a cuja frente se acha o incansável e ilustrado padre-mestre José Antônio de Maria Ibiapina, há sido fecundo em grandes e proveitosos resultados. A sensível modificação que se observa na índole do povo, a reforma radical dos costumes infensos à pureza da moral e da religião e, finalmente, a grande série de obras pias de todo gênero, que surgiu para servir como que de linha intermediária entre um passado lastimável e um futuro cheio de esperanças, são outras tantas provas que servem para robustecer a verdade de nossa proposição (...).⁵³

Por sua vez, em 13 de março de 1870, o jornal *VRC* dava mostras de suas constantes trocas de informações com João Brígido dos Santos, e o jornal *Cearense*:

Dos prelos do *Cearense* acaba de sahir uma nova edição da – Simplificação da Grammatica Portuguesa – pelo Sr. João Brigido dos Sanctos. Este trabalho utilíssimo reúne todas as vantagens, preenche satisfactoriamente todas as condições que se exigem em um bom compendio, e dê preferencia as demais grammaticas, pelas quaes se custuma ensinar das escolas da província, deve ser adaptado para uso de nossas aulas. O Internato [Internato Coração de Maria] por via de seus directores felicita ao Sr. João Brigido pelo importantíssimo serviço que prestou as letrase a mocidade estudiosa da Província, e sollicita a remessa de 50 exemplares de sua grammatica.⁵⁴

Além do padre Ibiapina, estavam envolvidos com a escrita do jornal, José Joaquim Tellis Marrocos, responsável pela redação do periódico; o padre Ignácio de Sousa Rolim, diretor do *ISCM*; Bernardino Gomes de Araújo, ex-professor de

⁵³ *Cearense*. 27 de fevereiro de 1863.

⁵⁴ *VRC*, 13 de março de 1870.

Primeiras Letras de Missão Velha, autor da primeira biografia do padre Ibiapina e da *História das Missões do Cariri-Novo nos anos de 1864 e 1868*, ambas publicadas no jornal; Pedro Lobo de Meneses, o primeiro a enviar ao jornal os nomes de pessoas curadas com o banho na fonte do Caldas, em Barbalha; o “velho” Dino e Victória, ex-professora da Casa da Caridade de Missão Velha e regente da Casa do Crato, assinavam a maioria dos cânticos presentes nas páginas do periódico.

Segundo Azarias Sobreira, Joaquim Tellis Marrocos:

(...) não passou pelo sul do Estado como uma ave de arribação. Nascido no Crato, ali viveu tôda a sua infância e todas as férias de seu currículo estudantil, seja em Cajazeiras, sob a direção do sábio Padre Inácio de Sousa Rolim, seja em Fortaleza, no Seminário Maior daquela cidade. Deixando a carreira sacerdotal quase às vésperas do presbiterato, rumou para o Rio, logo entrou a militar na imprensa com o ardor de um cruzado (...).⁵⁵

Outro colaborador importante na produção do periódico foi o padre Rolim “(...) que se tem destinado ao magisterio no Internato do Sagrado Coração de Maria”.⁵⁶ Segundo informa o jornal *Cearense*, de 12 de agosto de 1862, o padre Rolim era ex-professor de grego no antigo Seminário de Olinda, no ginásio pernambucano, e ultimamente “era director do Collégio das Cajazeiras na Paraíba”. A partir de então “resolveo-se passar para a cidade do Crato, para ahi cedendo a sua vocação pelo ensino fundar um collegio de instrução primaria e secundária, cuja instituição era o Internamento Coração de Maria”.⁵⁷

O jornal do Bispado do Ceará, *Tribuna Catholica*, sob direção do Bispo Dom Luiz Antônio dos Santos, deu relativo destaque à Instituição fundada pelo professor de Cajazeiras, na Vila do Crato. O jornal oficial da Igreja Católica no Ceará comemorou a criação do *ISCM*. Sobre o padre Rolim, escreveu:

O padre mestre Rolim tem já bastante prática dessas cazas de instrucções; por muitos anos S. Rvm. Um colégio na vila de Cajazeiras, da província da Parahyba, donde sahiram muitos moços que hoje se acham formados em medicina, sciencias jurídicas, mathematicas.⁵⁸

⁵⁵ SOBREIRA, Azarias. Em defesa de um abolicionista. In: _____. *O Patriarca de Juazeiro*. Petrópolis: Oficinas Gráficas da Editora Vozes, 1969. p. 336.

⁵⁶ *VRC*, 03 de outubro de 1869.

⁵⁷ *Cearense*, 12 de agosto de 1862.

⁵⁸ *Tribuna Catholica*, 16 de agosto de 1868.

Francisco Sadoc de Araújo, autor da biografia *Padre Ibiapina: apóstolo da Caridade*, num primoroso trabalho de pesquisa sobre o missionário cearense, ao escrever sobre o jornal *VRC*, lembra a importância do estabelecimento de ensino para o funcionamento das missões:

O novo estabelecimento de ensino [Instituto do Coração de Maria] dispunha de bom equipamento, inclusive de orquestra e tipografia. Para bem utilizar a gráfica, padre Ibiapina tomou a si a iniciativa de fundar um pequeno jornal semanal, com circulação aos domingos, sob nome de “A Voz da Religião no Cariri”, sob a perícia do tipógrafo Agostinho Luis Arnaut. No cabeçalho, o periódico trazia o lema: “Ide em todos os pontos, ensinae a todos os povos”. E mais abaixo, dizia “Sob os auspícios do padre José Antônio de Maria Ibiapina e redação de José Joaquim Teles Marrocos”.⁵⁹

Foi na tipografia da instituição de ensino *ISCM*, inaugurada em 01 de novembro de 1868, um mês antes do lançamento do periódico, que os primeiros 400 exemplares do jornal *VRC* foram impressos. No escritório da tipografia o número avulso do jornal era vendido juntamente com outras publicações assim como também era distribuído aos assinantes.

Quando da inauguração do *ISCM*, Ibiapina rezou “missa cantada com sermão ao Evangelho”, fazendo em seguida seu sermão, acompanhado do discurso do Ignacio de Souza Rolim, diretor do colégio. A tarde realizou a benção do Edifício. Tudo sob os olhares admirados do povo que se encontrava presente.⁶⁰ O “ensino de orphaos” compreendia aulas de “Primeiras Letras”, “Grammatica Nacional”, “Francez”, “Latim”, “Doutrina Catholica” e ainda a “arte typographica”.

A fala de Bernardino Gomes de Araújo por ocasião da inauguração do *ISCM* aponta para o pensamento do grupo de sujeitos, que apoiavam e divulgavam as missões ibiapinianas no Cariri. O professor de Missão Velha, assíduo frequentador das páginas da folha religiosa, escreve em 25 de dezembro de 1868, elogiando a instituição e o padre Ibiapina:

Louvemos ainda o Nosso Senhor JESUS pela instituição deste Estabelecimento, que educa o orphao, da-lhe o pão, forma o cidadão no menino infeliz, que vagava nas ruas a espreitar as relíquias da mesa alheia. Louvemol-o pois por nos ter livrado do poder de Satanaz. Louvemol-o por ter ensinado as nações as leis da Caridade, da humildade e do sacrifício. (...) Louvemol-o, pois, por nos ter

⁵⁹ ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*. Fortaleza: ed. Paulinas, 1996. p. 401.

⁶⁰ *VRC*, 13 de dezembro de 1868.

mandado, o seu servo, o Apostolo do Cariri, para nos desvendar os olhos, para nos ensinar as verdades eternas, e para de sua parte nos abençoar. Louvemol-o enfim pela criação do Internato Coração de Maria; pela 'Voz da Religião no Cariri', que são criaturas suas, para na sua ausência, nos fallarem, nos advertirem dos nossos deveres, de nossas obrigações.⁶¹

Aponta também para os diversos significados que as obras ibiapinianas assumiam entre seus contemporâneos. Significado material, pois a construção do Internato e das Casas de Caridade tinha o objetivo de “educa[r] o orphao, da[r]-lhe o pão, forma[r] o cidadão no menino [e meninas, no caso das Casas de Caridade] infeliz, que vagava nas ruas a espreitar as relíquias da mesa alheia”⁶²; o significado religioso por “ter livrado do poder de Satanaz. Louvemol-o por ter ensinado as nações as leis da Caridade, da humildade e do sacrifício. (...)”⁶³ para nos desvendar os olhos, para nos ensinar as verdades eternas, e para de sua parte nos abençoar”⁶⁴, e ainda, deveriam imprimir a presença-memória do missionário, da Igreja e da religião mesmo quando este estivesse ausente da região. Por fim, a “criação do Internato Coração de Maria; pela 'Voz da Religião no Cariri', que são criaturas suas, para na sua ausência, nos fallarem, nos advertirem dos nossos deveres, de nossas obrigações”⁶⁵.

O semanário *VRC*, contendo quatro páginas, tamanho ofício, dividido em duas colunas, saía aos domingos, sendo distribuído ainda nas vilas de Barbalha, de Missão Velha, de Milagres, de Porteiras, de Goyaninha e de Jardim, tendo sua última edição, a 82ª, impressa em 27 de novembro de 1870. O número avulso do periódico era vendido a 120 réis. A assinatura da *VRC* custava no Crato, 5\$000 (cinco mil réis), e em outros pontos 6\$000 (seis mil réis). Seus primeiros 400 exemplares logo se esgotaram como faz crer nota publicada em sua segunda edição.⁶⁶

Em cada uma dessas vilas havia uma pessoa responsável por receber a assinatura e distribuir o jornal *VRC*. Esses sujeitos denominados pelo jornal de “colaboradores”, “cooperadores”, “benfeitores” e/ou “agentes” não se limitavam à

⁶¹ *VRC*, 25 de dezembro de 1868.

⁶² *VRC*, 20 de dezembro de 1868.

⁶³ *Idem*.

⁶⁴ *Idem*.

⁶⁵ *Idem*.

⁶⁶ *VRC*, 13 de dezembro de 1868.

função de distribuir em suas respectivas localidades a folha religiosa, aparecendo nas páginas do jornal em diferentes situações.

Alguns desses homens, letrados, políticos e/ou religiosos escreveram no jornal, como foi o caso do professor e “cooperador” de Missão Velha, Bernardino Gomes de Araújo; outros tiveram seus discursos reproduzidos na folha, como foi o caso do também professor, “cooperador”, além de “colaborador” José Sismando de Maria Xenofonte, da Vila de Milagres; enquanto que outros, como foi o caso do senhor José Estrella Cabral Junior, “agente” das Vilas de Cajaseiras e São João raramente apareciam.

O periódico era enviado também para outras Províncias do país, mantendo correspondências com outros jornais religiosos e não religiosos. Em 03 de outubro de 1869, a folha *VRC* estampava em suas páginas, o nome de alguns desses jornais, agradecendo os mesmos pelo apoio recebido: “‘The Brazilian World’ (Imprensa Inglesa no Rio de Janeiro), ‘O amigo do povo’ (Folha democrática e Liberal na Cidade de Thêresina, Piauhy), ‘A Voz do Brasil’ (Periódico em substituição da Ordem, Pernambucano), ‘O Beija Flor’ (Jornal Litterário e Recreativo em Maceió, Alagoas)”⁶⁷.

O jornal *Tribuna Catholica*, citado anteriormente, mantinha correspondências com o jornal *VRC*, ambos, eram os únicos periódicos religiosos a circularem na segunda metade do século XIX na Província do Ceará. Em nota de 14 de janeiro de 1869, lemos no jornal *Tribuna Cathólica*:

Periódico religioso: Recebemos, desta vez, os números 4, 5, 6 e 7, da Voz da Religião no Cariry, que se publica na cidade do Crato. O padre Ibiapina se havia retirado desta cidade, afim de missionar em outras Províncias – Havia celebrado a sua primeira missa no dia 27 de janeiro.⁶⁸

Quanto aos leitores do jornal *VRC*, não é uma tarefa fácil para os historiadores acompanhar os seus modos de ler. A ausência de fontes, que descrevam os diferentes modos de leituras realizadas pelos diferentes sujeitos, quase impossibilita perceber o modo como aquelas pessoas, não apenas os letrados, como se pode imaginar inicialmente, se apropriavam do discurso da folha.

⁶⁷ *VRC*, 03 de outubro de 1869.

⁶⁸ *Tribuna Catholica*, 14 de janeiro de 1869.

Todavia, uma leitura atenta do periódico revela rastros que podem ajudar a percorrer os modos de ler no interior do Ceará, na segunda metade do século XIX.

Em 03 de janeiro de 1868, o jornal *VRC*, trouxe uma notícia sobre a comemoração do Natal na Vila do Crato. Em meio às descrições, como “A multidão ajoelhada invoca com o Pregador a assistência do Espírito Santo” ou “No fim do sacrifício elle [Ibiapina] pede de joelhos as misericórdia do senhor sobre seus filhos e aplicca os oblatas que lhe dão, em beneficio da espella de S. Vicente”, temos uma pista sobre uma maneira de se ler o periódico: “Depois disto, distribuio-se a Voz da Religião entre os assignantes e o Reverendo Vigário celebra então sua missa”.⁶⁹

É possível que os assinantes da folha, ao receberam a mesma durante a missa, tenham acompanhado os cânticos escritos pelo “velho Dino” ou por Bernardino Gomes, tocados pelos alunos do *ICM*. Muitos desses assinantes, como era o caso do senhor Fenelon Bolmicar da Cunha, que escreve ao redator José Tellis Marrocos para “(...) associar-me às demonstrações de regogizo com que o povo desta Cidade [Crato] festejou a inauguração da Casa de Caridade”⁷⁰, tiveram seus discursos reproduzidos no jornal ou tiveram seus nomes associados às listas de doações materiais às obras Ibiapinianas. Eram ao mesmo tempo leitores e produtores do texto jornalístico.

O público do jornal, todavia, não se limitava aos assinantes do jornal *VRC*, sendo também formado por jornalistas de outras Províncias, para onde o periódico era remetido. O público do *VCR* era formado ainda por mulheres, moças e meninas professoras, internas ou pensionistas das Casas de Caridade, onde era recomendada a leitura do periódico pelo missionário, durante as refeições ou no intervalo dos trabalhos domésticos.

Enquanto as meninas das Casas de Caridade, e supomos as filhas dos assinantes, liam principalmente, a seção *Folhetin*, na qual eram publicadas biografias de beatas escritas a partir da narrativa hagiográfica, como veremos no segundo capítulo deste trabalho, os meninos do *ISCM* deveriam ler os cânticos presentes no periódico, pois os mesmos eram os responsáveis, ou pelo menos aqueles que compunham a banda de música, por acompanhar esses cânticos durante as missões.

⁶⁹ *VRC*, 03 de janeiro de 1869.

⁷⁰ *VRC*, 14 de março de 1869.

Os meninos do *ISCM* deveriam ainda ler o periódico *VRC* tomando-o como exemplo para produzir seu próprio jornal, *A Infância*, assim como a folha religiosa, impressa na tipografia do estabelecimento. Em 7 de fevereiro de 1869, o jornal *VRC*, trazia a seguinte nota:

A INFÂNCIA – Com este titulo sahio à luz no dia 2 do vigente um Jornalzinho, critico e noticioso, sob a direção do Internato. Saudamos os pequenos lidadores da imprensa de nosso paiz e acolhemos com um rizo de benevolência o seu Periódico, fazendo votos pela sua prosperidade.⁷¹

Desse modo, não falamos apenas de uma leitura realizada no espaço privado pelos assinantes do jornal, “recolhidos na intimidade solitária”, como devia ser a leitura realizada por Bernardino Gomes à luz da lamparina, mas também de uma leitura realizada em voz alta durante o ritual das missões (sermões, cânticos) e mesmo após a saída de Ibiapina das vilas (discursos, atas de inauguração), ou ainda durante as refeições nas Casas de Caridade.

A Voz da Religião no Cariri, Occurrencias do Tempo, Folhetin, Collaboração, Litteratura, Annuncios, eram algumas das seções do jornal *VRC*. Em todas elas, a religião, como não poderia deixar de ser em se tratando de um jornal religioso, aparecia como tema principal. Se a religião era apresentada no periódico como sendo “(...) o vinculo que aproxima creatura do creador, o equilibrio que sustenta a humanidade em seu movimento, a rasão de ordem que harmonisa a sociedade intelligente”⁷², era também a ligação entre as diferentes seções. Todavia, o modo como a religião era apresentada em cada uma delas se diferenciava.

Na seção *A Voz da Religião no Cariri*, uma espécie de editorial, não assinado, mas provavelmente escrito pelo padre Ibiapina, era apresentada a importância da religião no destino da nação e na “manutenção do equilíbrio social”:

Violar seus preceitos [da Religião], dispresar seus dogmas importa pois rompimento deste laço de união entre Deus e o homem, a perda do equilibrio social e a destruição de toda ordem moral, e a revolta contra o poder que a estabeleceo. (...) Que se peque é uma desordem, mas que haja punição quando ha peccado, é a regra. Pelo castigo portanto o homem volta a ordem donde sahira pela transgressão (...).⁷³

⁷¹ *VRC*, 7 de fevereiro de 1869.

⁷² *VRC*, 20 de dezembro de 1868.

⁷³ *Idem*.

Em alguns momentos, no espaço ocupado pela seção *A Voz da Religião no Cariri*, aparecia *Expediente*, onde eram divulgadas notícias sobre a presença ou ausência do padre Ibiapina no Cariri. Em 25 de dezembro de 1868, por exemplo, foi divulgada carta do padre Ibiapina, escrita em 22 de dezembro, onde o mesmo informava sua retirada do Crato, e confiava sua correspondência ao senhor Marrocos, redator do jornal. Em 03 de janeiro de 1869, outra carta do missionário, escrita no momento de sua partida, em 02 de janeiro de 1869, era publicada no jornal, por meio da correspondência o missionário explicava que deixava a cidade sem completar os serviços de construção da Casa de Caridade.

Na seção *Occurrencias do tempo*, que no primeiro número do periódico aparece com o nome de *Diversidades*, notas curtas abordando assuntos diversos, encontramos notícias sobre o cotidiano das vilas do Cariri; trechos extraídos de outros periódicos e informações de outros países. Em “ESTRELLAS CADENTES”⁷⁴, temos a notícia de um “pnefomeno” das “estrellas cadentes”, observado na madrugada de 13 para 14 de novembro de 1868. Na edição seguinte, foi registrada a festa da Imaculada Conceição na Vila de Milagres, comemorada em 08 de dezembro, com levantamento de bandeira, “Vinte e tantas meninas acompanharão o estandarte em coro um hymno a N. S. composto pelo Professor”⁷⁵. Em “INVERNO”⁷⁶ aparece a informação sobre as seguidas chuvas, mandadas por Deus para aliviar o sofrimento dos sertanejos.

As seções *Folhetin*, *Collaboração* e *Litteratura* ocuparam o maior espaço na publicação, ao longo dos dois anos de existência do jornal. Imagino que os assuntos abordados nessas seções eram aqueles que deveriam causar mais burburinhos e alimentar as histórias sobre as missões e sobre o padre Ibiapina. Como veremos mais demoradamente nas próximas linhas, especialmente nessas seções, circularam, continuamente, representações, algumas delas convertidas em práticas, que se constituíram em parte importante das experiências religiosas dos homens e das mulheres que entravam em contato com a mensagem religiosa do padre Ibiapina.

As biografias de mulheres sertanejas, pessoas comuns, que ao participarem das obras do padre Ibiapina tornaram-se santas, publicadas na seção *Folhetin*,

⁷⁴ VRC, 08 de dezembro de 1868.

⁷⁵ VRC, 20 de dezembro de 1868.

⁷⁶ VRC, 25 de dezembro de 1868.

devem ter incentivado muitas outras mulheres a deixarem suas casas para viverem nas Casas de Caridade fundadas pelo missionário. Na seção *Colaboração*, foram muitas as “resenhas” que apresentaram os testemunhos de curas miraculosas daqueles que seguindo o exemplo de “Luzia Pesinho” e a recomendação do padre Ibiapina, tomaram banho na fonte do Caldas, em Barbalha, e de lá saíram curados. Finalmente, em *Litteratura*, Bernardino Gomes de Araújo, escreveu suas memórias sobre as missões ibiapinianas no Cariri, assim como publicou também uma biografia do missionário.

O dia escolhido para o lançamento da folha religiosa, 08 de dezembro de 1868, não poderia ter sido mais apropriado. O dia era de celebração. Comemorava-se, no Cariri Novo, a Imaculada Conceição “que tantos milagres tem operado (...) aurora brilhante da VOZ DA RELIGIÃO NO CARIRI na manhã de sua vida, (...)”⁷⁷.

Imaginemos a solenidade de lançamento do periódico, seu clima de festa, entusiasmo e expectativas, mesmo sem relatos deixados sobre aquele dia. Podemos compará-lo à “sollemnidade possível” à Conceição Imaculada, festejada na vila de Milagres, também no Cariri, destacando, que na Vila do Crato, o evento possivelmente foi mais “pomposo”, pois se tratava dos festejos à devoção e o lançamento do jornal, na Vila mais rica e povoada do Cariri:

No dia 7 á noite levantou-se [na vila de Milagres] a bandeira no meio das ovações enthusiaslicas e fervorosas de um povo religioso. Vinte e tantas meninas acompanharão o estandarte cantando em coro um hymno á N. Sr^a composto pelo Professor. Dezesseis meninas com bandeirolas, ao recolher-se a procissão, recitarão no patamar, bellos versos adequados á Festividade. No dia 8 cantou a missa o reverendo Vigário (...). A tarde houve procissão com o Senhor exposto.⁷⁸

Celebrada durante oito dias, a Conceição de Maria, como lembrava o jornal, simbolizava que:

A humanidade ansiava regenerar-se pelo intermédio da mulher forte que devia esmagar a soberba cabeça da serpente damnada, que fora a causa notória de sua infelicidade. (...) O dia 08 de dezembro, em harmonia com todas as aspirações, opera grande revolução nos destinos das nações do globo.⁷⁹

⁷⁷ VRC, 08 de dezembro de 1868.

⁷⁸ VRC, 20 de dezembro de 1868.

⁷⁹ VRC, 08 de dezembro de 1868.

Os sujeitos ligados à escrita e à produção do jornal não deixaram de perceber na data, “um dia memorável”, o momento oportuno para o lançamento do periódico. Ao contrário das outras edições que saíam aos domingos, o primeiro número da folha, saiu em uma terça-feira, quando então se comemorava a devoção.

Segundo Riolando Azzi, Nossa Senhora da Conceição foi o título mariano mais difundido na colônia luso-brasileira, recebendo maior incremento com a chegada dos franciscanos nas últimas décadas do século XVI. Ainda segundo o teólogo, Nossa Senhora da Conceição, além das igrejas e capelas espalhadas pela colônia, era cultuada também nos “nichos e capelas dos engenhos, nas ermidas construídas no alto dos morros ou à beira das estradas. Multiplicavam-se também as imagens e estampas dessa mesma padroeira”⁸⁰.

É, pois, sob as bênçãos da Conceição de Maria e do *Sagrado Coração de Jesus* (SCJ)⁸¹, devoções presentes nas missões e no cotidiano dos sertanejos, que o periódico *VRC* vai se constituir como espaço privilegiado de circulação de múltiplas experiências religiosas. A crença nos milagres, nos santos e na religião como capaz de transformar a realidade era justificada por um cotidiano marcado por eventos extraordinários, sendo as missões ibiapinianas o lugar primordial desses acontecimentos.

O missionário não poderia estar melhor acompanhado. O *SCJ* simbolizava na perspectiva da Igreja e do próprio padre Ibiapina, as missões das “santas missões” e do jornal *VRC*. Depois de não poucas dúvidas e resistências dentro da própria Igreja, o papa Clemente XIII, em 1767, aprovou oficialmente o culto e a missa ao *SCJ*. O papa Pio IX, cujo pontificado se dá na época das missões do padre Ibiapina, estendeu, em 1856, a festividade do *SCJ* para toda a Igreja, na sexta-feira após o segundo domingo depois de pentecostes.

O missionário trazia “como credenciaes de sua missão divina, e como garantia de nossa felicidade os sacramentísimos Corações de Jesus e de Maria”⁸².

⁸⁰ AZZI, Riolando. *A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2005. p 219.

⁸¹ De acordo com o padre Lucio Zorzi, em suas formas atuais, a devoção ao *SCJ* tem quatro séculos, embora a mesma tenha nascido aos pés da cruz, com São João Evangelista. No século XVII, uma santa freira francesa, santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690), fora escolhida por Deus para difundir a devoção ao *SCJ*. A ela e as suas visões místicas, ocorridas no convento de Paray-le-Monial, informa Zorzi, devem-se muitas das atuais práticas da espiritualidade do *SCJ*: o dia do *SCJ*, a hora santa e a comunhão reparadora nas primeiras sextas-feiras do mês, a entronização da imagem do Sagrado Coração nos lares, a própria iconografia do *SCJ*. ZORZI, Lucio. *O Sagrado Coração de Jesus: espiritualidade para o novo milênio*. São Paulo: Paulinas, 2001.

⁸² *VRC*, 07 de fevereiro de 1869.

Ao carregar as imagens do *SCJ*, durante as missões, o padre Ibiapina, tinha o objetivo de fazer crê que a “nova humanidade”, a Igreja e seus sacramentos nasceriam do coração transpassado de Jesus: “Contemplar a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo nos faz lembrar que o Coração de Jesus Cristo continua sendo transpassado pela ingratidão e pelos pecados do mundo”⁸³.

Ao destacar o *SCJ* em suas matérias, o jornal *VRC* aponta o lugar primordial da devoção no ritual das missões. O periódico divulgava um culto “oficial” ao mesmo tempo em que se apropriava de uma devoção muito presente entre os sertanejos do interior do Ceará, transformando-se em espaço de circulação dessa mesma devoção.

Diversas foram as maneiras das pessoas mostrarem esse coração misericordioso durante as missões. As páginas do periódico estão repletas de exemplos que deveriam ser imitados. Aliás, a eficácia das missões era medida pelos resultados exteriores, ou seja, construção das obras materiais e testemunhos públicos das mudanças operadas na vida dos sertanejos.

Era aos pés das imagens de santos e de santas, que os fiéis depositavam suas doações às obras ibiapinianas. Havia um momento nas missões, dedicado a essa prática: “Em seguida, expozerão-se à veneração dos fieis os quadros dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria e a Venerável Imagem da Senhora das Dores, Padroeira da Capella; e passado o acto de adoração recolheo-se de esmolas a quantia de 570\$000 mil reis”⁸⁴.

As ofertas para as obras de caridade, com os nomes dos doadores e os objetos doados são encontradas em praticamente todas as edições do jornal *VRC*. Afinal, as obras ibiapinianas só foram possíveis graças às ofertas das pessoas de cada localidade: “A Exama. Sra. D. Rita Maria Leite, natural de Milagres, fez em 16 do p.p, donativo de um crucifixo de prata a Sancta de Caridade desta Cidade [Crato]”⁸⁵, ou “O senhor Cap. Antonio Gomes de Campo Petiço, oferece ao Dr. Ibiapina um relógio grande, de repetição com destino a um das Casas de Caridade do Cariri novo”⁸⁶ e ainda:

⁸³ ZORZI, Lucio. *O Sagrado Coração de Jesus: espiritualidade para o novo milênio*. São Paulo: Paulinas, 2001.p. 10.

⁸⁴ HOORNAERT, Eduardo. *Crônicas das Casas de Caridade: fundadas pelo Padre Ibiapina*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. p. 105.

⁸⁵ *VRC*, 08 de dezembro de 1868.

⁸⁶ *VRC*, 03 de janeiro de 1869.

O senhor capitão Pedro Lobo de Menezes acaba de oferecer ao Rm. Senhor Padre Mestre Ibiapina, a quantia de 4:000:000 para as dispezas que demandar a Installação da sancta Caza de Caridade e Hospital de Mizericordia da villa de Barbalha. (...). Acções como estas estão acima de todo elogio; todavia cumpre-nos dizer que o Senhor Pedro Lobo é o heroe do Evangelho á quem disse DEUS: - Dae aos pobres e terás um thezouro no Ceu.⁸⁷

Desse modo, em discurso preparado para ser lido durante a inauguração da Casa de Caridade do Crato, o senhor Fenelom Bomilcar da Cunha, que mais tarde seria nomeado advogado daquela Casa pelo padre Ibiapina, destacava um dos valores mais presente no seu discurso e na prática do missionário: a caridade.

(...) a caridade, que, firme alavanca da civilização, poderoso esteio das sociedades modernas, nobre impulsor dos progressos sociaes, é o mais sólido fundamento da felicidade dos povos, assim como o mais seguro vehiculo para nos conduzir á salvação eterna e, applicavel á todas as relações da vida humana, ella manifesta-se por mil e variadas formas.⁸⁸

As ofertas também podiam vir de instituições e não apenas de particulares. Em 20 de dezembro de 1868, o jornal *VRC* publicou subscrição realizada pelo *ISCM*, onde o estabelecimento “possuído dos mesmos sentimentos e ideas que VRm^a” oferecia a “pobre offerta” de 48\$000 (mil réis) para a construção da Casa de Caridade do Crato⁸⁹.

O primeiro nome da lista, com a maior oferta, 25\$000 (mil réis), foi justamente o senhor José Joaquim Tellis Marrocos, redator do jornal *VRC* e vice-diretor do Internato. O padre Ibiapina, que também procurava mostrar um coração misericordioso àqueles que prontamente atendiam às suas recomendações, não demorou a agradecer publicamente a oferta do *ISCM*. No mesmo número o periódico divulgou o agradecimento do padre Ibiapina: “Rogo ao Redactor da ‘VOZ DA RELIGIÃO NO CARIRI’ que publique a carta, a subscrição e os nomes destes bons amigos e meninos que tão generosamente tomam parte nas despesas da Sancta Casa de Caridade do Crato”⁹⁰.

Esses senhores, tão distintos, além de terem seus nomes publicados no periódico, tiveram seus nomes lidos durante o ritual das missões. Naquela mesma

⁸⁷ *VRC*, 07 de março de 1869.

⁸⁸ *VRC*, 14 de março de 1869.

⁸⁹ *VRC*, 20 de dezembro de 1868.

⁹⁰ *Idem*.

edição, o missionário publicou carta no periódico em agradecimento à oferta do educandário:

O padre Ibiapina commovido pela esmola que lhe offerrecem o illustre Director e os alumnos (...) abraça esta tenras plantas, mimosas, por serem a esperança da Pátria e defensores da Religião que professamos. Li com grande consolação os nomes desses pequeninos que com entusiasmo assignaram os seus nomes.⁹¹

Nas imagens do *SCJ*, Jesus é representado apontando seu coração com as marcas de sua paixão (cruz, espinho, ferida). Em volta dele há cinco elementos simbólicos: a ferida aberta, a cruz, as chamas, os espinhos, as gotas de água e de sangue que brotam da ferida. A ferida aberta é um convite a contemplação, marca da ressurreição e da presença de Jesus entre os homens. A cruz em cima do coração representa a obediência de Jesus à vontade do Pai, pedindo uma prática de imitação. O fogo representa o ardor missionário pela evangelização. Os espinhos em volta do *SCJ* representam os pecados e pedem por reparação. E da água e do sangue que jorram do coração transpassado nasce a nova humanidade: a Igreja.

É possível que ao escolher essa devoção, dando destaque a mesma nos momentos mais significativos das missões Ibiapina se inspirasse na passagem da Bíblia que diz:

Venham até a mim todos vocês que estão cansados (...) e eu lhes darei descanso. Carreguem a minha carga e aprendam de mim, por que sou manso e humilde de coração e vocês encontrarão descanso para suas vidas! Porque a minha carga é suave e o meu fardo é leve⁹². (Mateus 11,28-29)

Era essa a mensagem religiosa de Ibiapina, anunciada pelas santas missões e divulgada pelo jornal *VRC*: “Ide em todos os pontos, ensinae a todos os povos”. Ensinai para um coração misericordioso, um coração solidário. Dizendo, ainda, que compartilhava misericordioso e solidário, as dores e as culpas da humanidade. Desse modo é que ele também precisava de pessoas solidárias com os sofrimentos e com as dores da humanidade para participar de sua obra redentora. A idéia da reparação é uma das exigências originarias e fundamentais da devoção ao *SCJ*⁹³.

⁹¹ *VRC*, 20 de dezembro de 1868.

⁹² Mt. 11, 28-29, In. BIBLIA DE JERUSALEM. São Paulo: Paulus, 1985.

⁹³ ZORZI, Lucio. *O Sagrado Coração de Jesus: espiritualidade para o novo milênio*. São Paulo: Paulinas, 2001.p. 14.

Para isso, era preciso se afastar de “Hum dos grandes pecados contra caridade, o egoísmo, que vem a ser cuidar só de si, e só para si vivêr quem tem taes pensamentos he claramente reprovado perante o verdadeiro Chistão e o pensador”⁹⁴.

É inegável o destaque dado aos assuntos religiosos nas páginas do periódico. O único jornal publicado no Cariri à época era um jornal que se proponha ser a “voz da religião” na região.⁹⁵ A folha era, sobretudo, um espaço de divulgação do pensamento religioso.

Por meio da “Doutrina do Evangelho” e da “força das idéias religiosas” aqueles que escreviam o *VRC* buscaram construir um discurso que articulava preocupações entre as causas da Igreja Católica, dentre elas combaterem a “decadência das crenças”⁹⁶, impedirem a “destruição de toda ordem moral”⁹⁷, e das “verdades da fé já moribundas próximas a desaparecer”⁹⁸, e os interesses locais, representados pelos sujeitos que se articulavam em torno do padre Ibiapina e da folha *VRC*. A religião Católica Apostólica Romana era apresentada pelo periódico como capaz de “operar revoluções nos destinos das sociedades”⁹⁹ e assegurar o “equilíbrio social”¹⁰⁰. O periódico, estava, a princípio, de acordo com as diretrizes da Igreja Católica naquele momento. Pois, como lembra Otten:

Segundo as diretrizes baseadas ‘na teologia e pastoral do concilio de Trento’, visam eles a conversão do cristão: ‘A missão partia do pressuposto de que a sociedade era cristã. Se falava em conversão, mas não no sentido de opção diante de Cristo e do Evangelho’. Como se desejava antes de tudo a volta aos sacramentos, a regularização da vida, a reconciliação dos ódios, o afastamento de abusos e superstições, o esquema todo das missões se baseava na sacramentalização e na moralização. Perante os missionários, ‘heróis da fé’, os sertanejos se sentiam como pecadores.¹⁰¹

⁹⁴ COMBLIN, José (org). *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*. São Paulo: ed. Paulinas, 1984.

⁹⁵ No decênio de 1860-1870, os jornais fundados para difundir o catolicismo entre os cearenses eram *Estrela do Norte* (1865), *Tribuna Catholica* (1866) e *A Voz da Religião no Cariri* (1868). NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à história do jornalismo cearense* - edição fac-similar/ Fortaleza: NUDOC/Secretaria da Cultura do Estado de Ceará - Arquivo Público do Estado do Ceará, 2006.p. 97.

⁹⁶ *VRC*, 08 de dezembro de 1868.

⁹⁷ *VRC*, 20 de dezembro de 1868.

⁹⁸ *VRC*, 13 de dezembro de 1868.

⁹⁹ *VRC*, 20 de dezembro de 1868.

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ OTTEN, Alexandre. *Só Deus é grande. A mensagem religiosa de Antonio Conselheiro*. Ed. Loyola: São Paulo, 1990. p. 116.

Em seu primeiro editorial, a folha apresentava sua missão: “Órgão das ideias religiosas e moraes, A VOZ DA RELIGIÃO NO CARIRI se propõem ainda a utilidade do paiz pela publicidade das matérias que interessam a industria, ao commercio e agricultura”¹⁰². Todavia, não nos deixemos seduzir pelo aparente interesse, exposto no primeiro editorial, por assuntos ligados ao comércio e a indústria.

Embora explicitado no primeiro editorial do jornal *VRC*, a disputa por espaço em suas quatro páginas semanais não vai se dá entre os assuntos ligados ao comércio e à indústria. Pelo contrário, são as memórias das missões escritas por Bernardino Gomes de Araújo, as narrativas de milagres, enviadas da fonte do Caldas, em Barbalha, por Pedro Lobo de Menezes, e posteriormente de outras localidades do Norte, os cânticos e benditos escritos por Dino, enfim, assuntos ligados ao calendário religioso das vilas, e da vida religiosa daqueles sujeitos, os assuntos mais constante naquela publicação. Desse modo, o jornal era ao mesmo tempo a religião e o modelo da religião.

Ralph Della Cava, no livro *Milagre em Joazeiro*¹⁰³, insere as missões do padre Ibiapina como renascimento espiritual do Vale do Cariri. Segundo o historiador, as transformações mais importantes nas estruturas religiosas do Cariri ocorreram na década de 1860/1870 e foi devido, primordialmente, aos esforços do missionário, padre mestre Ibiapina. O historiador afirma:

Também no Cariri, como em quase todo o resto do Brasil, nos anos que antecederam a década de 1860, estava o catolicismo ortodoxo em estado de decomposição. O numero de padres era inadequado, e grassava a imoralidade clerical. As classes inferiores tinham apenas contatos marginais com a Igreja Oficial (...). Rara era a participação nas liturgias sacramentais; (...) Apenas as missões ocasionais, normalmente pregadas por padres estrangeiros – no caso do Cariri, quase sempre capuchinhos -, levavam a religião às classes inferiores na escala social.¹⁰⁴

Della Cava, não deixou de perceber a força que teve o jornal *VRC* para o projeto do padre Ibiapina, especialmente, o papel do periódico no conflito entre o padre Ibiapina e o primeiro Bispo do Ceará, Dom Luiz Antônio dos Santos, conflito que abordaremos no terceiro capítulo da presente dissertação.

¹⁰² *VRC*, 08 de dezembro de 1868.

¹⁰³ DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

¹⁰⁴ *Ibid.*

Embora o trabalho do brasilianista tenha como objetivo principal analisar “os factos de Joaseiro” que envolveu outro padre cearense, o padre Cícero, e outro Bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, duas décadas depois das andanças do “padre mestre” pelo Cariri, pensamos que as análises de Della Cava, oferecem algumas pistas para compreendermos o lugar do periódico *VRC* na dinâmica das missões, na vida religiosa das vilas visitadas pelo missionário e no destino da prática missionária do padre Ibiapina no Ceará na segunda metade do século XIX.

Como o padre Ibiapina, padre Cícero operou milagres, curando os males do corpo e da alma dos sertanejos; como o padre Ibiapina, padre Cícero, aglutinou em torno de si homens importantes das localidades onde viveu; como o padre Ibiapina, padre Cícero entrou em conflito com a Igreja Católica, sendo penalizado pela Instituição. Enquanto o padre Ibiapina teria sido obrigado a deixar o Cariri, padre Cícero teve suas ordens suspensas pela Igreja, sendo impedido de ministrar os sacramentos.

Nas páginas reservadas à atuação de Ibiapina no Cariri, Della Cava, defende a idéia de que os eventos extraordinários que marcavam as missões ibiapinianas, principalmente os milagres na fonte do Caldas, em Barbalha, e sua divulgação no periódico religioso *VRC*, teriam causado um conflito entre o missionário cearense e a Hierarquia da Igreja Católica no Ceará:

O assunto [fonte do Caldas] teria passado despercebido, caso um jornal do Crato não tivesse feito a publicidade de Ibiapina. Dirigido por José Joaquim Tellis Marrocos, primo do Padre Cícero, o jornal *A Voz da Religião no Cariri*, que fora fundado para incentivar a participação popular na obra de Ibiapina, passou a publicar com freqüência notícias das curas “milagrosas” atribuídas ao missionário.¹⁰⁵

A indicação desse conflito, sugerido, mas não aprofundado, pelo historiador americano, contribuiu para que construíssemos algumas de nossas próprias problemáticas: Teria o jornal *VRC* e a publicação de milagres atribuídos ao missionário contribuído para a saída de Ibiapina do Vale do Cariri? São esses os rastros percorridos, principalmente, no terceiro capítulo da presente dissertação.

O jornal *VRC* tinha como missão reformar as vilas visitadas pelas missões, reforma baseada em valores Católicos Apostólicos Romanos, todavia, ao ser

¹⁰⁵ Ibid.

produzido e ao se apropriar de aspectos, ora buscando controlar e enquadrar a religiosidade das pessoas comuns, ora sendo lugar de sua divulgação e (re)significação, o jornal se apresenta como lugar de tensão, onde se vislumbra aspectos de uma cultura intermediária, na medida em que passa a ser espaço de múltiplas vivências religiosas, marcadas por conflitos e contradições.

O jornal *VRC* foi um lugar de construção de representações das missões e de vivências de práticas religiosas constituídas pela crença na santidade de Ibiapina, pela crença nas narrativas de milagres. A *História das Missões no Cariri-novo nos anos de 1864 e 1868*, escrita por Bernardino Gomes de Araújo e publicada¹⁰⁶, semanalmente, na forma de folhetim, no jornal *VRC*, entre os anos de 1868 e 1870, significou essa tentativa de criação de escrita e leitura autorizada sobre as missões.

Vejamos...

¹⁰⁶ *VRC*, edições nº 10, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 50, 51, 52, 53, 54, 77, 78, 79 e 82.

1.2 História (e Memória) das missões no Cariri Novo nos anos de 1864 e 1868: a escrita autorizada

INVOCAÇÃO. ESPIRITO DIVINO! Vós, Que, por vosso amor inspirastes aos Apóstolos as sublimidades de vossa Sancta Lei, para divulga-la em todo o mundo, aos Evangelistas, para escreverem-na; aos Doutores para interpreta-la; aos Confessores para sustentá-la, e aos Martyres para confessa-la na presença dos tyrannos, e sella-la com seu sangue, por entre as fogueiras e as cruces. Vós, Que sóis a fonte da sabedoria e das graças, inspirai, por vossa immensa caridade, a este vilissimo e indigno servo, para que diga e escreva com interesse e verdade as vossas maravilhas. Senhor! A empresa é toda vossa: eu sou apenas o instrumento. Pretendo com o vosso favor escrever a historia das Missões no Cariri-novo, para as quaes mandastes seu servo Ibiapina.¹⁰⁷

Com a “invocação” ao Espírito Divino supra-citada, Bernardino Gomes de Araújo dá início, em 07 de fevereiro de 1869, no jornal *VRC*, à publicação da *Historia das Missões no Cariri-novo nos anos de 1864 e 1868*. O professor de Missão Velha, Vila do Cariri que se localizava próximo à Vila do Crato, onde o jornal era produzido, já havia finalizado sua história em 15 de janeiro de 1869, antes mesmo de que esta começasse a ser publicada no jornal.

O objetivo do periódico religioso era destinar, semanalmente, às memórias do cronista, “uma página do jornal até a conclusão de sua publicação”¹⁰⁸. Os responsáveis pela folha não imaginavam que, um ano depois do início da publicação das memórias de Bernardino, em 1870, o jornal deixasse de circular, interrompendo, desse modo, a publicação da *História das Missões*.

Na seção *Litteratura*, Bernardino Gomes, que se define como “pobre leigo, e ignorante”, publicou o primeiro capítulo da *História das Missões*. Antes disso, dez exemplares manuscritos foram entregues pessoalmente ao padre Ibiapina. Em quase dois anos de existência da *VRC*, foram mais de vinte edições reservadas à publicação da *História das Missões*.

É possível que os dez manuscritos entregues ao missionário tenham circulado pelas Casas de Caridade espalhadas pelo Norte do país. Assim como a folha religiosa publicada no Crato e levada por Ibiapina para outras Províncias, as memórias de Bernardino contribuíram para a reprodução de histórias sobre o

¹⁰⁷ *VRC*, 07 de fevereiro de 1869.

¹⁰⁸ *VRC*, 07 de fevereiro de 1869.

“Apóstolo da Caridade” e sobre suas missões, sendo (re)copiadas pelos beatos e beatas que acompanhavam o missionário.

A memória construída no *VRC* por Bernardino Gomes, devoto e defensor do “Apóstolo da Caridade”, foi utilizada como fonte para diversos outros escritos sobre o padre Ibiapina, como biografias escritas no século XIX e manuscritos produzidos por beatos do “padre mestre”. É, pois, uma matriz narrativa que marcou definitivamente o modelo de escrita sobre o missionário e suas missões.

Os escritos produzidos pelos beatos e beatas de Ibiapina, guardados na Casa de Caridade de Santa Fé, na Paraíba, e publicados por Eduardo Hoonaert, sob o título *Crônicas das Casas de Caridade Fundadas pelo Padre Ibiapina*¹⁰⁹ (CCC), se utilizaram, provavelmente, das edições do jornal *VRC* e, especialmente, da biografia escrita pelo cronista de Missão Velha, e publicada na Folha religiosa.

Bernardino Gomes foi o primeiro a registrar por escrito as memórias das missões, propondo-se, como revela o título dado à sua narrativa, a escrever uma “História” da passagem de Ibiapina pelo Vale do Cariri.

Os acontecimentos narrados por Bernardino Gomes não foram o resultado de uma pesquisa aos arquivos, prática comum aos historiadores do século XIX, que buscavam nos documentos escritos a verdade da história. Pelo contrário, foram escritos que nasceram das memórias contadas pelo missionário e seus seguidores, ou mesmo da observação do próprio professor.

Basta lembrarmos-nos da biografia escrita no final do século XIX por Paulino Nogueira sobre o padre Ibiapina, mais precisamente no ano de 1888, não muito distante do tempo em que o nosso cronista do Cariri escreveu suas memórias, para percebermos uma das maneiras de escrever História. Paulino Nogueira – que, certa vez, dividiu o mesmo vapor com o padre Ibiapina, mas que não conviveu com o sacerdote –, ao contrário de Bernardino Gomes – colaborador e devoto do “padre mestre” –, apresenta em suas 64 páginas sobre o missionário exatamente 75 notas explicativas e indicativas de fontes de pesquisa consultadas, dentre elas, certidões de batismo, correspondências, periódicos, relatórios de províncias, ofícios, dentre outros, enquanto Bernardino Gomes parece escrever sua história a partir de relatos orais.

¹⁰⁹ HOORNAERT, Eduardo. *Crônicas das Casas de Caridade: fundadas pelo Padre Ibiapina*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

Desse modo, a *História das Missões*, de Bernardino Gomes, se apresenta como uma narrativa onde é possível perceber como eram, entre os poucos letrados do interior da Província do Ceará, o senso e o conhecimento de “História”. Bernardino conta o que viu com os próprios olhos e o que ouviu contar, mas, acima de tudo, parece narrar o que Ibiapina contava e gostava de ouvir contar.¹¹⁰

Dedicada ao padre Ibiapina, e escrita sob “ordem superior”, a *História das Missões* foi anunciada ao público como “a narração das grandes maravilhas, que Deus obrou com os povos do Cariri-novo”. Dividida em duas partes, seu objetivo era “transmitir a posteridade a abundância de graças e misericórdias, que [Deus derramou] pela mão do [Seu] ministro [Ibiapina]”.¹¹¹

Na *Primeira Parte*, composta de “DEDICATORIA”, “INVOCAÇÃO”, “INTRODUÇÃO” e sete capítulos (“A BOA NOVA”, “ASPECTO MORAL”, “HUMILDADE”, “CONTRARIEDADE”, “NOVOS ATAQUES”, “CÂNTICO”, “OUTRO CÂNTICO” e “CONCLUSÃO”), Bernardino Gomes narra a primeira visita de Ibiapina à região do Cariri, à Vila de Missão Velha, em 1864, onde então morava o professor.

Na *Segunda Parte*, que compreende narrativas sobre as “missões de 1868”, o cronista descreve as transformações nas vilas de Missão Velha (ASPECTO MORAL); Jardim (A MISSÃO, ASPECTO MORAL, RESULTADOS); Crato (ASPECTO MORAL, A MISSÃO); São Pedro (A MISSÃO, RESULTADOS, O REGRESSO); Barbalha (ASPECTO MORAL, RESULTADOS, A FONTE DO CALDAS); Goyanninha (A MISSÃO), Porteiras (A MISSÃO, RESULTADOS); Brejo (A MISSÃO); São Pedro (MISSÃO, RESULTADOS, REGRESSO); Milagres (ASPECTO MORAL, A MISSÃO, RESULTADOS) e Missão Velha (O ENCONTRO). A *Historia das Missões* foi interrompida somente com o fim da publicação da folha religiosa, em 1870.

Bernardino Gomes apresenta a si mesmo e a sua obra aos leitores do jornal *VRC* do seguinte modo:

Escrever a historia do Apostolado desse homem divino devia ser honrosa occupação d`um homem de letras, d`um espirito esclarecido pela theologia, d`uma alma mobilissada pela piedade. Mas Deus que

¹¹⁰ Nesse sentido, as discussões teóricas e metodológicas observadas na análise, realizada pelo historiador francês Georges Duby da biografia do Marechal Guilherme, escrita por João, o trovador, a pedido do seu filho, para lembrar e comemorar a memória do pai, no século XIII, foram importantes para pensarmos nas maneiras de se narrar uma história. DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

¹¹¹ *VRC*, 07 de fevereiro de 1869.

se compraz em suas maravilhas, deixando de empregar nessa missão sublime algum de seus ministros, escolheu-me a mim, pobre de expressões, sem letras, sem conhecimentos, e o menos próprio para tão árdua tarefa.¹¹²

Porém, nosso cronista, não era tão “pobre de expressões” como queria fazer crer na Introdução de sua *História das Missões*. Como já vimos, quase dez anos antes da criação do jornal *VRC*, o professor aparece como um dos colaboradores do jornal *O Araripe*, também publicado no Crato. Bernardino Gomes mereceu inclusive espaço no *Diccionario bio-bibliographico cearense*¹¹³ escrito por Guilherme Chambly Studart, o Barão de Studart, figurando ao lado de figuras “importantes” da História do Ceará. Lá ficamos sabendo que Bernardino Gomes nasceu em 15 de maio de 1811, na Fazenda Riacho das Pedras, no município de Arneiroz, região dos Inhamuns, Ceará, e que teria chegado a Missão Velha, em “segundas núpcias”, em 1837:

Casou-se, teve filhos e acabou por se dedicar ao magistério primário em Missão Velha, onde passou grande parte da sua vida. Foi poeta e autor de alguns escritos históricos sobre o Cariri.¹¹⁴

Em 1864, quando o Cariri recebeu pela primeira vez as missões ibiapinianas, sendo Missão Velha a ponta de entrada do missionário no Sul da Província, a Câmara Municipal daquela Vila era presidida justamente por Bernardino Gomes de Araújo. Foi Bernardino, por exemplo, o responsável por convidar a população a participar das santas missões:

Autorizados pelo padre-mestre Ibiapina, avisamos a todas as pessoas de espírito religioso, que no dia 2 de fevereiro próximo futuro, será inaugurada a Casa de Caridade do Cariri, na vila de Missão velha, constando: bênção da Casa, missa solene assistida por três músicos, sermão, almoço às meninas órfãs, criação da respectiva irmandade e visita da Casa. Todas as pessoas que se dignarem comparecer deverão levar uma oferta qualquer. O revdo. padre-mestre espera da religiosidade e caridade dos caririenses uma eficaz proteção do referido estabelecimento, inspirado e protegido pelo Coração de Maria. Bernardino Gomes de Araujo¹¹⁵

¹¹² *VRC*, 07 de fevereiro de 1869.

¹¹³ STUDART, Guilherme. *Diccionario bio-bibliographico cearense*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1980.

¹¹⁴ *Ibid.* p. 83. *Grifo meu*.

¹¹⁵ PINHEIRO, Irineu. *Efemérides do Cariri*, Imp. UFC, Fortaleza, 1963, p. 150.

Ao se apresentar como escolhido por Deus para escrever a história do “Apostolo da Caridade”, o professor escreve um texto com a intenção de ter um sentido único, uma compreensão correta, uma leitura autorizada. Todavia, na tensão entre a “irredutível liberdade dos leitores” e os “condicionamentos que pretendem refreá-la”, lembra Chartier, entrevê-se uma leitura como “prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares”¹¹⁶.

A *História das Missões* tem início com a descrição dos “aspectos morais” das vilas antes da entrada de Ibiapina. Os moradores dessas vilas são descritos como “barbarizado[s] pela falta de educação religiosa, embrutecido[s] pelas paixões; desmoralizado[s] pelos máos exemplos de seus chefes; vendido[s] á causa dos opressores políticos”¹¹⁷. Em seguida, o narrador destaca “a missão”: “E recebido ao som da musica, ao estripito dos foguetes e ao repicar dos sinos, hospedou-se no consistório da Matriz no meio das aclamações e bozannas”¹¹⁸.

Bernardino destaca também os esforços de Ibiapina e de toda a comunidade para transformar aquela realidade caótica para, finalmente, narrar os “resultados” (quase) sempre positivos da entrada do missionário e da Vila no plano do sagrado.

As reflexões de Roger Chartier¹¹⁹ sobre as *representações, práticas e apropriações* culturais da leitura contribuíram para pensarmos na construção e na produção dos sentidos presentes no jornal *VRC* e na *História das Missões*. De acordo com o historiador francês, as estruturas e as práticas culturais e sociais são fortemente marcadas pelas representações, contraditórias e em confrontos, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo.

Segundo Chartier, o pesquisador pode compreender esse processo analisando as operações de construção de sentidos efetuadas na cultura, historicamente determinadas e cujos modos variam de acordo com o tempo, o lugar e a comunidade:

Pensar as práticas culturais em relação de apropriações diferenciais autoriza também a não considerar como totalmente eficazes e radicalmente aculturantes os textos, as falas e os exemplos que visam moldar os pensamentos e as condutas da maioria. Além disso,

¹¹⁶ O modo como os beatos e beatas copiaram as reportagens impressas no jornal *VRC* não seria um exemplo dessa prática criadora?

¹¹⁷ *VRC*, 07 de fevereiro de 1869.

¹¹⁸ *Idem*.

¹¹⁹ Principalmente *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1990; *Leituras e Leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Unesp, 2004; *À beira da falésia: A história entre certezas e inquietude*. Ed. UFRGS, 2002.

essas práticas são criadoras de usos ou de representações que não são absolutamente redutíveis às vontades dos produtores de discursos e normas. Portanto, o ato de leitura não pode de maneira nenhuma ser anulado no próprio texto, nem os comportamentos vividos nas interdições e nos preceitos que pretendem regulamentá-los. A aceitação dos modelos e das mensagens propostas opera-se por meio dos arranjos, dos desvios, às vezes das resistências, que manifesta a singularidade de cada apropriação.¹²⁰

De acordo com Chartier “as representações do mundo social, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam”¹²¹. Desse modo, essa noção assume lugar central na interpretação do nosso objeto de estudo, no entendimento do modo como as missões do padre Ibiapina foram representadas nas páginas do periódico *VRC*.

Quando o professor e cronista Bernardino Gomes leva ao conhecimento do público, por meio das páginas da folha religiosa, as “vantagens sociaes e moraes que se colhem da Cultura da Religião Santa”¹²², pretende convencer o público sobre os bons frutos que poderiam ser colhidos graças às missões do padre Ibiapina.

As missões são descritas por Bernardino Gomes como um momento que assinala uma ruptura: o fim de um tempo marcado “pela falta de educação religiosa” e o princípio de um novo tempo marcado pela “garantia de felicidade”. Toda essa transformação era intermediada pelo missionário José Antônio de Maria Ibiapina, “Apóstolo de Deus, homem da boa nova”.

Assim, podemos afirmar que a história das localidades que recebiam as santas missões, de acordo com a escrita de Bernardino Gomes, era marcada por “três tempos”. Antes da chegada de Ibiapina: o *Tempo da Perdição*, marcado por uma degradação das condições naturais e morais da vida; o *Tempo da Renovação*, marcado pela chegada do missionário nas vilas, e a inserção dos seus moradores no espaço sagrado representado pelas missões; e, finalmente, o *Tempo da Salvação*, promovido pelas conversões espirituais e materiais, durante as santas missões, um tempo marcado pela abundância, felicidade e paz.

Como lembra Le Goff:

¹²⁰ CHARTIER. *Leituras e Leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Unesp, 2004, p. 13-14.

¹²¹ CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

¹²² *VRC*, 25 de abril de 1869.

Para dominar o tempo e a história e satisfazer as próprias aspirações de felicidade e justiça ou os temores face ao desenrolar ilusório ou inquietante dos acontecimentos, as sociedades humanas imaginaram a existência, no passado e no futuro, de épocas excepcionalmente felizes ou catastróficas.¹²³

Acompanhemos a descrição das missões do padre Ibiapina na Vila do Crato, descrição esta que ocupou o maior número de edições do jornal *VRC*.

Figurai um rebanho innumeravel, disperso por largas campinas, aonde o lobo, a raposa, o carcará, não deixam de aparecer, sem um pastor que o guie para melhores pasagens, que lhe cure as enfermidades, que o chame ao aprisco para que se conheçam mutuamente. [Um rebanho] Sem leis, sem guia e sem pouso certo (...). Por entre essa maça fermentada e quase bolorenta existião algumas almas, que se entregavão a meditação, a oração e ao culto publico: especialmente entre as mulheres: algumas peçoas que pediam em suas orações um Enviado de Deus, que os salvasse enquanto havia tempo. (...) No dia 21 de junho, que tinha sido marcado para a entrada do Reverendíssimo Missionário na Cidade, (...) preparou-se o encontro dos andores no barro vermelho, a vista da Cidade, e muitos cavalheiros passarão a diante, a encontrar o Enviado do Senhor.¹²⁴

Era preciso, diante do perigo, acima representado pelos animais “lobo”, “raposa” e “carcará”, um “pastor” que guiasse o “rebanho” “para melhores pasagens”. É possível que Bernardino Gomes estivesse falando do pastor bíblico que conhecia tão bem por meio da sua leitura da Bíblia, assim como é possível que o professor também falasse do sujeito simples, pastor, morador das vilas do Cariri, “sem leis, sem guia e sem pouso certo” e que tudo fazia para proteger da “raposa” ou do “lobo” sua criação de gado, galinha ou porco.

A *História das Missões* revela uma “mistura complexa de saber e familiaridade, de estereótipos antigos e de imagens à moda, de coisas vistas e de textos lidos”¹²⁵. As representações das missões são construídas como um marco de um tempo linear e fluido, inseridas num mundo marcado pela instabilidade, pelo prazer corruptível e condenável, pelo pecado vigente desde os seus primórdios.

Tomemos como exemplo para análise o *Capítulo Primeiro da Primeira Parte da História das Missões*:

¹²³ LE GOFF, Jacques. Idades Míticas. In: *História e Memória*, Campinas, SP, Ed. Da UNICAMP, 1990. p. 283

¹²⁴ *VRC*, 11 de abril de 1869.

¹²⁵ CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 144.

Corria o anno de 1864: o cholera-morbus despedia-se de sua segunda visita: ainda gotejava o pranto da mãe, da esposa e da filha a quem a epidemia havia roubado as prendas queridas de seu coração. (...) Era no mez de outubro: a estação estava seca e abaladora. (...). O sol dispontava risonho e galhardo, como o jovem viajante, quando volta à pátria, cheio de glórias, e rememora as doces sensações em que ali se embriagara outrora; quando Missão-Velha recebe uma boa nova. O padre Mestre Ibiapina achava-se à pequena distancia e ia entrar na vila.¹²⁶

Além de identificar aspectos da natureza que caracterizavam a paisagem das vilas visitadas por Ibiapina, Bernardino Gomes também procurou inserir em suas narrativas fatos que marcaram o passado recente do público das missões. Quem, ao ler ou ouvir a *História das Missões*, mesmo depois de alguns anos, poderia ter esquecido os efeitos da “cólera-morbus”?

Bernardino Gomes afirma que todos os habitantes do Cariri-novo são “catholicos”, e que, tal como os israelitas viviam a fabricar e a adorar “divindades extranhas”, venerando “o bizerro de ouro, como a unica divindade capaz de obrar milagres”¹²⁷. A comunidade católica, no Cariri, “seguia o sensualismo, e adorava ao bode como símbolo da lasciva e impudicia”¹²⁸.

O materialismo, enfim o scepticismo, a discrença e a irreligiosidade erão as conseqüências necessárias deste estado lamentável, e o padrão por onde se aferiam as qualidades e merecimentos de um moço acadêmico: as modas, a garrotice e a immodestia no vestir, eram prendas que distinguiam e recommendavam as donzellas. Neste estado desanimador e de tristes presagios para as almas piedosas, que, no retiro de suas casas não deixavam de pedir a vinda de um Redemptor, levanta ao 16 de outubro de 1864, o Rm° Padre Mestre Dr. José Antônio de Maria Ibiapina a sua voz poderosa, eloqüente e inspirada, e as turbas, que, avisadas por inspirações secretas, se tinham aglomerado, para lhe renderem seus cultos de veneração, se prosternaram em sua presença, e adorarão-no, como ao Enviado do Senhor, como hum Libertador, que vinha da parte de DEUS, quebrar-lhes o ferro da escravidão e, apontar-lhes o caminho da salvação.¹²⁹

¹²⁶ VRC, 07 de fevereiro de 1869.

¹²⁷ VRC, 21 de fevereiro de 1869.

¹²⁸ Idem.

¹²⁹ Idem.

As contrariedades não eram poucas, como faz questão de ressaltar o cronista em suas narrativas:

“O espírito do mal, que se esconde nas trevas da ignorância estava muito incomodado por ver naquelle lugar uma fonte de educação moral, letteraria e religiosa (...). E desde logo chamou em seo favor a discórdia, a intriga, a hypocresia, a avareza e a discrensa”.¹³⁰

O próprio missionário faz publicar uma carta na edição de 03 de janeiro de 1869 do jornal *VRC* sobre os serviços da Casa de Caridade do Crato. Nela, Ibiapina explica a “rasão desse procedimento”:

A Casa fica quase prompta para funcionar, mas sendo as circunstancias actuais pouco favoráveis para as grandes despesas que se tem a fazer no começo de suas funções, atendendo além disto ao muito sacrificio que o povo já tem feito para levar a obra, ao estado em que se acha, por isso resolvi deixar a installação para quando for avisado pelo Senhor Padre Henrique José de Cavalcante que já cessarão os embaraços e as circunstancias favorecem.¹³¹

Bernardino Gomes narra as dificuldades que se operavam depois da instalação das Casas de Caridade. A casa de Missão Velha ficou “vacillando entre o dever e as contrariedades”. De fato, mesmo que as missões do padre Ibiapina, em um período curtíssimo de dias, mobilizasse grupos de pessoas em nome das construções materiais e das conversões espirituais, as contrariedades não deixaram de existir e Bernardino Gomes não as esqueceu.

Em Missão Velha, por exemplo, as contrariedades estiveram presentes desde a formação do Conselho Diretor, que “devia carregar aos hombros a nova instituição”, mas logo se intrigaram e se dividiram até “uma falsa beata, que foi expellida da Casa pela irregularidade de sua conduta tratou de desconceitua-la com a hypocresia de suas pallavras assucaradas”¹³².

A Directora, affectada de epillepsia, abandonou a Caza. O Regente, indo visitar um irmão enfermo, adoeceu mortalmente na cidade do lço. A professora foi arrancada da caza [contra sua vontade] por motivo de avareza por seo Pai e irmão (...). O Vice-regente estava ausente, a caza ia desmoronar-se a cahir.¹³³

¹³⁰ *VRC*, 07 de março de 1869.

¹³¹ *VRC*, 03 de janeiro de 1869. *Grifo meu*.

¹³² *VRC*, 07 de março de 1869.

¹³³ *Idem*.

Ao analisar as memórias escritas sobre as missões ibiapinianas pelo professor de Missão Velha, percebemos uma escrita orientada para a revelação, para o exemplo e para a instrução. A publicação no jornal da *História das Missões* era descontínua, salteada e se acomodava às rupturas e às incoerências.

Por meio das narrativas de Bernardino Gomes, podemos conhecer o discurso e a prática religiosa, não apenas do sacerdote Ibiapina, mas também dos homens e mulheres que receberam as santas missões e delas participaram como um acontecimento único.

Sabemos, por exemplo, que os três primeiros dias da missão eram reservados à “necessidade e utilidade do amor de DEUS” e que o quarto dia era reservado à construção das obras materiais, principalmente das Casas de Caridade: “Fallando do amor do próximo, ao 4 dia, aventou a idéia grandioza de edificação de um asilo de caridade, e sendo aceita, e aplaudida a idéia, apparecerão Cavalheiros offerecendo esmolos consideráveis (...)”¹³⁴.

No discurso de Ibiapina a caridade era o melhor bem. Caridade que podia ser manifestada por meio das ofertas de dinheiro, de terras, de jóias ou de alimentos para a criação e a manutenção das Casas de Caridade, mas principalmente, caridade manifestada por meio da participação de homens e de mulheres nos rituais da missão. Como já mencionado anteriormente, as pessoas que faziam suas doações tinham seus nomes divulgados no jornal *VRC* e sentiam-se, provavelmente, distintas e mais próximas de Deus.

Ao 5 dia tratou das reconciliações, e o povo não se fez esperar. No 6 dia tratou sobre o escandalo da amancebia: a qui viu-se contrariado: Mais de cem infelises concobinados chegarão se ao tribunal da penitencia, e quiriam remediar seos erros pelo casamento, mas não tinham papeis, nem dinheiro para obte-los, e os empregados das repartição parochial não queria perder um real de seus emolimento.¹³⁵

As missões ibiapinianas foram consideradas por alguns estudiosos como uma tentativa de controlar as práticas populares sertanejas¹³⁶. No exemplo acima, observa-se uma discordância de Ibiapina à “amancebia”. Porém, o missionário, que

¹³⁴ *VRC*, 18 de abril de 1869.

¹³⁵ *VRC*, 18 de abril de 1869.

¹³⁶ Refiro-me ao trabalho de Josiane Maria de Castro. *Entre a penitência do corpo e o corpo em festa: uma análise das missões do padre Ibiapina no Ceará (186-1883)*. Fortaleza, 2003. 110fl. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará.

tem o matrimônio como sacramento fundamental, condena os funcionários das Igrejas por estes não permitirem às pessoas sem recursos o casamento na Igreja, e não os “amancebados”:

Poucos forão pois os concobinados que casarão durante a missão, e esta circunstancia magoou profundamente o Coração do Apostolo da Caridade, que se viu obrigado a fulminar do púlpito a esses empregados, de quem nada pode obter (...).¹³⁷

Bernardino Gomes finalizava suas narrativas, independente da Vila que esteja descrevendo, com os resultados promovidos pela passagem do homem da “boa nova”, ou seja, superado o *Tempo da Perdição*, anunciava-se o *Tempo da Salvação*, e a colheita dos bons frutos plantados no *Tempo da Renovação*:

O perdão das injurias, o esquecimento do passado, a confratização de todos, o grande numero de peccadores que procurarão a reconciliação sacramental e mudarão de vida, as conversões que se operão, a desposição para o bem que se observa no povo, a avantada esmola de 4\$500\$000 para as obras de caridade são já grandes resultados Moraes.¹³⁸

O objetivo de Bernardino e daqueles que escreviam no periódico *VRC*, devotos e admiradores do padre Ibiapina, era que se realizasse, como sugere Chartier, uma leitura “correta” e “proveitosa”, não apenas da *Historia das Missões*, mas do jornal como um todo, que se retivessem os sentidos morais de uma história capaz de orientar a existência individual.

Entendido como prática social e espaço de vivência de múltiplas experiências religiosas, o periódico *VRC* foi lugar de construção de representações, projetos que traduziram desejos, aspirações e ações. Por meio do periódico, modos de vida foram valorizados, enquanto outros foram ocultados.

Homens e mulheres que acreditaram no poder da palavra, textos, crenças e gestos que revelam e ocultam experiências religiosas compartilhadas, seus cruzamentos e tensões. Palavras transformadas em gestos. Gestos que traduzem a sensibilidade religiosa de homens e de mulheres que tiveram contato com a mensagem religiosa do “padre mestre”, do “Apóstolo da Caridade”. Textos e sensibilidades que revelam múltiplas experiências religiosas, atravessadas por

¹³⁷ *VRC*, 18 de abril de 1869.

¹³⁸ *VRC*, 23 de maio de 1869.

conflitos diversos, que constituem parte do mundo religioso no interior do Ceará, na segunda metade do século XIX.

CAPITULO II
“ARGUMENTOS IRRESPONDÍVEIS”: santidade e
milagre

2.1 Histórias de santos

A refeição será às 8 horas para o almoço, ao meio dia para o jantar e às 7 e meia para a ceia (...). A superiora presidirá a meza e todas estão em pé até que ella se sente; benzerá a meza, as Mestras e mais Irmãs trincharão e distribuirão a comida e depois do signal dado pela Superiora começaram a comer (...). Ao jantar, enquanto comem, uma Irmã lerá vida de santos ou algum livro piedoso e já se vê por isso que deve haver muito silencio e a Superiora terá muita attenção a confusão e balburdia em quaisquer actos de comunidade, principalmente na capella e refeitório.¹³⁹

O *Estatuto das Casas de Caridade do Padre Ibiapina* (ECC), elaborado pelo missionário para “conseguir-se o fim da instituição” – a educação moral e do trabalho, no seu artigo quarto referente ao *Regulamento Interno para as Casas de Caridade* – nos apresenta umas das possibilidades dos usos das vidas de santos presentes no periódico. O padre mestre recomendava para as pensionistas e órfãs que “ao jantar, enquanto comem, uma Irmã lerá vida de santos ou algum livro piedoso”.

Certamente, uma dessas histórias ouvidas ao redor da mesa, enquanto se esperava o jantar, eram as biografias publicadas no jornal *VRC*, escritas a partir do modelo hagiográfico do próprio padre Ibiapina e de mulheres que dedicaram suas vidas às obras ibiapinianas e, de modo particular, às Casas de Caridade. Histórias que deveriam ser ouvidas em silêncio e sem balbúrdia, alimentando o espírito, antes mesmo do alimento do corpo.

Como informa Ana Paula Lopes Pereira¹⁴⁰, a palavra hagiografia que vem do grego *hagiographon*, significa “escrita santa”. Esse tipo de literatura “forma um *corpus* documental escrito cuja produção não se interrompe durante quase mil anos, da Antiguidade Tardia ao Renascimento, é polimórfico e multilinguístico”¹⁴¹.

Dialogando com Certeau¹⁴², Pereira lembra que os atuais estudos que utilizam o relato hagiográfico como fonte de análise histórica abordam o “santo [como] modelo de comportamento para os fiéis, o laicado, e, por outro lado, seu culto e sua eficácia aparecem como meio de expressar as estruturas mentais de

¹³⁹ ECC. (anexo). *Grifo meu*.

¹⁴⁰ PEREIRA, Ana Paula Lopes. O relato hagiográfico como fonte histórica. In: *Revista do Mestrado de História* (Universidade Severino Sombra), v. 9, n 10, 2007. p. 163.

¹⁴¹ Ibid. p. 168.

¹⁴² CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

base”¹⁴³. Os santos aparecem, continua a historiadora, como a cristalização literária das percepções coletivas, pois “a vida de santo se inscreve na vida de um grupo e representa a consciência que ele tem de si e da relação entre os grupos”¹⁴⁴.

Antes mesmo da cristalização literária das percepções coletivas nas páginas do periódico *VRC* ou pelo menos das percepções daqueles ligados às missões de Ibiapina no Cariri, o missionário – e suas missões – já fazia parte das narrativas contadas pelos sertanejos: como homem capaz de construir grandes obras em um curto período de tempo (no caso das Casas de Caridade, algumas delas construídas em um mês), ou mesmo como homem capaz de reconciliar inimigos, ou ainda como homem capaz de operar milagres.

As hagiografias do padre Ibiapina, de Josepha de Sancta Anna e de Leonarda do Coração de Jesus, assim como as histórias de outros beatos e beatas publicadas no periódico *VRC*, fazem-nos pensar sobre as formas de santidade, sobre as práticas devocionais presentes entre aqueles que acompanharam o missionário, sobre as crenças tradicionais católicas sendo apropriadas de modo “original” pela imprensa. Fazem-nos pensar também sobre as múltiplas experiências religiosas, apropriadas, divulgadas e ocultadas pelo texto jornalístico.

Narrativas que alimentavam a fé dos fiéis, as vidas de santos publicadas no jornal *VRC* apontam para a concretude das experiências religiosas no Vale do Cariri, na segunda metade do século XIX. A folha não se limitou a ser um “órgão oficial da Igreja Católica” ou mesmo um mero instrumento de apoio às obras ibiapinianas, mas constituiu-se como espaço onde o desejo evangelizador conviveu com a presença mística.

Desse modo, no presente capítulo, por meio das histórias de santas e de narrativas de graças publicadas no periódico *VRC*, buscaremos perceber os “modos pelos quais os narradores dizem o mundo”¹⁴⁵, suas crenças, suas práticas, suas experiências.

A edição de 13 de dezembro de 1868 do jornal *VRC* trouxe uma nota anunciando a publicação da “(...) vida de uma Irmã de Caridade, falecida há pouco tempo, na província da Parahiba do Norte”. A nota segue informando que “A

¹⁴³ PEREIRA, Ana Paula Lopes. O relato hagiográfico como fonte histórica. In *Revista do Mestrado de História* (Universidade Severino Sombra), v. 9, n 10, 2007.p. 166.

¹⁴⁴ Ibid.

¹⁴⁵ RAMOS, Francisco Régis L. *O verbo encantado: a construção do Padre Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1998. p. 114.

biografia desta heroína tem pontos de contacto e semelhança, tantas vezes comuns na historia dos Santos, mas apresenta um carácter de originalidade que não se depara em parte alguma”¹⁴⁶.

Os leitores passaram a acompanhar, semanalmente, através da seção *Folhetin*, a trajetória de Josepha de Sancta Anna, irmã do Carmo, e professora na Casa de Caridade das Pombas, Província da Paraíba do Norte. Nascida em 1846, na Freguesia de Cabeceiras, os pais de Josepha de Sancta Anna, desde cedo, foram responsáveis por “infundir-lhes o principio da boa educação que se funde nos preceitos religiosos”¹⁴⁷.

A menina recebia assim sua educação com o começo de sua vida que se ia desenvolvendo sob suspícios felizes; e mais tarde coroar os trabalhos que lhes foram dispensados. Deus operava com sua graça para a perfeição desta criança que havia de ser mais um vaso de eleição, uma alma d`elite.¹⁴⁸

Todavia, contemos a história de Josepha de Sancta Anna, e de outras mulheres tão presentes na vida religiosa do Cariri, em outro momento. Antes disso, avancemos no tempo, avancemos nas páginas do periódico *VRC*, mais precisamente na edição de 15 de maio de 1870, segundo ano do jornal, para conhecermos o modo como foi contada a vida do “Apostolo da Caridade”: o padre Ibiapina.

Novamente, recorreremos às narrativas de Bernardino Gomes de Araújo, nosso já conhecido cronista, autor da *História das Missões*. Bernardino Gomes não se cansava de escrever sobre as missões, sobre o padre Ibiapina, sobre os milagres na Fonte do Caldas, em Barbalha. Eram cartas, histórias, crônicas e, agora, uma biografia: a primeira biografia escrita sobre o padre Ibiapina e, possivelmente, assim como aconteceu com a *História das Missões*, antes de ser publicada na folha religiosa, entregue pessoalmente, ainda manuscrita, ao missionário.

Se durante o primeiro ano de existência do jornal, Bernardino Gomes se empenhou em escrever as memórias das missões, no segundo ano, nosso cronista homenageou o padre Ibiapina com outro tipo de escrita. Dessa vez, não eram as narrativas sobre as missões ibiapinianas no Cariri cearense que deveriam prender a

¹⁴⁶ *VRC*, 13 de dezembro de 1868.

¹⁴⁷ *Idem*.

¹⁴⁸ *Idem*.

atenção dos leitores e dos ouvintes do jornal *VRC*, e sim, a história de vida daquele “purificado e vivificado por essa Lei Divina que é JESUS CHRISTO”, e que, “baseado na Caridade e humildade, [que] não vive para si; mas desprezando sua individualidade, conta os seus triunfos pelos numeros de seus beneficiados, em honra e glória de DEUS”¹⁴⁹.

Bernardino escreveu a história da vida de Ibiapina, como se contava na época, a vida dos santos:

(...) desprezando todas essas posições [“Homem de Estado”, “Filosofo”, “Orador”] humanamente vantajozas, e seductoras, despreza-se a si, e, na sua edificante humildade, [Ibiapina] dirige a sociedade para o bem moral, e espiritual, previne as contendias, concilia as inimizidades, amiga as paixões, consola os tristes, sofre com os infelises, e falando ao coração de todos, planta a ordem, restabelece a harmonia, e fortifica a crença na divina Justiça, que é a tríplice alliança da Fé, Esperança e Caridade.¹⁵⁰

Examinemos a hagiografia do “Apóstolo da Caridade” escrita por Bernardino Gomes de Araújo. Como não poderia deixar de ser, o cronista inicia sua narrativa sobre Ibiapina antes do nascimento do missionário, contando aos leitores sobre os pais do missionário:

Francisco Minguel Pereira, oriundo de uma das principais famílias de Sobral, tinha sido destinado por seus Pais para o estado Sacerdotal, e nesta intenção destrahirão-no da vida do campo, e mandarão estudar o latim. Quando porem devia seguir para o Seminário de Olinda raptou e despozou-se com Thereza Maria de Jesus (...) que sendo cauza immediata da preterição da ordenação de Francisco Miguel, ficou odiada e desprezada dos sogros.¹⁵¹

O cronista informa que o senhor Miguel e sua esposa Thereza Maria de Jesus foram obrigados a se mudar de Sobral, Vila da Província do Ceará, que receberia, algumas décadas mais tarde, as primeiras visitas das missões do padre Ibiapina: “Francisco Miguel vendo o desgosto de sua querida espoza e não tendo meio de vida em Sobral porque seos pais lhe negarão os recursos de sua fortuna, mudou-se para povoação da Ibiapina, cujo nome juntou depois ao seo”¹⁵²

¹⁴⁹ *VRC*, 15 de maio de 1870.

¹⁵⁰ *Idem*.

¹⁵¹ *Idem*.

¹⁵² *VRC*, 15 de maio 1870.

Nesta povoação, no meio dos índios de raça Tabajara, nasceo aos 6 de Agosto de 1806, o venturoso infante, a quem no batismo derão o nome glorioso do grande Patriarcha, do justo e custo varão, que vio florescer em suas mãos a vara simbólica, que denunciava-o, como o escolhido por DEUS (...).¹⁵³

Como lembra Duby:

As regras desse gênero literário muito preciso que eram as *Vidas dos santos* mandavam começar a narrativa pela parentela, por esse tronco do qual o herói era apontado como o mais admirável rebento. Evocar a ascendência parecia indispensável (...): não recebemos todos nós ao nascer, trazido pelo sangue dos ancestrais o germe das virtudes que nos incumbe fazer florescer?¹⁵⁴

Ou ainda como escreve Certeau:

(...) para indicar no herói a fonte divina de sua ação e da heroicidade de suas virtudes, a vida de santo, freqüentemente, lhe dá uma origem nobre. O sangue é a metáfora da graça. Daí a necessidade das genealogias. (...) A utilização da origem nobre não é senão um sintoma da lei que organiza a vida de santo¹⁵⁵

Com a mudança dos pais para a Vila de Icó, também na Província do Ceará, onde o senhor Miguel Pereira Ibiapina “obteve a serventia dos officios de Tabellião publico”, o menino Ibiapina começa “a sua carreira litteraria, entrando na escola de primeiras lettras, regida pelo celebre Mestre Jose Felipe”¹⁵⁶. Na escola, Ibiapina começou a “dar provas do seu talento, e felises disposições para a virtude e piedade, desempenhava com esmero, e aptidão os seus deveres escolásticos; e, nas horas vagas, erão os seus melhores divertimentos ouvir missa, e assistir a todos os actos religiosos (...)”¹⁵⁷.

O menino Ibiapina, ainda de acordo com a narrativa, “apresentou desde o berço predisposições para as virtudes”¹⁵⁸. Essa idéia de predestinação está presente na escrita sobre a vida dos santos, pois, como informa Certeau, “(...) a

¹⁵³ Idem.

¹⁵⁴ DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.p. 81.

¹⁵⁵ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.p.272-273.

¹⁵⁶ VRC, 12 de junho de 1870.

¹⁵⁷ VRC, 12 de junho de 1870.

¹⁵⁸ VRC, 12 de junho de 1870.

hagiografia postula *que tudo é dado na origem* como uma ‘vocação’, com uma ‘eleição’ ou como nas vidas da Antiguidade, com um *ethos* inicial”¹⁵⁹.

A biografia de Ibiapina segue dando destaque às “tempestades políticas de 1824”, que acabaram envolvendo o pai e o irmão de Ibiapina. O primeiro foi morto por fuzilamento, e o segundo, mandado para a prisão na Ilha de Fernando de Noronha, onde mais tarde foi assassinado.

A perda do pai, do irmão e da mãe foram alguns obstáculos que Ibiapina teve que superar. Fruto de um relacionamento indesejado, o primeiro obstáculo a ser superado talvez tenha sido o seu próprio nascimento. Talvez, o cronista quisesse fazer crer que a vida de Ibiapina – assim como a vida dos santos – era marcada desde a infância pelas provações. Novamente, falamos a partir de Certeau: “Como na tragédia grega, conhece-se o resultado desde o início, com a diferença de que lá onde a lei do destino supunha a queda do herói, a glorificação de Deus pede o triunfo do santo”¹⁶⁰.

A perda da mãe, em 1823, vítima de um aborto natural; a morte do pai e o exílio do irmão mais velho, devido ao envolvimento de ambos nas “tempestades políticas de 1824”, ou seja, na “Confederação do Equador”; todos esses fatos fizeram com que Ibiapina abdicasse, momentaneamente, da idéia de ser sacerdote. Esses acontecimentos acabaram, na escrita de Bernardino Gomes, por definir o destino do jovem. O ano de 1850 marca o momento em que o homem Ibiapina, desanimado com a política e com a profissão de advogado, resolveu abandonar suas atividades profissionais voltando-se para si mesmo:

Elle olhava para o Ceo e consultando o foro, não encontrava um caminho, uma tangente que chegasse a morada eterna dos Bemaventurados; olhava em redor de si, consultava tudo, e so chegava a essa conclusão do Rei sabio: Tudo é vaidade, excepto o amor e servir a DEUS. A sua alma desejava ardentemente conversar a sós com Deos e só pendia para a solidão.¹⁶¹

Esse momento de certo modo já havia sido experimentado, em 1834, quando Ibiapina “saiu desgostoso da Corte, em fins de 1834, em procura de sua comarca, onde pretendia viver retirado do grande público do mundo, a quem já temia, e como

¹⁵⁹ CERTEAU, Michel de. A Operação Histórica. In: LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. *História Novos Problemas*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995. p. 273.

¹⁶⁰ *ibid.*

¹⁶¹ VRC, 11 de setembro de 1870.

que fugia”¹⁶². E revela, como informa Certeau, um “tempo de ascese que contém a sua iluminação”¹⁶³.

Naquele momento, devia se perguntar Ibiapina: qual o caminho que conduziria a glória?

Após três anos de solidão, Ibiapina, finalmente, parece ter encontrado seu destino: escolheu o Sacerdócio ou fora escolhido por ele. Chamado por Deus, Ibiapina obrou e orou durante o dia e, durante a noite, descansou e meditou: “O Dr. Ibiapina que nas grandesas, nas honras, e nas prosperidades dos séculos sentia seu coração vazio de um objeto a que amasse, logo que respirou o ar puro da solidão sentiu-se outro homem”¹⁶⁴.

Investido do caráter Sacerdotal, e preenchidos os seus sonhos da infância, alimentados depois na solidão, dedicou-se o Padre Ibiapina a carreira das missões, para a qual tinha grande vocação, e na qual a sua eloqüência, e habilidade oratória, lhe asseguravam grandes fructos e vantagens espirituais(...) Devendo a proteção da SS Virgem a sua feliz mudança, trocou o apellido de Pereira pelo de Maria, assignando-se desde então por Padre José Antônio de Maria Ibiapina.¹⁶⁵

A biografia do padre Ibiapina publicada no periódico *VRC* não era necessariamente uma novidade. Embora aquela tenha sido a primeira vez que as histórias sobre o missionário tenham sido registradas através da escrita, quem poderia desconhecer duas décadas de trabalho missionário do “Apostolo da Caridade” pelos sertões do Ceará? Os leitores do periódico já estavam familiarizados com as histórias de vidas de santos, pois um ano antes, exatamente na segunda edição do jornal *VRC*, de 13 de dezembro de 1868, temos uma nota anunciando a publicação da “(...) vida de uma Irmã de Caridade, falecida há pouco tempo, na província da Parahiba do Norte”¹⁶⁶.

Antes de ter sua própria história publicada e narrada a partir do modelo hagiográfico, Ibiapina acompanhou as histórias de vida de algumas de suas beatas publicadas na folha religiosa e deve ter identificado a semelhança entre essas histórias e as histórias de santas européias. Em correspondência, de 27 de janeiro

¹⁶² *VRC*, 21 de agosto de 1870.

¹⁶³ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 277.

¹⁶⁴ *VRC*, 18 de setembro de 1870.

¹⁶⁵ *Idem*.

¹⁶⁶ *VRC*, 13 de dezembro de 1868.

de 1869, para a superiora da Casa Caridade de Barbalha (CE), o padre Ibiapina demonstrava que lia freqüentemente o periódico *VRC*, como também o remetia às internas nas Casas de Caridade, recomendando, especialmente, a leitura da seção *Folhetin*, onde se liam as hagiografias de irmãs de caridade falecidas há não muito tempo:

Lede os Jornais (...) e nelle encontraris alem de outras couzas importantes a vida da freira Josefa de Santa Anna que morreu nas Pombas: sirva esta de estímulo para que todas as Freiras – procurem santificarem com virtudes heroicas para terem a ventura que teve aquella de decanso glorioso no ceo, sendo já na terra tão aprecciada.

As histórias de vidas das beatas contadas no jornal *VRC* a partir do modelo hagiográfico são marcadas por acontecimentos que caminhavam para um clímax, passando pelos sofrimentos, conversão e finalmente, a santidade. Imaginemos os ecos dessa história no coração das irmãs mestras, pensionistas e órfãs internas das Casas de Caridade que, deveriam tomá-la como modelo a ser imitado.

Os leitores e ouvintes da publicação deveriam esperar com ansiedade pelo próximo número do periódico, pelo desfecho da história, interrompida bruscamente, pela palavra “continua” que indicava que era preciso, como na semana anterior, esperar mais sete dias para a revelação dos próximos acontecimentos. No caso das vilas não atendidas pelo organizado esquema de distribuição da folha religiosa, todos eram obrigados a esperar pelo correio, onde certamente, junto às correspondências do missionário às Irmãs, encontravam-se exemplares do jornal *VRC*.

Retomemos a hagiografia de Josepha de Sancta Anna. Ao contrário da biografia de Ibiapina, a história da beata, publicada na segunda edição do jornal *VRC*, inaugurando a seção *Folhetin*, não foi assinada. A narrativa tem início destacando a (pré)disposição da menina para os sentimentos de piedade, assim como sua admiração pela imagem das santas:

Muitas vezes ella demorava seus olhos sobre as Imagens do nosso culto e assistia nossos actos de adoração com um espírito de fé que bem se conhecia pelo gosto que neles se encontrava. (...) Sente com effeito essas aspirações tão naturaes ao coração humano, mas dirige, seo alvo alem, estuda a sociedade, vê tantas de suas patrícias infelicitadas pelo casamento, e recusa cingir a capela de noiva.¹⁶⁷

¹⁶⁷ *VRC*, 20 de dezembro de 1868.

Para vencer a fascinação do luxo e da vaidade, a jovem deixa a rotina e se entrega à educação cristã. Todavia, “a vaidade começa a erguer a cabeça, tende a firmar seu império naquelle coração puro e simples”¹⁶⁸. Sob a pressão das tentações, recorre sem sucesso às orações: “Lucta ainda, espera, crê, desanima, vacila, cahe em fim, mas não succumbe”¹⁶⁹.

Apparece a Providencia em seu favor, Josepha de Sanct `Anna ergue-se, levanta seus olhos aos Céus, resigna-se com o estado critico em que se achava, e apella para o dia d`amanha, supplicando a DEUS a sua graça e misericórdia. Annuncia-se a chegada do Rm° D. Ibiapina, Missionário Apostólico. O povo festeja com alvoroço as grandes novidades, enthusiasma-se, inflama-se e arrebatase pelo que de perto lhe diz respeito á seu bem estar. Nos transportes da mais viva alegria uma multidão de pessoas de todas as classes recebe na terra de sua pátria o Apostolo de Jesus Christo, envaído de DEUS.¹⁷⁰

Nesse momento, o narrador insere um personagem central na história, responsável pela mudança na vida de Josepha: o padre Ibiapina, que será, a partir daquele momento, seu diretor espiritual. Ao contrário de Josepha de Sancta Anna, apresentada naquele momento aos leitores e ouvintes, o leitor já estava familiarizado com o padre Ibiapina, sendo o missionário conhecido pelos sertões do Norte, como “padre mestre”, “beato Ibiapina”, “apóstolo do Norte”, desde a segunda metade do século XIX.

A missão começa. O sermão do padre Ibiapina sobre o amor de Deus, “sua natureza prodigiosa, sua virtude immensa e ineffavel”, suas palavras de que “Só o amor de DEUS pode encher o vacuo immenso do coração humano, fazer a felicidade do homem no tempo e na eternidade, e elevar a creatura a sua origem divina”¹⁷¹ tocou profundamente Josepha.

Quando acabam as missões, aquela mulher está completamente transformada. Josepha torna-se beata e segue o caminho de muitas outras mulheres participantes das missões do padre Ibiapina, pois ela passa a considerar o missionário como Anjo de sua salvação, confessando-lhe o estado de sua alma, e empenhando-se para viver de baixo de sua direção.¹⁷²

¹⁶⁸ Idem.

¹⁶⁹ Idem.

¹⁷⁰ Idem.

¹⁷¹ VRC, 23 de dezembro de 1868.

¹⁷² VRC, 03 de janeiro de 1869.

Em 1864, dois anos depois do primeiro encontro entre Josepha e Ibiapina, “em face das provas”, o padre “julga por demais evidente a vocação da jovem aspirante ao estado religioso. É nesta ocasião que Ella recebe o habito do Carmo (...)”¹⁷³.

Finalmente, em 1866, entre oração, jejum, e virtudes da caridade, Josepha é chamada para a Casa de Caridade das Pombas. Ela ainda teria que experimentar muitos sofrimentos até o final glorioso, ou seja, a santidade.

Passa-se o tempo e a predicção se realiza. A Virgem do Senhor adoece gravemente e sorri com um praser inexplicável. A vida penitente e mortificada parece explicar as causas e os symptomas da moléstia. A doente sente augmentar todos os dias a sua debilidade, o corpo definhar-se consideravelmente, e afinal torna-se um cadáver que marcha a uma total consumpção.¹⁷⁴

Diante da tristeza da comunidade, das órfãs e das alunas, e da apreensão e surpresa dos leitores e ouvintes que acompanhavam aquela história, Josepha, mesmo doente, continuou a sorrir, com toda a calma e serenidade, parecendo nada sofrer. No dia 20 de junho de 1867, dia lembrado pelo narrador, como aquele em que a Igreja festeja o corpo de Deus:

Chega finalmente a ultima hora de sua vida. Como a esposa que se atavia, para as núpcias do Cordeiro, Josepha de Sanct`Anna recebe pela ultima vez o Sacramento do Divino Amor. Seus olhos perdem o brilho... o corpo se enerva... e somente um rizo que assomou-lhe os lábios dá uma expressão de vida às suas faces geladas.¹⁷⁵

A trajetória de vida da beata está ligada às obras de Ibiapina, ou seja, sua participação nas missões e, posteriormente, seu trabalho na Casa de Caridade de Pombas. O jornal finaliza sua história afirmando que “A irmã Josefa de Sancta Anna morreu sancta”¹⁷⁶, quando o padre Ibiapina, em Croata, 30 léguas de Pombas, “teve a revelação do que se passou”. O momento mais significativo na sua biografia é quando a mesma recebe das mãos do missionário o hábito do Carmo, e o convite para dirigir a Casa de Caridade de Pombas.

¹⁷³ VRC, 10 de janeiro de 1869.

¹⁷⁴ VRC, 24 de janeiro de 1869.

¹⁷⁵ Idem.

¹⁷⁶ VRC, 31 de janeiro de 1869.

A originalidade a que se referia o periódico quando começou a publicar a história de Josepha estava no fato de que a beata morreu sorrindo. Mesmo S. Agatha, lembra o narrador, “não saudou a morte com um rizo”; mesmo S. Cecília, “no triduo de seu martyrio, vê seu algoz lutar 3 dias com esforço inhumano para decepar-lhe a cabeça, não teve uma imprecção para o carrasco, e nem um rizo na hora suprema”¹⁷⁷.

O “fim”, sete edições depois, da história da beata de Pombas, foi na verdade o “principio” de outra vida marcada pela santidade, do mesmo modo que a entrada de Ibiapina nas vilas do Cariri representava o início de um novo tempo, marcado por melhorias materiais e conversões espirituais.

A vida de Josepha de Sancta Anna, publicada durante sete edições, além daquele uso nas Casas de Caridade, como mostramos, deveria servir de exemplo e estímulo para aqueles que liam o jornal, ou seja, para pais e mães que tinham interesse em matricular suas filhas, como pensionistas, nas Casas de Caridade, ou seus filhos, no Internato Coração de Maria, instituições comprometidas com o projeto de “instrução espiritual”, ou seja, da educação religiosa, promovido pelas missões.

Deveria, ainda, mostrar-lhes a importância da vivência nas Casas de Caridade, sendo mais um convite do missionário para que todos pudessem experimentar as maravilhas das santas missões, o que contribuiria de todo modo para o sucesso dessas instituições.

Não podendo deixar os leitores órfãos de tão virtuoso exemplo, na sua décima edição, o jornal *VRC* vai apresentar a história de Leonarda do Coração de Jesus, vítima de epidemia de febre, que se achava recolhida à Casa de Caridade de Açu.

Esta piedosa mulher filha de pais pobres, porem de família honrada e temente a DEUS, desde a mais tenra idade, indicava possuir um coração amável, uma alma caridosa, uma índole cheia de abnegação e bondade, uma natureza, um fim que prophetizava uma futura sancta. O luxo e a vaidade forão sempre para Ella phantasmas que nunca tomarão corpo, e nunca domiciliarão-se em sua alma. Em seu coração tinha somente um desejo, ser freira, porque em sua alma tinha somente uma fé: a do Chistianismo. Realizado em parte este seo fervoroso pensamento, a piedosa Leonarda, depois de receber do virtuoso padre Ibiapina no mez de setembro de 1862 o habito de

¹⁷⁷ *VRC*, 31 de janeiro de 1869.

N.S do Carmo, entra para a casa de caridade no mesmo mez e anno, e ahi exercitando o seo caridoso gênio, alimenta se com a prece, e vive de mortificações.¹⁷⁸

E a história se repete: “piedosa”, de “família honrada e temente a DEUS”, “futura sancta”. Novamente Ibiapina conduz ações, define destinos. A abordagem hagiográfica inicia-se da mesma forma: uma personagem de “origem nobre”, que passa por provações, experimenta os enredos do mundo e, por fim, triunfa, em nome da vocação religiosa.

Tais relatos assumem um estatuto hagiográfico, ao tratar a sua origem familiar, a condição social, a procedência geográfica, a vocação e a conversão religiosa, os sofrimentos, glorificação, epifania, enfim, a sua morte ou o início da sua recompensa eterna. Narrativas que destacam como afirma Certeau, “aquilo que é exemplar”.

Nas biografias apresentadas no periódico, a irmã Josefa de Sancta Anna, que “morreu sancta” e a irmã Leonarda, cujo fim “prophetizava uma futura sancta”, são apresentadas como santas pois têm uma “origem nobre” e levam uma vida de mortificações e penitências que deveriam refletir sobre o imaginário popular dos fiéis. A intervenção de Ibiapina na vida delas foi importante para o caminho da santidade.

São histórias de grande valor moral e pedagógico capazes de estabelecer uma comunicação possível com a população em geral, e não apenas, como se pode imaginar, com um grupo específico formado por assinantes do jornal, letrados. Eram narrativas que visavam, sobretudo, sensibilizar a todos.

Histórias como aquela de Josepha de Sancta Anna e de Leonarda do Coração de Jesus apontam para o lugar das mulheres nas obras ibiapinianas. Se essas parecem ter um lugar secundário na escrita do jornal *VRC*, produzido predominantemente por homens, nas obras ibiapinianas, elas serão fundamentais.

Muitas foram as mulheres que mudaram suas vidas – não apenas seus nomes, acrescentando a eles nomes de santas das quais eram devotas – para seguirem Ibiapina: “Umas entravam [nas Casas de Caridade] novinhas ainda, como

¹⁷⁸ *VRC*, 07 de fevereiro de 1869.

órfãs, e lá se criavam e se formavam; outras lá chegavam já adultas, emitiam os votos religiosos, e eram preparadas para as tarefas, pelo próprio padre”¹⁷⁹.

As Casas de Caridade, principal obra das missões do padre Ibiapina, foram destinadas para a educação e o trabalho dessas “pobres desvalidas” afim de “educá-las e doutriná-las no santo Espírito de Deus e nas prendas que deve saber uma mãe de família na sociedade, depois de casá-las e dotá-las conforme as circunstancias das Casas”¹⁸⁰:

As mulheres acolhidas nos abrigos ibiapinianos, em geral, não apresentavam um perfil único: eram solteiras, casadas, viúvas, mulheres de vida considerada errante ou virtuosa, embora parte delas, ou talvez as mais destacadas pelos memorialistas, pertencessem a famílias abastadas: proprietários de terra, comerciantes, donos de engenhos e de fazendas de gado (...). Geralmente essas mulheres assumiam cargos hierarquicamente superiores, como diretoras ou benfeitoras das Casas.¹⁸¹

As mulheres foram fundamentais na administração das Casas de Caridade. Era o *ECC*, elaborado pelo próprio missionário, que determinava o papel que cada uma dessas mulheres deveria desempenhar dentro das Casas. Concordamos com Madeira, quando a autora afirma que foram as mulheres as principais executoras da ação beneficente ou assistencial, ao largo do século XIX. Embora bispos, padres, beatos e missionários tenham tomado a iniciativa de criar conventos e recolhimentos, que reiteravam, em grande parte, os princípios do cristianismo, ao exigir tanto da mulher caridosa como da beneficiada uma conduta modelada pela imagem de Maria bondosa, piedosa, sofredora, humilde e pobre, as mulheres foram as executoras de tais ações, através das quais se instituía o protótipo de um lar, pela figura feminina¹⁸².

Nas empresas moraes e materiais que o Rmo. Dr. Ibiapina tem realiado em favor deste lugar, as mulheres do Crato tem a melhor parte. (...) ellas não recuaram um só instante na prestação de seus serviços à santa Casa de Caridade. (...) As mulheres affluem de

¹⁷⁹ MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. *Entre orações, letras e agulhas: a pedagogia feminina das Casas de Caridade do padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883)*. Fortaleza, 2003. 278fl. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará. p. 152.

¹⁸⁰ *ECC*. (anexo).

¹⁸¹ MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. *Entre orações, letras e agulhas: a pedagogia feminina das Casas de Caridade do padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883)*. Fortaleza, 2003. 278fl. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará. p. 191.

¹⁸² *Ibid.* p. 190.

todos os lados do edifício, acodem aqui, alli, acolá (...) Carregam barro, areia, tijollos, botão pedras ao pé da muralha, cruzão-se em diversas direcções, vem e voltão, como as abelhas, sempre occupadas. Cantão hymnos de louvor á DEUS, e ao Coração Amoroso de Maria. (...) desenvolvem uma actividade superior as suas forças, chegando á ponto de faserem serviços que os homens recusarão por julgar-os pesados. Fez um hospital para a caza, deo habito de N. senhora do Carmo a 5 Irmans, e botou muitas na ordem de Irmans de Caridade. Nos domingos depois da Missa hia com as Orphans e Irmans a um recreio no jardim da Caza que continha muitas flores e fruteiras. (...)¹⁸³

De acordo com o Estatuto: “Haverá uma Superiora que gorvenará toda a Caza, a quem todas lhe serão obedientes (...)”; “(...) quando falte a Superiora, suba ao Governo a Vice-Superiora (...)”, eleita pela maioria dos votos do conselho formado pelas “mulheres mais prudentes e discretas das Cazas”. Existiam, ainda, as “mulheres do trabalho”, recebidas nas Casas de Caridade, inicialmente durante seis meses, para “provarem sua conducta, amor ao trabalho e verdadeira religião”¹⁸⁴.

Temos ainda a figura da Visitadora, “superiora das superiores, porque corrige os defeitos da Caza”. Essa se responsabilizava por visitar as Casas de Caridade uma vez por ano. No jornal *VRC*, lemos uma carta, não assinada, publicada a pedido da Irmã Superiora da Casa de Caridade do Crato:

Veneraveis Irmãs. Se há entre os dias de jubilo desta pobre humanidade um que deve encher os nossos corações d’um prazer inequivavel, é este em que DEUS se acha visivelmente bondoso, e misericordioso para conosco! (...) Especialmente hoje que se nos revella d’uma maneira tão clara e tão explicita, inviando-nos como visitantes de nosso reconhecimento a sua serva e muito venerável irmão superiora que tendes presentes! Sim veneráveis irmãs, nós, como creanças que dá o primeiro passo da vida, encontramos tropeços a cada ponto; e sem forças e experiência sufficientes cahimos a cada instante e em lugar de progredir não fazemos mais do que arrastar nos vagarosamente, ate que uma pessoa caridoza nos dê a mão para nos levantar e (...) de novo o nosso caminho! (...) DEUS que é tão bom (...) , nos mandou no caráter de superiora e visitadora das casas de Caridade deste bello e a meno Cariry, a venerável irmã da respeitável congregação Ibiapina como S. João dos destertos da Palestina a preparar os caminhos do senhor.¹⁸⁵

Riolando Azzi, num esforço de sistematizar as experiências religiosas das mulheres, durante o período colonial brasileiro, focaliza, especialmente, as mulheres

¹⁸³ *VRC*, 13 de dezembro de 1868.

¹⁸⁴ *ECC*. (anexo).

¹⁸⁵ *VRC*, 24 de outubro de 1869.

beatas, “título altamente honroso na época, e utilizado inclusive nos documentos eclesiásticos”¹⁸⁶, e as mulheres penitentes, e indica duas formas fundamentais dessas vivências religiosas, reconhecendo, no entanto, que essa divisão não é rígida.

Em primeiro lugar, aponta Azzi, existiam pessoas que, desde a juventude, mantinham o ideal da virgindade, dedicando-se ao recolhimento e à oração: as beatas. Em segundo lugar, existiam as mulheres que, tendo perdido a virgindade, ou “tendo levado na adolescência ou na juventude uma vida menos edificante, uma vez convertidas, se propõem a reparar os erros passados mediante uma vida de rigorosa”: as penitentes.¹⁸⁷

Paulino Duarte¹⁸⁸, a partir dos manuscritos dos beatos de Ibiapina guardados nos arquivos da Casa de Caridade de Santa Fé, onde era diretor, escreve, em 1915, sobre algumas dessas mulheres, moradoras na Vila de Barbalha:

Prestaram juramento de obediência, a Irmã Directora, Anna de Jesus da Conceição Cunha, a irmã bem feitora Rita Maria Leite, que fazendo a casa [Casa de Caridade de Barbalha, no Ceará], doação de uma fazenda de gados com 50 vaccas, libertando alguns escravos, entregando aos filhos maiores, três filhos menores que ainda tinha, e a posse dos bens que lhe restavam, tomou o manto de irmã da Caridade, e recolheu-se a casa com as mais beatas.¹⁸⁹

Gilberto Vilar nos revela a trajetória de uma delas, rompendo o silêncio sobre os beatos e as religiosas do padre Ibiapina:

A primeira superiora de Santa Fé foi Dona Cândida Americana Hermógenes de Miranda Cunha, nobre dama, riquíssima, terceira esposa do minerador e senhor de engenho Major da Guarda Nacional Antônio José da Cunha. Com permissão do marido, entregou-se de corpo e alma à Caridade. Com a morte do mesmo, Dona Cândida, que não tinha filhos, entregou todos os seus bens às Casas e ‘internou-se com todos os votos da irmandade’.¹⁹⁰

¹⁸⁶ AZZI, Riolando. *A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 179.

¹⁸⁷ Ibid. p. 179.

¹⁸⁸ SILVA, Paulino Duarte. *O padre Ibiapina: notas sobre a sua vida, extrahidas do archivo da Casa de Caridade de Santa Fé*. Paraíba, 1915.

¹⁸⁹ Ibid. p. 39.

¹⁹⁰ CARVALHO, Gilberto Vilar de. O padre Ibiapina, um homem que viveu e orreu pelo seu Povo. *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 43, fasc. p. 103-132, março de 1983. p. 120.

Andrea Bandeira¹⁹¹ interpreta a relação estabelecida entre o padre Ibiapina e suas beatas como uma “opressão religiosa” e como uma “subserviência civil”. A religião atuou, segundo a historiadora, obscurecendo as origens das injustiças sociais ao estabelecer um acordo, intermediado pelo missionário, entre proprietários e despossuídos. Acordo este, continua Bandeira, que favorecia a continuidade da exploração do excedente da produção do trabalho – a mais valia – e justificava a sua permanência, ao introduzir o mistério da fé na realidade das estruturas das relações sociais. No trabalho de Bandeira, do qual discordamos, a religião aparece como instrumento das aspirações sociais de um grupo incapaz de se manifestar por outras linguagens.

Madeira, que também estudou o lugar das beatas no projeto de Ibiapina, reconhece que Ibiapina acabou reproduzindo nas Casas modelos sociais instituídos à época – por exemplo, a acolhida de mulheres bem situadas economicamente, seja na administração das Casas seja como pensionistas. Todavia, se não tivesse agido desse modo, não teria tido o apoio nem o prestígio adquiridos e necessários para a construção e manutenção dos estabelecimentos. Porém, continua Madeira, mesmo tendo que abrigar meninas que já tinham uma vida abastada – fosse para lhe render verbas, fosse como ressarcimento de favores recebidos – o alvo principal do seu trabalho eram as mulheres desamparadas.

No trabalho “Nas margens: três mulheres do século XVII”, a historiadora americana Natalie Zemon Davis, a partir da análise de três autobiografias, reúne “uma judia, uma católica e uma protestante para tentar perceber a diferença que a religião fez em suas vidas, que portas ela abriu e que portas ela fechou, que palavras e atos lhe permitiu escolher”. Esse estudo foi bastante inspirador para nossa análise das hagiografias publicadas no periódico *VRC*, na medida em que nós também buscamos compreender como *o ato de escrever e de ler assume uma parte central nas experiências religiosas dos sujeitos*.¹⁹²

Nossa compreensão sobre o lugar dessas mulheres nas obras ibiapinianas difere da interpretação proposta por Bandeira e se aproxima do pensamento de Madeira, ou seja, acreditamos que Ibiapina acabou reproduzindo nas Casas

¹⁹¹ BANDEIRA, Andréa. *As beatas de Ibiapina: do mito à narrativa histórica. Uma análise histórica usando a abordagem de Gênero sobre o papel feminino nas Casas de Caridade do Padre Ibiapina (1860-1883)*. Recife, 2003. Dissertação (Mestrado em História do Nordeste e do Brasil). Universidade Federal de Pernambuco. pp. 79-82.

¹⁹² DAVIS, Natalie Zemon Davis. *Nas margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 13.

modelos sociais instituídos à época, todavia, se não tivesse agido desse modo, não teria tido o apoio nem o prestígio adquiridos e necessários para a construção e manutenção dos estabelecimentos.

Além dessas mulheres, que, inspiradas por exemplos como o de Josepha de Sancta Anna e de Leonarda do Coração de Jesus, abandonaram suas vidas para seguirem Ibiapina, alguns homens também se juntaram ao missionário no apoio e divulgação de sua obra. Dois deles ficaram vivos na memória do povo: o irmão Inácio e o irmão Antônio. O periódico *VRC* não deixou de publicar uma descrição do primeiro:

Um homem de estatura regular, corpo cheio, e musculoso; de raça cauceza, nação portugueza; faces brancas e coradas, como são todos os portuguezes; mas crestadas pelos ardores do sol; cabellos e barbas castanhos, grossos, e dispresados, cabeça descuberta; pés descalços, andar seguro, e inclinado, vista encravada em cima dos passos, silêncio profundo; trazendo uma camiza singular, que lhe dava até o joelho, e sirôla de algodãozinho! Eis o irmão Inácio! Na idade dos desvarios, despondo de recursos intellectuaes, e imoraes, elle soube vencer-se a si: calcar aos pés as mizerias, que o mundo esconde debaixo de apparencias seductoras. (...) De todas as virtudes christãs elle não é simplesmente um homem, é um cometa de bom agouro, que gira em todos os sentidos, levando a todos a paz e a alegria: um Anjo de bondade, mandado ao mundo para o bem de todos, um Apóstolo da Caridade, que sacrificando-se em favor dos disvalidos, nada quer para si.¹⁹³

O relato sobre o irmão Ignácio, que abandonou tudo, em 1862, para seguir Ibiapina, quando o missionário passou pela cidade de Açu, no Rio Grande do Norte, termina afirmando que o beato era “um dedo da providência, apontando a todos o caminho do Céu, um justo, que edifica com a palavra, e com o exemplo, dos quaes disse Deus: Hic magnus est in regna eloran.”¹⁹⁴

No projeto espiritual promovido pelo padre Ibiapina, o papel exercido por esses beatos foi significativo. Como lembra Vilar:

Os beatos eram homens que tudo abandonavam, para servir a Deus, sobre as ordens do Padre. Eles ajudavam externamente no sustento das casas: pedindo esmolas nas épocas de crise (...) mas o seu principal trabalho não era esse (...) pegavam no trabalho pesado do

¹⁹³ *VRC*, 21 de fevereiro de 1869.

¹⁹⁴ *Idem*.

pastoreio da agricultura, ensinavam ofícios, eram eles os vaqueiros e a eles competiam o abate das resis.¹⁹⁵

Durante a seca de 1877, o irmão Ignácio partiu para o Rio de Janeiro para garantir ajuda às Casas de Caridade. Sobre esse momento escreveu Ibiapina:

Foi nesse quadro doloroso que o irmão Ignácio, indo ao Rio, conquistou uma simpatia e consideração tal em favor da caridade destas casas do Norte, que obteve de esmolas vinte e dois contos de réis, sendo todo o povo tão disposto a favorecê-lo com esmolas, que foi obrigado a voltar para receber a continuação desse favor providencial. E aqui mui visível a ação da providência; porque a figura do irmão Ignácio é desprezível pelo seu vestuário: sem chapéu, descalço e vestido com desalinho, deveria na corte onde impera somente o luxo e grandeza dos nobres, ser desprezado e exposto ao ridículo (...). Entretanto, tal impressão causou pela causa que o ocupava, que teve a consolação de vir a seu favor grandes notabilidades políticas e sociais, como bispos, deputados, senadores, mulheres, moças e meninas. Todas as folhas que se ocupavam em discussões políticas e odiosas depuzeram as penas para só do irmão Ignácio se ocuparem e ajudarem a empresa da caridade.¹⁹⁶

Temos por meio das páginas do periódico uma valorização de práticas religiosas, quase imemoriais, vivenciadas nos sertões e potencializadas em momentos como aqueles vividos durante as santas missões. O registro de rastros presentes nas páginas do jornal possibilita uma maior compreensão das sensibilidades religiosas nos sertões do Ceará, no século XIX, e o papel central do *verbo* nas múltiplas experiências religiosas. Se os beatos e beatas tiveram tamanho destaque nas páginas do periódico, foram porque suas vidas deveriam servir de exemplo para os ouvintes, leitores e devotos da obra ibiapiniana.

Assim, devoções europeias como a do Sagrado Coração de Jesus e a de Maria, mãe de Deus, decerto apropriadas de modo original pelos sertanejos, e presentes nas missões do padre Ibiapina, vão constituindo, ao lado do trabalho e do exemplo dos beatos e beatas, como Josepha de Sancta Ana, Leonarda do Coração de Jesus, irmão Antônio e irmão Ignácio, as múltiplas experiências religiosas vivenciadas no sertão.

¹⁹⁵ CARVALHO, Gilberto Vilar de. O padre Ibiapina, um homem que viveu e morreu pelo seu Povo. *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 43, fasc. p. 103-132, março de 1983.p 119.

¹⁹⁶ Um dos jornais a se ocuparem da presença do irmão Ignácio na corte foi o jornal religioso 'O Apóstolo', nas edições 40, 41 e 42, respectivamente nos dias 6, 8 e 11 de Abril de 1888.

2.2 Histórias de milagres

E onde há santos, não podem faltar milagres! Não foram poucas as graças publicadas na folha religiosa em agradecimento e reconhecimento ao padre Ibiapina. Durante o primeiro ano do periódico, na seção *Fonte Miraculosa*, foi divulgada uma série de graças alcançadas por intermédio do missionário na fonte do Caldas, em Barbalha.

A seção “desaparece” no segundo ano do jornal, o que não significa que as romarias com destino à fonte que podia operar milagres e realizar curas sobrenaturais, iniciadas antes mesmo da divulgação da história do milagre de “Luzia Pesinho” nas páginas do periódico, tenham cessado. Assim, embora tenha perdido seu espaço privilegiado de divulgação, com o fim da publicação religiosa em 1870, as histórias de milagres relacionadas à fonte do Caldas e, posteriormente, à fonte da Vila de Milagres, também no Cariri, não deixaram de circular entre aqueles homens e mulheres de fé.

O município de Barbalha, onde se localiza a fonte do Caldas, tinha sido em 1838, desmembrado do município de Missão Velha, sendo elevado, posteriormente, a categoria de Vila, em 1846, portanto, não muito antes da passagem de Ibiapina pelo Cariri. Em sua descrição do município, publicada na *RIC*, em 1888, Guilherme Studart destacou a presença dos dois primeiros padres, o que demonstra a importância desses sujeitos na vida religiosa e civil das localidades naquela época: “Seo primeiro parcho foi o Ver. Padre Pedro José de Castro e Silva (...). Este permutou a freguezia com o actual Vigário João Francisco da Costa Nogueira”¹⁹⁷.

Outro destaque na “Descrição do Município de Barbalha”, feita por Studart, foram as “nascentes mais notáveis pela abundancia de suas águas e das quaes algumas são apreciadas pelos effeitos therapeuticos”¹⁹⁸. O estudioso lembra as águas do Caldas, e indiretamente, o milagre de “Luzia Pesinho” e a passagem de Ibiapina pelo Cariri. Permaneciam, portanto, na memória e nas práticas das pessoas daquela localidade, os acontecimentos de 1868:

O descobrimento das propriedades medicamentosas do Caldas é devido à mero acaso e attribue-se ao venerável sacerdote Padre

¹⁹⁷ STUDART, Guilherme. Descrição do Município de Barbalha. In: *Revista do Instituto do Ceará*, 1888. p. 1.

¹⁹⁸ Ibid. p. 2

Ibiapina, o Apostolo do Cariri. Para essa fonte concorrem doentes até de Pernambuco e da Bahia, e as conjunctivites catahhaes e granulosas, as affecções uterinas, e as da pelle são as enfermidades contra se mais se apregoão as suas virtudes (...).¹⁹⁹

Acompanhemos novamente a história de “Luzia Pesinho”, como foi contada no periódico *VRC*, em 13 de dezembro de 1868:

Luzia Pesinho, parda, casada, moradora, na vila da Barbalha, paralytica das pernas a 3 annos pede que a levem á prezença do Rmo. Missionario. No dia 20 de Junho de 1868 vê realisado o seu desejo e achando-se ao encontro do Missionário Cearense, JOZÉ ANTONIO DE MARIA IBIAPINA que lhe passava na porta, roga-lhe com a mais viva instancia que lhe ensinasse o remedio de seu mal. - Eu não sou medico do corpo, lhe diz o venerando Padre Mestre, o meu ministerio é curar as almas. -Ah! Meu santo Padre, ensine-me, lhe retorquio Luzia, sim, ensine-me o que quizer ; eu tenho fé de ficar boa. -Pois bem, mulher, va tomar 3 banhos na fonte do Caldas ao sahir do sol. Luzia creu, foi ao lugar indicado no meio de uma carga e acompanhada de seu marido que tão bem sofria de uma hernia. Ambos forão ao banho e voltarão bons.²⁰⁰

Como informa Francisco Sadoc de Araújo, em 20 de junho de 1868, Ibiapina encontrava-se em Missão Velha, de partida para o Crato:

“Na caminhada de ida, passou rapidamente por Barbalha e visitou, pela primeira vez, a fonte do Caldas, (...) sobre a qual lançou uma benção de louvor a Deus, (...). Na caminhada de volta [da Vila de Jardim], com a intenção de ir para o Crato, seguiu o mesmo caminho até Barbalha, onde aconteceu um fato extraordinário (...)”²⁰¹.

Sadoc refere-se ao milagre de “Luzia Pesinho”.

Seis meses separam o milagre da narrativa publicada no periódico que inauguraria a seção *Fonte Miraculosa*. A história de “Luzia Pesinho” e a devoção que esta alimenta vai se juntar às histórias de milagres presentes nas santas missões do padre Ibiapina, constituindo parte do repertório oral e das vivências dos sertanejos que participavam das missões.

Antes mesmo de ser divulgado na folha religiosa, em dezembro de 1868, é possível que o nome de Luzia, associado ao do missionário, já fosse conhecido em Barbalha e nas localidades próximas do Cariri, pois consta que ela tenha

¹⁹⁹ Ibid. p. 3

²⁰⁰ *VRC*, 13 de dezembro de 1868.

²⁰¹ ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*. Fortaleza: Ed. Paulinas, 1996. p. 386.

acompanhado o padre Ibiapina, durante três meses em missão, de junho a outubro de 1868, dando testemunho público do milagre²⁰². Embora o fenômeno milagroso tenha ocorrido com “Luzia Pesinho”, é o nome e o sobrenome do padre Ibiapina que são destacados no texto e que serão associados mais tarde aos poderes miraculosos das águas do Caldas.

O início da narrativa não deixa dúvidas sobre o autor do milagre:

As grandes e repetidas maravilhas que se vão dando todas os dias na nascença do Caldas não devem ficar em silencio ou antes apregoadas somente pelos beneficiados. A VOZ DA RELIGIAO, que tem a missão de levar ás sociedades mais remotas a doutrina e os prodigiosos effeitos do Homem Deus, deve tão bem ser o écho das maravilhas que se operão em seu nome. Saiba, pois o mundo inteiro que Deus querendo estabelecer o credito do seu servo, o Padre Ibiapina a fortalecer entre os povos do Cariri-novo as verdades da fé já moribunda e proxima a desaparecer, fez surgir argumento irrespondivel do milagre.²⁰³

Foi da “bocca dos beneficiados”, “em fase do depoimento das suas testemunhas oculares”, que os leitores do periódico começaram a conhecer as “provas” do “argumento irrespondível do milagre” na fonte do Caldas, “actualmente o objeto de respeito e veneração dos fieis, da admiração dos impios, e da confusão dos incredulos e materialistas que por mero capricho querem negar a Deus”²⁰⁴.

O caminho percorrido pelas graças pode ser conhecido devido à assinatura das resenhas de milagres publicadas no periódico. É possível acompanhar os milagres desde o primeiro banho – dos três recomendados – de onde então as graças eram colhidas da “bocca dos beneficiados”, em Barbalha, até sua divulgação na folha religiosa, quando as mesmas disputavam espaço nas quatro páginas do periódico, na Vila do Crato, onde as informações eram selecionadas pelo redator do jornal, Joaquim Tellis Marrocos, e só então eram divulgadas.

O jornal *VRC* era publicado no Crato, próximo a Barbalha. Os relatos chegavam à redação, inicialmente por meio de correspondências enviadas pelo Senhor Pedro Lobo de Menezes, “que nos tem fornecido a relação dos curativos operados pelas agoas do Caldas”²⁰⁵. Pedro Lobo era responsável pela recepção das assinaturas do periódico em Barbalha. Foi o primeiro presidente da Casa de

²⁰² *VRC*, 13 de dezembro de 1868.

²⁰³ *Idem*.

²⁰⁴ *Idem*.

²⁰⁵ *VRC*, 20 de dezembro de 1868.

Caridade daquela Vila, tornando-se grande amigo de Ibiapina. Dois anos após ter sido obrigado a deixar a Província do Ceará, em 1872, o padre Ibiapina, mesmo ocupado e doente, encontrava tempo para escrever ao senhor Pedro Lobo de Menezes.

Além de Pedro Lobo de Menezes, o senhor José Senando de Maria Xenofonte, da Vila de Milagres – onde também surgiu uma fonte miraculosa –, em reconhecimento ao padre Ibiapina, acrescenta o nome “Maria” ao seu nome e que enviava listas ao jornal *VRC* com nomes de beneficiados e também era responsável por receber as assinaturas do periódico naquela vila. Após a construção da capela do Senhor Bom Jesus dos Pobres Aflitos, na fonte do Caldas, os depoimentos foram tomados pelo senhor Antônio Vicente de Caldas, zelador da capela.

Nem todas as graças publicadas continham os detalhes como os referentes ao milagre de Luzia, e não foram poucas as vezes em que o redator deixou claro a falta de espaço para que outras graças pudessem ser divulgadas. Acreditamos que as narrativas enviadas por esses sujeitos à redação do periódico e submetidas ao crivo do redator Jose Joaquim Tellis Marrocos eram muito mais ricas em informações sobre os que obtinham a graça do que as que apareceram publicadas. Como bem observa o redator do jornal: “A carta do Sr. P. Casimiro contem ainda outros pormenores curiosos acerca das enfermidades e do curativo da Sr. Leandra M. da Conceição”²⁰⁶.

As graças que apareceram na seção *Fonte Miraculosa* apresentavam a mesma estrutura, identificavam o nome do beneficiado, seu lugar de origem, assim como a moléstia da qual teria sido curado.

Eis os factos da Fonte do Caldas, a que me refiri na minha correspondencia sob data de 10 do corrente. Todos elles forão tomados em nota pelo Senhor Antonio Vicente de Caldas, Zelador da Capella do SENHOR BOM JESUS DOS POBRES AFFLIGTOS da Fonte do Caldas, á vista do depoimento dos beneficiados e d’ outros testemunhos insuspeitos e, portanto dignos de todo credijto. Em 8 de Maio 1869 1. José Bizerra Cabral, morador em Santa Luzia do Sabugí, provincia da Parayba, veio dar parte que sua filha Maria Cabral de Jesus, soffrendo gravemente de uma pneumonia, e quase paralítica das pernas, acha-se quase restabelecida com os banhos do Caldas:

2. João Manoel de Medeiro, morador tão bem no Sabugí, estava paralítico a 7 annos, sahio e bom.

²⁰⁶ *VRC*, 20 de dezembro de 1868.

3. A mulher de Raymundo Mariano dos Sanctos, morador no Pajehu, soffria muito dos olhos.
Teve grande milhora.
4. Zaccarias Gonsalves de Araújo lima, morador na Villa Bella, soffria de escorbuto.
Teve uma milhora considerável.
5. D.Joaquina de Salles Landim, casada com João Manoel da Cruz, morador na Freguesia de S. José do Missão velha, soffria dos nervos excessivamente.
Hoje acha-se boa.
Em 12 de Maio.
6. Francisco Antonio de Mello ,morador no Rio do peixe, soffria de uma constipação na cabeça, sahio quase bom.
7. Cleodato Lopes de Araújo, morador no Príncipe Imperial, soffria da paralyisia na lingoa , e muitos incommodos na cabeça.
Em 14 de Maio.
8. Joaquim Cavalcante de Lacerda, morador no termo de villa Bella, soffria muito do nervoso e flato aponto de estar quase maluco.
Retirou se perfeitamente bom.
9. O senhor Tenente Américo Vespuccio dá testemunho de um menino, morador em Cuncas, termo de Milagres, o qual era aleijado de um pé, desde creança e com um só banho ficou perfeitamente bom.
Continua a lista do Sr. Antonio Vicente: nós a faremos publicar por parte.²⁰⁷

No livro “Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI”²⁰⁸, Natalie Zemon Davis pesquisou nos arquivos franceses uma série de narrativas de crimes, como as cartas de perdão, instrumento jurídico através do qual os súditos pediam clemência ao rei pelo homicídio que haviam cometido. Interessa-nos, aqui, o momento em que Davis discute a autoria das cartas de perdão.

A historiadora conclui que, “mesmo sendo produto de uma colaboração, a carta de remissão ainda pode ser analisada nos termos de vida e dos valores da pessoa que quer salvar a própria vida por meio de uma história”²⁰⁹. As graças publicadas no periódico *VRC* não tinham o mesmo objetivo daquelas cartas de perdão francesas do século XVII, analisadas pela historiadora americana. Todavia, assim como lembrou Davis para as cartas de perdão, as graças divulgadas no jornal *VRC* também podem ser analisadas nos termos de vida e de valores daqueles sujeitos que, “por meio da narrativa, faziam com que o inesperado ganhasse sentido e introduziam coerência na experiência imediata”²¹⁰.

²⁰⁷ *VRC*, 25 de julho de 1869.

²⁰⁸ DAVIS, Natalie Zemon. *Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

²⁰⁹ *Ibid.* p. 18.

²¹⁰ *Ibid.* p. 18.

Duas ou três pessoas colhiam os testemunhos dos sertanejos que não sabiam escrever e remetia-os ao escritório do jornal *VRC*. Sujeitos envolvidos com a vida política, letrada e religiosa das vilas e antes de qualquer coisa, comprometidos com o projeto das santas missões. Que escrevia da “bocca dos beneficiados” o “argumento irrespondível do milagre”.

Das listas enviadas ao jornal, podemos conhecer as ocupações das pessoas curadas (tenentes, capitães, coronéis, oficiais de justiça, negociantes, suas esposas, filhas e escravos); suas origens (“sítio timbaúba”, “Ouricuri”, “riacho dos porcos”, “São Pedro”, “Salgueiro” e Crato, Barbalha, Missão Velha, Milagres e outras províncias); e suas moléstias (“hérnia”, “sciatica”, “sarnas syphiliticas”, “diarrheia de sangue”, “lepra”). A cura de paráliticos, por sua vez, predominava nas narrativas.

Teria sido o padre Ibiapina, naquele momento, considerado santo “especializado” na cura de paráliticos, uma vez que esta foi a moléstia mais presente nas graças publicadas no jornal *VRC*?

Como lembra Azzi, desde a Idade Média, haviam surgido algumas devoções a santos que se especializavam em atender à cura de determinadas enfermidades. O estudioso cita três desses cultos e sua significativa difusão entre os luso-brasileiros: Santa Luzia, “que inauguraria a série dos santos curadores mais populares na sociedade colonial”, conhecida por ser a santa protetora dos olhos; São Brás, “cuja atuação em favor daqueles que sofriam males da garganta foi valorizada pela própria hierarquia católica”; e Santa Apolônia, curadora dos males de dentes.²¹¹

Todavia, mesmo com a predominância de curas de paralisia entre as graças publicadas na seção *Fonte Miraculosa*, não é possível afirmarmos que Ibiapina tenha sido considerado santo curador dos paráliticos.

A fonte do Caldas se tornará o destino de romaria para inúmeros sertanejos que buscavam curar as dores do corpo e da alma. O fluxo de romeiros que mais tarde edificariam uma capela em homenagem ao Bom Jesus dos Aflitos já tinha como incentivo as histórias de milagres que marcavam a atuação do Padre Ibiapina na província do Ceará.

Em 25 de dezembro de 1868, aparece a seguinte notícia no periódico:

²¹¹ AZZI, Riolando. Dom Luis Antônio dos Santos, primeiro Bispo do Ceará (1861-1881) e Arcebispo da Bahia (1881-1890). *REB - Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, p. 652-674, 1990.. p. 254-259

A FONTE DO CALDAS – Um espírito recto não pode por certo duvidar dos milagres que todos os dias se vão operando na nacensa do Caldas. A concorrência de tantas pessoas, de todas as classes, e de todos os pontos é mais uma nota característica das maravilhas que DEUS opera em abono de seu servo, o Padre Ibiapina. O numero das pessoas que encontra-se no Caldas varia de 200 a 400 por dia, e as veses a affluencia é tanta que consome-se um dia inteiro a esperar que haja possibilidade de tomar-se um banho. O povo deseja edificar uma Capella no Caldas, como o padrão de seu reconhecimento as graças que DEUS lhe prodigalisou por intermédio de seu venerável ministro.²¹²

Se a fonte do Caldas foi o lugar privilegiado de curas miraculosas e de produção de histórias de graças, as missões de modo geral estavam repletas de outras histórias de milagres e o periódico, em nome da “história do lugar” e dos “interesses da religião”, não deixou de divulgá-las.

Na edição de 03 de janeiro de 1869, o jornal “estampou” em suas páginas a história do senhor Vicente Cabral de Melo. Dos 60 homens convocados pelo missionário para os serviços da construção da Casa de Caridade da Vila do Crato, em 1868, o senhor Vicente foi justamente o 60º. Todavia, ao contrário daqueles outros 59 homens que “imediatamente appareceram”, o senhor Vicente era “inválido para o serviço”. Diante disso, o senhor Pedro José Gonsalves da Silva chama o senhor Vicente e lhe diz:

Sr. Cabral, todos os trabalhadores vão para o serviço da Caridade, dirigidos por Deus e Vm. pelo demônio, porque impossibilitado pela sua enfermidade só pode prestar para comer e estorvar a quem lhe der a mão para lhe ajudar a dar algumas passadas. - Não importa. Irei sempre. Meo nome esta na lista e DEUS sabe meus desejos de ser útil no serviço da Casa de Caridade.²¹³

Após esse diálogo, Pedro Gonsalves recomenda ao Gedeão, responsável pela obra, que o paralítico fosse empregado em um serviço mais “commodo” pois o “senhor Cabral estava gravemente doente de uma perna, passava as noites em continua vigília e sobre os gritos e gemidos arancados pela dor mais dilacerante”²¹⁴.

O senhor Cabral vira finalmente sua perna secca, os membros contrahidos, inertes, e valera-se de um sustentáculo par dar uma passada. É nessas circunstancias que se volta com todo afan ao

²¹² VRC, 25 de dezembro de 1868. *Grifo meu.*

²¹³ VRC, 03 de janeiro de 1869.

²¹⁴ Idem.

serviço da Casa de Caridade. Sua dedicação valeu-lhe o prompto curativo de sua enfermidade no espaço de 3 dias. Logo no primeiro dia de seu serviço podede consiliar o somno e sente o desaparecimento da dor durante a noite. A melhora continua progressivamente a medida que o doente redobra de esforços no serviço. E hoje o Senhor Vicente Cabral de Mello está perfeitamente bem e confessa que de sua enfermidade só resta a lembrança do milagre que poz termo aos seus soffrimentos.²¹⁵

Durante a passagem de Ibiapina pela localidade de Bananeiras, em 1863, narrada por um de seus beatos, temos registrado mais um episódio que aponta para a presença do maravilhoso durante as missões:

O numerozo concurso achava-se apinhado ao redor do Cruzeiro, que com as artes necessárias empregadas por muitos homens deligenciavão subi-lo ao ar, para no lugar destinado, em vez de equilibrar-se pendêo para um lado, que aterrou todo auditório e todos gritarão: misericordia! Acaba-se tudo! Pois iaô serem esmagados pelo Cruzeiro, tal foi a forma em que elle ficou. Mais sendo suspenso pela providencia divina e as orações do santo Apostolo, vio-se como por um milagre a Santa Cruz tomar novo equilíbrio e cair direito no lugar destinado. O Rm^o Missionário ainda ocupou o púlpito para fallar do milagre que todos acabavão de prezenciar.²¹⁶

Todavia, se aqueles que seguiam as recomendações do padre Ibiapina, podiam obter curas maravilhosas, o contrário também podia ocorrer. Ou seja, quem não era caridoso e religioso como recomendava o missionário, estava sujeito ao castigo divino.

O espírito de avareza tinha também seu partido; alguns Senhores entenderão mais conveniente cuidarem na safra de seu engenho do que vir assistir à missão. Por isso, aberta a missão, a concorrência não foi franca; estavam no principio da safra e muitos Senhores se deixarão ficar fazendo suas rapaduras. O Rm^o Missionário fulminou do púlpito aquelles que por motivos de avareza deixassem de comparecer à missão, mandando callar todos os engenhos. Alguns teimarão e forão immediatamente punidos. Dous ou três engenhos quebrarão-se na manhã seguinte, uma moenda de ferro embirrou e não quis dar um passo; talvez respeitasse mais o preceito apostólico do que seu dono. (...) seus proprietarios assim castigados servirão de exemplo a outro e estabeleceu-se então a concorrência, não faltou ninguém.²¹⁷

²¹⁵ VRC, 03 de janeiro de 1869.

²¹⁶ HOORNAERT, Eduardo. *Crônicas das Casas de Caridade: fundadas pelo Padre Ibiapina*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. p. 89

²¹⁷ Ibid. p. 99.

Em outubro de 1869, nas proximidades de Cajazeiras, temos um outro caso de “desobediência”, logo seguido de uma condenação pública. Afinal, tudo parecia ou deveria parecer exemplar nas missões:

No dia 14, comessou-se a missão neste lugar, e nesse mesmo dia meo Pai, perguntando aos proprietarios, se cedião fazer-se em sua terras um assude de que haviam grande necessidade, um Senhor de nome João disse com muito dezmbaraço: De minha parte não cedo... Meo Pai fulminou-o do pulpito com tanta força que o pobre homem, assim que ele desseu, foi ajoelhar aos pes pedir-lhe perdão e ceder-lhe tudo quanto de sua pertencesse. Tendo porem dado escandalo publico, meo Pai obriou-o a fazer penitencia publica, ao que elle obdecendo com muita humildade pediu perdão e disciplinou-se, confessou-se e muito aproveitou. Porque sendo um dos proprietários mais ricos, dando exemplo de humildade, tornou-se o maior protector d'essa obra de grande utilidade publica.²¹⁸

A divulgação do milagre de “Luzia Pesinho”, certamente alimentada por outras histórias, contribuiu para a transformação do pequeno sítio do Caldas em Povoado. Dois anos depois da ida dos primeiros romeiros ao Caldas, foi assinada a Lei Provincial, número 1330, de 10 de Outubro de 1870, criando o distrito de Paz, na povoação do Caldas.

Demoremo-nos agora, nas narrativas de milagres na fonte do Caldas:

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, por tantas graças que nos liberalisa pelo intermedio do seu Veneravel Apostolo. O Senhor Ignácio Pereira da Silva, morador no sitio timbaúba do Senhor Tenente Coronel Antonio Gonsalves Landim, tinha uma filha de nome Anna, que nunca poude caminhar, com idade de 6 annos: pouco mais ou menos. Os paes tendo exgotado os recursos para dar movimento á membros inertes, resignão – se á tristesa amarga que lhes occasiona a misera sorte de sua filha. E assim perdem a esperanza, mas apenas ouvem a historia do Caldas, alegrão- se, crêem, contão mesmo com o successo. Sua fé não foi illudida. A menina está boa, caminha por toda parte, á todos que encontra sente o praser de contar milagre que em seu beneficio operou a Fonte miraculosa.²¹⁹

Nas narrativas de milagres alcançados com os banhos na fonte do Caldas, como essa que divulga a cura da filha do senhor Ignácio Pereira da Silva, “que nunca poude caminhar, com idade de 6 annos”, o padre Ibiapina aparece como intermediário na cura. O santo do sertão, que animava a vida religiosa e melhorava a

²¹⁸ Ibid. p. 128.

²¹⁹ VRC, 03 de janeiro de 1868.

vida material, também animava as conversas dos sertanejos que tinham “o praser de contar milagre”, antes mesmo da criação do jornal *VRC*, fundado em 1868. Temos ainda a presença de um sujeito “insuspeito” para imprimir mais credibilidade à história: o coronel Antonio Gonçalves Landim.

Os pais de Anna “ouvem a história do Caldas”, mas não como mais uma história contada pelos sertões. As histórias vindas do Caldas eram especiais, frutos da fé dos sertanejos, criadas e contadas para alimentar a essa fé. Por isso, ao curar-se, foi preciso que Anna testemunhasse o milagre a todos, (re) alimentado o universo das crenças nos poderes miraculosos do padre Ibiapina e das águas do Caldas.

E não cessavam os milagres no Caldas:

Mais um facto da fonte miraculosa.” “No dia 2 de abril, de volta do Caldas, chegou em nossa casa Leandra Maria da Conceição , moradora na Cidade de Sousa. A qual soffria ,há 3 annos de paralytia que impossibilitava –lhe a execução de qual quer serviço.” “A este soffrimento associava-se outro não menos encommodo procedente de um signal junto do nariz o qual pela sua natureza degeneraria sem duvida em um cancro Com o primeiro banho que tomou no Caldas, sentiu-se perfeitamente boa”. “Com tudo a beneficiada não quiz publicar logo o seu curativo , e som. depois do passado um certo tempo em que verificou por todos os modos a existência do beneficio que colhera das agoas do Caldas, nos podio a sua publicação no Jornal - A VOZ DA RELIGIÃO NO CARIRI-“ “Pode portanto levar á publicidade o facto exposto, que eu mesmo o prezenciei.” “A manhan tem de seguir á pé para Sousa a beneficiada; o que não lhe será difficil , visto já ter voltado apé do Caldas para Missão-velha.²²⁰

Muitos dos sertanejos que se dirigiram para a fonte do Caldas e foram alimentados pela fé, pela crença nos poderes do missionário, eram homens e mulheres que ouviam e contavam as histórias das missões, dos milagres, dos santos que acompanhavam Ibiapina. Para lá, se dirigiram “Padres, Bacharéis, Negociantes, e mais pessoas de muitas classes ilustradas: só não vi ali médicos e boticários!”²²¹. O periódico não abria mão de anunciar que “os milagres não cessão: é extensa a lista dos beneficiados, é admiravelmente a relação dos curativos obtidos”²²².

Mais um curativo milagroso teve lugar na pessoa de uma escrava do Senhor João do Espírito Sancto Correia. Esta pobre soffria a 3 annos

²²⁰ *VRC*, 16 de maio de 1869.

²²¹ *VRC*, 18 de julho de 1869.

²²² *VRC*, 20 de dezembro de 1868.

de paralytia nas pernas, e para dar algumas passadas servia-se do cassette e da muleta... Foi tomar banhos na nascensa do Caldas, onde se demorou trez dias, lá deixou a muleta. Joaquim da Silva, morador na villa de Milagres, 51 annos de idade, soffria muita da vista e de paralytia das pernas, banhou-se, sentio logo o desaparecimento rápido de seus graves incômodos, e acha-se perfeitamente bom.²²³

Bernardino Gomes de Araújo encontrou tempo para dar seu testemunho no periódico:

Fui alli levando em minha companhia minha filha Anna Florinda de Araújo e sua filha de nome Anna, uma liberta do mesmo nome, e uma sobrinha minha de noma Cândida. Todos soffriamos: eu de fraquesa de vista que não podia ler, nem escrever; minha filha e sobrinha dos olhos desde creança, minha netinha de uma fistula no ouvido, e a liberta de desarranjos históricos. Prevenidos com os Sacramentos da confissão e communhão tomamos os 3 banhos preceituados e voltamos satisfeitos. Eu, minha sobrinha e a liberta estamos bons: minha filha e minha neta recahirão um pouco ficando toda via muito melhoradas. Devo porem confessar, para vergonha de nossa ingratição. Sahimos curados: mas em lugar de virmos agradecer a DEUS os favores recebidos, fomos fazer visitas distrahimos-nos com divertimentos profanos, antes de ter completado nossa romaria. Sirva, ao menos, a nossa confissão de reparo a nossa falta, e de exemplo a outros que vão e voltão, do Caldas sem proveito. Temos de pedir a DEUS perdão de nossas faltas, e voltar de novo a Fonte; então faremos saber o que occorrer de novo. Comnosco esteve Francisca de Sa, casada com Manoel Ferreira, morador no sitio Arraia desta Freguesia. Esta mulher soffria de um olho que tinha quase perdido por uma pancada: tomou um banho e retirou-se boa. Perguntando-se lhe porque não tomou os treis banhos, respondeu muito ingenuamente:
- Eu hia com muita fé, para que queria mais de um banho.²²⁴

Embora “Luzia Pesinho” tenha desaparecido completamente das páginas do jornal, dando lugar ao testemunho de outros homens e mulheres, a notícia sobre seu milagre, publicada em 13 de dezembro de 1868, foi fundante da santidade de Ibiapina.

A história de “Luzia Pesinho”, e tantas outras narrativas maravilhosas que tiveram eco no jornal *VRC*, alimentaram a crença no poder divino do padre Ibiapina, nas missões ibiapinianas como espaço de comunicação com as forças do além, nas águas do Caldas como meio eficaz da cura das enfermidades do corpo e da alma.

²²³ *VRC*, 09 de maio de 1869.

²²⁴ *VRC*, 20 de dezembro de 1868.

Essas histórias ecoaram além das páginas do periódico e continuaram a alimentar a fé dos fiéis, mesmo após o fim da publicação da folha religiosa, em 1870.

Nas memórias do beato, autor do escrito “Missões de Bananneiras no anno de 1863”, guardado nos arquivos da Casa de Caridade de Santa Fé, na Paraíba, podemos compreender alguns dos significados das notícias de milagres, especialmente os ocorridos na fonte do Caldas, para os que acompanhavam o padre Ibiapina. Mesmo em se tratando de uma memória individual, quando fala da Fonte do Caldas, o beato, que transcreve a notícia da folha religiosa, representa, de certo modo, a visão de mundo dos devotos e leitores do missionário e do jornal *VRC*. Senão, vejamos:

Agora, ó Espírito de Luz e sabedoria, ensinae-me a dizer as vossas maravilhas. Mister me é, Senhor, fazer conhecidos os vossos prodígios feitos para estabelecer a crença do povo às palavras do vosso Ministro, para implantar em nossos corações as sublimes verdades da Religião Santa, que sellou com sangue precioso o vosso Jesus e para que por essa crença infallivel na vossa bondade pela esperança que resulta dessa crença e pelos afecctos de amor que nascem dessa bondade, possamos merecer a glorioza eternidade.²²⁵

No presente trabalho, o periódico é compreendido e analisado como espaço de “clivagens culturais”, “criando distinções e tensões, oposições e divisões”, entre práticas culturais e vivências religiosas distintas, marcadas por imbricamentos, trocas, usos diferentes das mesmas idéias, intermédios.

Isso ocorria, sobretudo por meio da publicação de notícias de eventos extraordinários e de narrativas de milagres que marcavam as missões ibiapinianas. Para a Igreja e, de certo modo, para os sertanejos que tinham seu cotidiano transformado pelas santas missões, o milagre representa um sinal que aponta para a intervenção do divino na escassez do cotidiano. É motivo para conversão.

A crença no milagre exemplifica essa área de “intersecção cultural” sugerida por Franco Júnior, que marca tanto a história da Igreja Católica no Ocidente quanto a vida dos moradores das vilas visitadas por Ibiapina. Para a cultura intermediária, o denominador comum das duas visões sobre o milagre era seu caráter sagrado.

As experiências religiosas dos dominantes, homens da Igreja, da Justiça e das Letras não diferem radicalmente daquelas das “pessoas comuns”. Penso ser o

²²⁵ HOORNAERT, Eduardo. *Crônicas das Casas de Caridade: fundadas pelo Padre Ibiapina*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. p 110.

VRC um lugar de “circulação fluida”, de práticas culturais e sociais compartilhadas. Notícias de festas, narrações de milagres, cânticos e benditos, histórias de santos, não os medievais, mas aqueles que podiam ser vistos, tocados, parecem inserir o VRC no universo de uma *cultura intermediária*.

O que parecia não ser possível para a igreja, pelo menos para aquela Igreja, representada pelo Bispo do Ceará D. Luiz Antônio dos Santos, era que Ibiapina pudesse operar milagres, pudesse abençoar fontes de água, curando todos os tipos de enfermidades e pudesse também castigar aqueles que não se comportassem segundo seu ideal de cristão. Para os sertanejos, o milagre é plausível, verificável, acontecia diariamente, sendo, por esse motivo, um sinal de graça, publicizado nas páginas do periódico.

Ibiapina imitou a vida dos santos, era apresentado como enviado de Deus e apresentava sua missão, as construções oriundas destas e o próprio jornal VRC como lugares e instrumentos de intervenção divina. Em contato com sua obra, acolhendo seu discurso, imitando sua prática, o sertanejo estaria mais próximo de Deus. Mais do que qualquer outro sujeito morador daqueles vilarejos visitados pelo missionário, o padre foi capaz de aglutinar em torno de si uma mesma causa, atravessada por interesses diversos, conflitantes... Homens das Letras, da Política, da Justiça, pessoas comuns.

Ao selecionar e adaptar elementos de uma cultura erudita, letrada, eclesiástica, e elementos de uma cultura religiosa oral, mágica, utilitária, que tinham à sua disposição, Ibiapina e seus colaboradores oscilaram entre a necessidade de construir representações baseadas em discursos e práticas ortodoxas e a pressão de aspectos da cultura religiosa sertaneja, às quais todos os cristãos, conscientes ou não, estavam presos.

O jornal VRC não se constituiu como um periódico romanizador ou programa político de uma elite econômica, que teria se apropriado para cooptar ou destruir de aspectos da religiosidade sertaneja, indispensável para o sucesso da comunicação entre aqueles que escreviam e aqueles que liam e ouviam, entre intérprete e comunidade, pelo contrário, o periódico se apresentou como lugar de compartilhamento de culturas diferentes, atravessado por conflitos diversos.

O testemunho oral de “Luzia Pesinho”, que teria acompanhado o padre Ibiapina durante três meses em missão, parece não ter sido mais suficiente. Foi

preciso divulgar a graça, partilhar da experiência do milagre por meio de outros veículos, que não apenas a oralidade, embora certamente alimentada por ela.

As páginas do jornal *VRC* foram escolhidas como espaço para divulgação das graças, dos agradecimentos pelos milagres alcançados, assim como de crítica e de ataque, àqueles que insistiam em não acreditar, constituindo-se, desse modo, num significativo espaço onde podemos vislumbrar múltiplas vivências religiosas.

CAPÍTULO III
“NEGAR OS MILAGRES É NEGAR A DEUS”:
quem dúvida dos milagres?

3.1 Quem é o inimigo?

João Dias Sobreira, no artigo *Fundação de Caldas*, publicado, em 1891, na *RIC*, apresenta uma versão diferente do milagre de “Luzia Pesinho” daquela publicada, duas décadas antes, no periódico *VRC*.

Corria em meio o ano de 1868, quando chegou à cidade da Barbalha o missionário evangélico Pe. Dr. José Antônio de Maria Ibiapina. (...). Alguns dias depois, apresentou-se ao virtuoso levita uma pobre velha, que sofria de incurável moléstia exterior, havia longos anos, e era de todos muito conhecida. Chegou-se ao padre, disse, cheia de confiança: - Meu padre, eu sou uma pobre velha doente e nada possuo... Venho pedir um remédio para me curar. (...). O padre tomando parte em sua dor, lhe respondeu: - Que posso eu fazer? Sou tão pobre quanto vós, minha filha. Não sou médico; nada tenho nada; só curo almas. (...). O bom padre, como que para ver-se livre de tamanha impertinência, disse-lhe. - Tomai banhos cálidos. Tanto bastou. A boa velha tomou ao pé da letra, como se costuma dizer. A sua ignorância fê-la compreender que o nosso missionário lhe tinha mandado tomar banho no Caldas.²²⁶

O escritor, admirador do missionário, a quem chama no seu texto de “virtuoso levita”, “bom padre”, “nosso missionário”, parece não nutrir o mesmo sentimento pela “pobre velha”, cuja cura nas águas do Caldas, fruto, na visão de Sobreira, de desentendimento: “A boa velha tomou ao pé da letra”; e de ignorância: “A sua ignorância fê-la compreender que o nosso missionário lhe tinha mandado tomar banho no Caldas”; foi responsável pelo início das romarias à Fonte miraculosa.

Em nenhum momento, ao contrário do que aconteceu no periódico *VRC*, Sobreira vai citar o nome de Luzia, chamando-a no seu texto por “pobre velha”, “ignorante”, “indigente”. Quando se refere à sua moléstia, o autor do escrito não define se a mesma seria paralisia, falando apenas de uma “incurável moléstia exterior”²²⁷.

Para escrever o artigo, Sobreira, esteve no Caldas conversando com as pessoas do lugar e outros romeiros vindos de toda parte do “Cariri, do Ceará, do Brasil”. Conversou, inclusive, com o senhor Pedro Lobo de Menezes “cidadão

²²⁶ SOBREIRA, João Gonçalves Dias. *Fundação de Caldas*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1938. p. 227-230. p. 227.

²²⁷ *Ibid.* p. 227.

respeitabilíssimo e da principal família daqueles Cariris”²²⁸. Parece-nos que a história da “pobre velha”, “ignorante”, “indigente”, sem direito a um nome no texto de Sobreira, tinha sido esquecida em nome de uma memória que colocou Ibiapina como milagreiro.

A certa altura do texto, Sobreira, questiona o milagre, afirmando:

Imagine-se com que pasmo não recebeu o padre-mestre aquela mulher de sua torna-viagem, narrando semelhante assombroso fato, que ele próprio tomou por fantástico, tanto mais quanto não conhecia a fonte (...), nem se recordava de a ter mandado à parte alguma.²²⁹

Ao mesmo tempo, o autor do escrito, não desconhece que o “prodígio” maravilhou à todos aqueles que conheciam Luzia e que a notícia “se estendeu rapidamente aos quatro ângulos da cidade, de todo o Cariri, do Ceará, do Brasil”²³⁰, chegando rapidamente ao conhecimento do Bispo de Fortaleza, Dom Luiz Antonio dos Santos.

Sobreira que visitou a Fonte do Caldas, e havendo “testemunhado fatos maravilhosos, quase milagres”, agora menos incrédulo, demonstrava em seu texto como a história da fonte miraculosa abençoada pelo missionário ainda estava presente na tradição oral daquela localidade e como a Fonte ainda era destino de muitos romeiros que para o povoado se dirigiam vinte anos depois da publicação do milagre de “Luzia Pesinho” no jornal VRC. Quando esteve no Caldas e “testemunhou [com os próprios olhos] fatos maravilhosos, quase milagres” compreendeu a importância dos romeiros no desenvolvimento da localidade:

As pessoas que a visitavam passavam ali três dias, como fizera a sua descobridora, e, como não havia casas onde peregrinos se alojassem fabricavam de palhas de palmeiras pequenas choupanas, onde passavam aqueles três dias no fim dos quais as deixavam, servindo imediatamente de pouso a outras famílias. Como era grande a concorrência de romeiros, grande era também a multiplicidade de choupanas, que se levantavam como por encanto no meio da mata, de sorte que, no fim de algumas semanas, se via crescido número de habitações, em forma de rua. Um prodígio. Os prodígios começaram a multiplicar-se dia a dia. A notícia tomava vulto se espalhava por toda parte. Os habitantes dos sertões vizinhos dirigiram-se por seu turno a ver as maravilhas que o Criador estava

²²⁸ Ibid. p. 228

²²⁹ Ibid. p. 228.

²³⁰ Ibid. p. 228.

obrando em seu favor. Todos os que tinham alguma moléstia, para ali se dirigiram, e grande número voltava restabelecido.²³¹

As romarias à Fonte do Caldas e, posteriormente, às outras fontes abençoadas por Ibiapina são significativas para compreendermos as experiências religiosas dos sujeitos, os modos pelos quais as pessoas interpretavam o mundo, conferindo-lhe significados e lhe “infundem emoção a partir de uma determinada experiência religiosa”.²³²

Não demorou muito para que outras vilas visitadas por Ibiapina, também tivessem suas fontes milagrosas. Como foi o caso da fonte da Vila de Milagres. Na edição de 13 de agosto de 1869, foi publicada uma correspondência vinda dessa Vila, que descrevia “maravilhas, cuja autenticidade se fundamenta em testemunhos que não se podem recusar, nem contestar”.²³³

Mais uma fonte de milagres se abre aos infelizes enfermos! Mais uma maravilha nos vem rebustecer na fé! (...) Mais uma prova em favor do Apostolo Divino, do Venerável padre Mestre Ibiapina se manifesta na vila de Milagres! (...) Eis ahi a declaração assignada por um dos beneficiados! Eis ahi as notas da confissão de pessoas externas beneficiadas pela águas do assude. Eis ahi as notas tiradas dos livros da Casa de Caridade da Villa de Milagres.²³⁴

A reportagem segue afirmando que agora, já não eram apenas as águas miraculosas do Caldas, “límpidas”, “preciosas” com “virtude medicinal”, a promoverem maravilhas por intermédio do missionário. A Vila de Milagres também tinha sua fonte milagrosa! Aliás, um açude, cujas águas podiam trazer felicidade aos enfermos: “agoas lamacentas, de um assude, agoas desprezíveis, de quem ninguém jamaes fez caso para os uzos mais ordinários”.²³⁵

O açude de Milagres foi construído em 1868, quando da passagem das santas missões do padre Ibiapina por aquela Vila. Sendo o inverno “muito pouco” no ano de 1869, o açude “mal pode ficar cheio à altura de um côvado” e “depois abandonado pelo povo, se vio ao serviço dos porcos e dos animaes que turvavão

²³¹ Ibid. p. 229.

²³² Nesse sentido, nos utilizamos do estudo de Carlos Alberto Steil, sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa, no sertão da Bahia, e os romeiros que, entre os meses de julho a setembro, se dirigem para a Lapa. STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

²³³ VRC, 13 de agosto de 1869.

²³⁴ Idem.

²³⁵ Idem.

suas agoas”²³⁶. Nesse açude, quase que abandonado, aconteceram curas milagrosas.

Seguia, naquela mesma edição de agosto de 1869, com o título “MARAVILHAS”, uma “declaração” do senhor Antônio Paulino de Pádua, morador de Flores, Província de Pernambuco, escrita em 26 de julho de 1869. Na mesma, o senhor Antônio, tornava público “para honra e gloria de DEUS”, o milagre de sua filha, Ana Paulina Pádua, de 22 anos. Esta aos 9 anos, “sofreu um ataque convulsivo, na convalescesca do cholera, o qual lhe ficou repetindo todos os dias, até 3 vezes por dia, tendo perdido quase completamente a fala em alguns tempos e nos outros estava inteiramente muda”²³⁷.

O senhor Antônio Paulino de Pádua segue narrando:

Vindo aos banhos do Caldas, fui aconselhado pelo Rem^o P^o M^o Ibiapina que experimentasse as aguas do assude da Caridade nesta vila de Milagres. Aqui chegando no dia 23 do corrente fiz e experiencia no dia 24, e com 3 banhos está dita minha filha sã, falando perfeitamente e livre dos ataques diários.²³⁸

A Casa de Caridade de Milagres foi inaugurada em 29 de junho de 1869, tendo o missionário entrado naquela Vila, dois meses antes, ou seja, abril e maio, permanecendo ainda o mês de junho, quando “trabalhou febrilmente na construção de uma grande Casa de Caridade, com capela, enfermaria, quarto para inválidos, armazém e sala de trabalho”.²³⁹

O beato irmão Aurélio, autor de um dos escritos das CCC, também narra os prodígios daquele açude, sendo ele mesmo beneficiado. Aurélio sofria de um “catharrão que se agravava logo que toca em aguas quentes e sujas”²⁴⁰, fez a experiência com as águas do açude de Milagres: “Esta agua, parece pessima, mas se não me matar e não agravar meu mal confesso que he um milagre”, disse o irmão Aurélio.²⁴¹

O beato segue com seu testemunho:

²³⁶ VRC, 13 de agosto de 1869.

²³⁷ Idem.

²³⁸ Idem.

²³⁹ ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*. Fortaleza: ed. Paulinas, 1996. .p. 421.

²⁴⁰ HOORNAERT, Eduardo. *Crônicas das Casas de Caridade: fundadas pelo Padre Ibiapina*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.p. 122

²⁴¹ Ibid. p. 122

Fui ao assude; a agua estava toda maldada dos porcos, de modo que se via assentar no fundo da Varzilla uma lama como uma goma; a cor era como a mandipoeira; bebi d'essa água, era tão ruim que chegou a enjoar-me e comessei a esperar a rechida, mas não recai, antes, não tendo mais cautella, me acho bom desses soffrimentos que tanto me affligião.²⁴²

Mas nem todos pareciam acreditar nos milagres!²⁴³ E o jornal *VRC* não deixou de registrar e de certo modo de atacar aqueles que insistiam em duvidar das águas abençoadas do Caldas e dos poderes miraculosos do padre Ibiapina.

Em mais de uma edição do periódico, lê-se uma espécie de apelo para que as pessoas divulgassem no jornal as graças obtidas com o banho na fonte miraculosa. Bernardino Gomes de Araújo, ao mesmo tempo em que publicava seu testemunho, queixava-se da ingratidão de inúmeras pessoas beneficiadas com os banhos miraculosos, que não se importavam em torná-los públicos:

Há um numero immenso de pessoas beneficiadas pela Fonte do Caldas, e quantos são os que já sahirão a dar testemunho destes favores? Luzia Pesinho, e mais ninguém. Pois disso não vem honra a gloria para Deus? Não influe na sorte da humanidade? Mas não: o nosso egoísmo é tanto, que recebendo o beneficio temos pejo de confessa-lo.²⁴⁴

O resultado divulgado no jornal era quase sempre positivo. Era só ter fé e seguir a receita do missionário: banhar-se durante três dias. Sendo a fé grande, dois banhos eram o suficiente, embora, nem todas as pessoas conseguissem alcançar a graça:

É verdade que muitos tem voltado no mesmo estado em que forão, por que também é verdade que não se deve dar aos cães o que é dos filhos de DEUS. E com effeito, todos os que com fé em DEUS confessão suas culpas, deixão o peccado e vão á Fonte das graças, tem sido curados.²⁴⁵

²⁴² Ibid. p. 122

²⁴³ Algumas edições depois daquela que divulgava as maravilhas do açude de Milagres, o jornal *VRC*, publicizava a existência de outra história de milagre obtido graças ao banho no olho d'água localizado em Nova Jerusalém: "Ao Venerável Apostolo de DEUS se apresenta um pobre enfermo sollicitanto a cura de sua longa e dolorosa enfermidade, com as mais vivas instancias. – Procura, meu filho, um olho da agoa e banha-te: disse finalmente o padre Mestre, depois de exhortar o doente a fé e ao amor de DEUS, e do próximo. O doente emprenha-se em saber onde existia em Nova Gerusalem este olho d'agua. – Secou, há muito tempo, desde a grande secca que em 1845 devastou os nossos sertões: dicerão os habitantes do lugar. E isto sabendo o doente banha-se em outras agoas e fica bom, perfeitamente bom". *VRC*, 19 de setembro de 1869.

²⁴⁴ *VRC*, 20 de dezembro de 1868.

²⁴⁵ Idem.

Como lembra Ramos:

A falta de êxito não elimina as bases da crença. O mais importante é continuar com a fé na possibilidade de cura e da resolução dos problemas por meio das forças do além. A desconfiança ou insatisfação diante de certos rituais não fazem o devoto deixar de lado o desejo de manipular os mistérios do sagrado.²⁴⁶

Todavia, como dissemos, nem todos pareciam crer nas maravilhas do Caldas! Em 18 de julho de 1869, o jornal *VRC* trazia ao público mais um testemunho dos milagres ocorridos nas águas do Caldas. O autor da reportagem, “Sevulus de Maria”, esteve pessoalmente no Caldas e de lá escreveu ao redator do *VRC* para fazer a defesa dos prodígios miraculosos, assim como atacar àqueles que teimavam em “negar” os milagres. Sua mensagem era clara: “Negar os milagres, é negar à DEUS”.

Fui a Fonte Milagrosa do Caldas e com este, lhe remetto os apontamentos que achei, tomados pelo Zellador da Capela, para publicar. Da circunferencia de 150 leguas em redor, vi gente de todos os pontos! Vi padres, Bachares, Negociantes, e mais pessoas de muitas classes illustradas: só não vi ali médicos e boticários! Em compensação destes, encontrei o “Liberal Maranhense” cuja redacção “esclarecida” me parece d’alguém filho pouco feliz d’Esculápio! Benzi-me, por ver em “pleno seculo 19” haja rasão tão esclarecida que não conheça a DEUS (...) o mesmo “Liberal” falla em DEUS Creador, e nega-lhe o poder de fazer milagres! Infeliz cegueira!²⁴⁷

Além de médicos e boticários, o autor da reportagem, apontava o jornal *Liberal* do Maranhão entre aqueles que negavam a “authenticidade dos livros sanctos, taxando de ridiculos os milagres antigos”. O autor apontava ainda uma contradição do jornal, pois se a redacção do jornal *Liberal* do Maranhão, “confessa um DEUS Creador”, involuntariamente, também confessava o poder dos milagres. Pois como argumenta astutamente o colaborador do jornal *VRC*: “Ou DEUS Omnipotente Creador de todas as couzas, governando-as á sua vontade. Ou a matéria movendo-se á seu gosto. O que é absurdo?!”²⁴⁸

²⁴⁶ RAMOS, Francisco Régis. *O meio do mundo: territórios de sagrado em Juazeiro do Padre Cícero*. São Paulo, 2000. Doutorado em História Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC. p. 189.

²⁴⁷ *VRC*, 18 de julho de 1869. *Grifo meu*.

²⁴⁸ *VRC*, 18 de julho de 1869.

Mais tarde, em dezembro de 1869, o jornal *VRC* retomará a contenda com o Jornal *Liberal*, deixando claro que o debate em torno dos milagres na Fonte do Caldas, havia se tornado um tema recorrente na imprensa, pois à folha do Maranhão, juntava-se o *Jornal da Fortaleza*. Na edição de 27 de junho de 1869, o *VRC* trazia em primeira página a seguinte informação:

DUAS PALAVRAS AO “LIBERAL” do Maranhão, e ao “JORNAL DA FORTALEZA” no Ceará. Aos vossos longos artigos permiti-nos em resposta duas palavras, e nada mais. Não temos empenho, que creia, senão quem quiser, nem impomos, nem excitamos a crer nas maravilhas do Caldas. Pertence a Deus o desfeixo dessas cousas, por que nos haveis acusados.²⁴⁹

Temos aqui um indicio de que outros jornais, contemporâneos do jornal *VRC*, estavam acusando a folha religiosa do Cariri pela divulgação das histórias do Caldas. “Fanatismo”? “Ignorância”? “Falta de civilidade”? Infelizmente, desconhecemos os argumentos dos “acusadores”, pois não tivemos como pesquisar os “longos artigos” publicados naqueles jornais e respondidos, de uma única vez, em “duas palavras” pelo *VRC*.

Nem todos acreditavam nos milagres! Em torno da escrita, travou-se uma disputa pelas representações que deveriam instituir práticas sociais, conduzir destinos, fundar memórias. Não sabemos qual o impacto desse debate “ilustrado” sobre a crença no milagre, travado nas páginas da imprensa, no cotidiano dos sertanejos que para a Fonte do Caldas se dirigiam a fim de obter curas para os males do corpo e da alma.

O que sabemos é que, não por coincidência, na mesma medida que o milagre era questionado pela imprensa, outras fontes milagrosas, em outras vilas surgiam. Em 18 de julho de 1869, apareceu o primeiro registro no jornal *VRC* dos ataques à devoção do Caldas. Em 13 de agosto de 1869 (resposta divina àqueles que insistiam em não acreditar?) o *VRC* divulgou uma declaração de cura obtida em um açude na Vila de Milagres. Em 19 de setembro de 1869, mais uma fonte milagrosa. Agora, na localidade de Nova Jerusalém, na Província da Paraíba. O jornal não deixava dúvidas sobre o autor desses prodígios: “A Fonte Miraculosa do Caldas, as águas maravilhosas do Açude da Caridade em Milagres eram bastante! Mas não! O

²⁴⁹ *VRC*, 05 de dezembro de 1869.

Sacerdote do Senhor, como seu Divino Mestre, devia por onde passasse ir beneficiando e curando a todos.”²⁵⁰

Em torno dos milagres, organizaram-se uma pluralidade de narrativas que desvendam representações, apropriações e práticas religiosas múltiplas e conflitantes: “O espaço [a fonte, as missões, mas também o próprio jornal] ganha uma função metafórica e se apresenta como um *texto* que possibilita o aceso às múltiplas interpretações sobre as quais se funda esta sociedade onde homens, santos e anjos se encontram diretamente implicados”.²⁵¹

Ralph Della Cava, compreende que a divulgação de milagres no jornal *VRC* foi fundamental para a decisão do Bispo do Ceará, Dom Luiz Antonio do Santos, de pedir o afastamento de Ibiapina do Cariri. O historiador afirma que a prática missionária de Ibiapina, sendo a divulgação e o apoio dessa prática o principal objetivo da *VRC*, entrou em conflito com a política de Romanização no Ceará, representada por Dom Luiz.

A atuação de Ibiapina e sua saída da região do Cariri foi, de acordo com o historiador americano, uma punição do Bispo do Ceará, e uma prova (início) do processo de romanização do catolicismo brasileiro.²⁵²

Em 1869, informações provenientes do Cariri levaram o bispo a tomar novas providências contra o famoso missionário. Ibiapina, ao que parece, tornara-se objeto de veneração popular. Durante sua missão em Barbalha, naquele ano, havia aconselhado uma mulher doente, e que lhe implorava uma cura, a banhar-se na fonte do Caldas (...). Quando a mulher regressou a Barbalha, três dias depois, completamente curada, Ibiapina foi saudado como milagreiro.²⁵³

O assunto “milagres”, continua Della Cava, teria passado despercebido, caso o jornal *VRC*, não tivesse feito a publicidade de Ibiapina, passando a publicar com frequência notícias das curas “milagrosas” atribuídas ao missionário. Em julho 1869, cinco meses depois do aparecimento dos relatos no *VRC*, Dom Luiz ordenou que cessasse todo e qualquer trabalho missionário no interior. Embora não se referisse a Ibiapina pelo nome, Della Cava imagina que o Bispo deveria tê-lo em mente quando escreveu, no decreto, que as missões do interior haviam provocado “não poucos

²⁵⁰ *VRC*, 19 de setembro de 1869.

²⁵¹ STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996. p. 24.

²⁵² DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 32.

²⁵³ *Ibid.* p. 32.

inconvenientes, com detrimento da disciplina eclesiástica e daquela paz e harmonia que deve reinar entre o próprio pastor e o rebanho”²⁵⁴.

Em 26 de setembro de 1861, não muito antes da chegada das missões de Ibiapina pelas terras cearenses, D. Luiz Antônio dos Santos desembarcava no Ceará, como o primeiro Bispo da Diocese. O Bispo permaneceria à frente da diocese até 1881.

Nascido em 03 de março de 1817, em Angra dos Reis, na Província do Rio de Janeiro, Luiz Antônio dos Santos, fez seus primeiros estudos no Seminário de Jacuecanga, cuja direção, desde 1822, fora confiada ao Pe. Antonio Ferreira Viçoso²⁵⁵: “Em Jacuecanga, Luis (sic) afirmou-se como seminarista exemplar. Sendo o Pe. Viçoso transferido para o seminário do Caraça em julho de 1837, decidiu levar consigo o jovem estudante”.²⁵⁶ Ao término do curso, foi ordenado sacerdote a 30 de setembro de 1841.

Em 13 de abril de 1848, o Pe. Luiz Antônio viaja para Roma, para completar os estudos teológicos na universidade eclesiástica. Em 31 de janeiro de 1859 o cônego Luiz Antônio dos Santos era apresentado pelo imperador, como Bispo do Ceará, sendo confirmado pelo papa Pio IX a 28 de setembro de 1860: “A sagração episcopal de D. Luis realizou-se com toda a pompa no bispado de Mariana a 14 de abril de 1861”.²⁵⁷

Logo após sua chegada [Fortaleza], começou o 1º Bispo a pôr em actividade seu talento e suas forças. Tudo era preciso fundar. O seu primeiro cuidado foi melhorar a Cathedral e transformá-la no vasto e bello templo, que honra a capital da Diocese. Olhará depois para o clero escasso e dachado (...) Cumpria pois fundar um Seminário à semelhança do de Marianna, onde lecionára (...)²⁵⁸

O capítulo VII, do *Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Ceará* (AHSEC), de outubro de 1914, não deixa dúvidas sobre a situação do “Clero cearense do

²⁵⁴ Ibid. p 30-32

²⁵⁵ Riolando Azzi interpreta a trajetória de Dom Luiz Antônio dos Santos, como Bispo do Ceará (1861-1881), e como Arcebispo da Bahia (1881-1890), a partir da influência de D. Antonio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana, “criador de uma verdadeira escola de bispos reformadores”. Segundo Azzi: “Os vínculos que unem D. Luis ao bispo de Mariana são muito profundos e muito extensos. Pode-se dizer que ele foi o seu primeiro discípulo (...)”. AZZI, Riolando. Dom Luis Antônio dos Santos, Primeiro Bispo do Ceará (1861-1881) e Arcebispo da Bahia. *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 50, fasc. 199, Setembro de 1990.

²⁵⁶ AZZI, Riolando. Dom Luis Antônio dos Santos, primeiro Bispo do Ceará (1861-1881) e Arcebispo da Bahia (1881-1890). REB - Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, p. 652-674, 1990. p. 653.

²⁵⁷ Ibid. p. 657.

²⁵⁸ AHSEC (1864-1914), p. 83.

tempo de D. Luiz Antônio dos Santos”: estava em decadência. Ibiapina, a princípio, representava, uma possibilidade de mudança no “estado desolador e deprimente da Religião no Ceará, em tempos anteriores à criação da Diocese”.²⁵⁹

Não só eram raros os padres, mas na sua maioria eram homens, que não podiam atacar os vícios, que não sabiam apontar a bôa doutrina, que enfim não tinham tido um tirocínio sacerdotal, que os abilitasse a bem apascentar os seus parochianos. (...) A maioria dos padres, (...) eram ignorantes e incapazes de parochiar.²⁶⁰

Diante de tal situação, as missões ibiapinianas representavam uma possibilidade de transformação na vida religiosa da Província. As notícias vindas de outras partes, certamente do conhecimento de Dom Luiz, não eram, justamente, aquelas que falavam das revoluções materiais e espirituais promovidas pelo “Apostolo do Cariri”? E tudo em nome da Igreja e da humanidade?

O fato de Ibiapina ser cearense ter ocupado cargos de importância na polícia, na política e na justiça do Império, e desde 1855, estar credenciado pelos resultados obtidos em outras Províncias através das santas missões, divulgados na imprensa do Império, parecem ter sido suficientes para que o bispo permitisse a ação missionária na recém criada Diocese do Ceará.²⁶¹ À princípio, ambos, homes de fé, falavam e agiam em nome da Igreja Católica Apostólica Romana.

Dom Luiz acompanhou de perto, por meio da imprensa ou durante suas visitas pastorais, os resultados das missões ibiapinianas nas vilas visitas pelo missionário. Exemplares do jornal *VRC*, foram inclusive, enviados do Crato para o jornal da Diocese, *Tribuna Catholica*, em Fortaleza. O bispo, não se sabe com que espanto, teria lido a história de “Luzia Pesinho” e as narrativas que se seguiram ao milagre, publicadas semanalmente na seção *Fonte Miraculosa*.

No dia 21 de dezembro de 1862, por exemplo, Dom Luiz, que “estava em visita pastoral, compareceu à Casa de Caridade [Sobral, fundada em 28 de outubro daquele ano por Ibiapina] e ofereceu 380 mil réis para ajudar no funcionamento

²⁵⁹ *AHSEC*, (1864-1914), p. 83.

²⁶⁰ *AHSEC*, (1864-1914), p. 83.

²⁶¹ “No reinado do Senhor D. Pedro II, por Lei da Assembleia Geral de 10 de agosto de 1853, confirmada no Pontificado do S.P. Pio XI, pela Bulla *Pro animarium salut* de 8 de agosto de 1854, foi creado o bispado do Ceará e separada a sua Egreja da jurisdição Ecclesiastica Pernambucana”. BARBOSA, Cunha A. D. Luiz Antônio dos Santos. *Revista da Academia Cearense*. T. 10, 1905. p. 174.

inicial”²⁶² daquela casa, ouvindo na ocasião o discurso de um dos seus provedores, o senhor Domingos José Pinto Braga. No discurso, o Bispo teve a oportunidade de conhecer o modo como algumas pessoas viviam as missões do padre Ibiapina. Domingos José Pinto Braga, destacou em sua fala a Casa de Caridade “fruto dessas santas missões”, “testemunho de quanto é sublime a doutrina crista e de quanto é poderosa a Palavra de Deus”.²⁶³

Nessa mesma ocasião, o padre Ibiapina encontrava-se em Santana do Acaraú, onde passou os meses de dezembro de 1862 e janeiro de 1863 no preparo da Casa de Caridade daquela Vila²⁶⁴, muito próximo, desse modo, do Bispo:

Durante esta permanência em Santana, padre Ibiapina sugeriu que os homens acrescentassem o nome de Maria, como sobrenome, ao próprio nome, como ele mesmo o fizera após a ordenação sacerdotal. A proposta foi aceita e adotada por muitos, mas não recebeu a simpatia do Bispo Dom Luis, que havia chegado ali em visita pastoral. Este pequeno e irrelevante incidente foi interpretado por alguns, como sinal de serias divergências entre o missionário e o pastor diocesano. Houve até quem chegou ao desplante de afirmar que ‘em janeiro de 1863, o bispo do Ceará foi pessoalmente a Sobral e condenou, de público, as praticas instituídas por Ibiapina e, a despeito da solidariedade geral para com o missionário, ordenou sua saída imediata da diocese’²⁶⁵

Todavia, não demorou para que o projeto católico representado por Dom Luiz e o projeto católico representado por Ibiapina, homens da igreja, mas com práticas evangelizadoras diferentes, entrassem em conflito.

Vejam os registros da passagem de D. Luiz, a 8 de outubro de 1863, que estava em visita pastoral à Vila do Crato, transcrita do livro de tombo daquela localidade, pelo pesquisador Irineu Pinheiro, para compreendermos a diferença entre a prática de Ibiapina e a do Bispo do Ceará:

O excelentíssimo e revmo. Sr. D, Luiz Antonio dos Santos, primeiro bispo deste bispado do Ceará, entrou nesta cidade do Crato às 7 horas da manhã do dia 8 de outubro de 1863, e em procissão foi até a matriz onde houve *Te Deum*, e depois recolheu-se à casa do Vigário Manuel Aires do Nascimento, e nela foi hospedado.

²⁶² ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*. Fortaleza: ed. Paulinas, 1996. p. 366.

²⁶³ FROTA, Dom José Tupinambá da. *História de Sobral*, Ed. Henrique Galeno, Fortaleza, 2ª Ed., 1974, p. 263. Apud. ARAÚJO, p. 367.

²⁶⁴ ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*. Fortaleza: ed. Paulinas, 1996. p. 368.

²⁶⁵ *Ibid.* p. 371.

Pontificou na matriz no dia 10, conferiu graus de ordens a 2 ordenados, a um o grau de diácono e a ao outro o de presbítero; pregou duas vezes e crismou 6 dias.²⁶⁶

Enquanto o Bispo Dom Luiz, “conferiu graus de ordens a 2 ordenados, a um o grau de diácono e a ao outro o de presbítero; pregou duas vezes e crismou 6 dias”, preocupando-se muito mais com as práticas institucionais, (não por coincidência, a grande obra do Bispo na região do Cariri, será a construção do Seminário do Crato, logo depois da saída de Ibiapina do Vale) Ibiapina, ao chegar às Vilas, representante que é de uma cultura intermediária, se aproximava das experiências religiosas dos sujeitos mais simples, sem afastar-se da sua formação mais ortodoxa. O missionário reconhecia a importância da religiosidade na vida das pessoas, assim como a possibilidade de transformar os sofrimentos vividos por elas a partir da religião, principalmente, da caridade.

Sua experiência na política e na advocacia contribuiu para que seu projeto missionário se apoiasse em transformações espirituais e materiais, de modo mais “pragmático”. Era preciso solucionar problemas como: o abandono das crianças e das mulheres, daí a necessidade de construir abrigos para ambas; as conseqüências advindas de doenças, daí a sua presença em localidades assoladas pelo cólera e a necessidade de construção de hospitais, anexo às Casas de Caridade; a violência advinda das lutas políticas, daí a necessidade das reconciliações públicas; as marcas deixadas pelos períodos de seca, daí a construção de açudes, cacimbas; Além disso, a ilustração religiosa não seria um meio pelo qual as pessoas poderiam emancipar-se?

Concordamos com Madeira, quando esta afirma:

O missionário conseguia a adesão do povo, talvez pelo sucesso na realização de suas obras e, sobretudo, pela natureza delas, ou seja, voltadas para acudir o povo numa situação de pobreza extrema. Enquanto a Igreja, na figura do vigário e do bispo, apenas zelavam pela efetivação de uma Igreja burocratizada, onde as atenções se voltavam para o cumprimento dos tradicionais sacramentos ou rituais religiosos, Ibiapina procurava amenizar a situação de miséria do povo construindo obras de assistência material e espiritual²⁶⁷

²⁶⁶ PINHEIRO, Irineu. *Efemerides do Cariri*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963. p. 149.

²⁶⁷ MADEIRA, Maria das Graças de Loliola. *Entre orações, letras e agulhas: a pedagogia feminina das Casas de Caridade do padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883)*. Fortaleza, 2003. 278fl. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará. p. 144-145

Aproximando-se dessa vivência religiosa mais simples, mas sem afastar-se dos dogmas mais caros à sua formação sacerdotal, os da Igreja Católica, Ibiapina, suas missões e o periódico *VRC*, estão constituídos por práticas culturais que apontam para a existência de uma cultura intermediária. Desse modo, todo o seu esforço na construção das Casas de Caridade do Cariri Novo, assim como a ausência de resistência ao entregá-las ao Bispo Dom Luiz, tornam-se compreensíveis.

Francisco Sadoc de Araújo, por sua vez, discorda completamente da interpretação de Ralph Della Cava. Segundo Sadoc, as narrativas de milagres que atribuíam ao missionário poderes “milagreiros” de taumaturgo, presentes nas santas missões e no jornal *VRC*, não eram estimuladas pelo padre Ibiapina. Afirma Sadoc, “Enquanto padre Ibiapina esteve presente no Crato, essas notícias não puderam ser publicadas, pois a isto se opunha decididamente”.²⁶⁸ Esses “milagres externos”, na interpretação de Sadoc, estavam sob a responsabilidade de quem os apregoa.²⁶⁹

Apesar de Ibiapina se ter conservado infenso à atribuição de poderes sobrenaturais à sua pessoa, não descreia na Providencia Divina, que amorosamente concede frequentes graças, inclusive de saúde, aos filhos que conservam a fé. O padre sempre atribuía a Deus os êxitos de suas iniciativas e os vários eventos extraordinários que constatou na longa experiência de contato com o povo sofrido e necessitado.²⁷⁰

Ao mesmo tempo em que Ibiapina divulgava uma devoção oficializada pela Igreja católica, como aquela ao *SCJ*, estimulava, sim, práticas religiosas na crença e na presença de milagres e de santos, principalmente após a entrada de suas missões nas vilas. Ao contrário do que escreve Sadoc, que diz: “O padre-mestre foi muito imitado, mas nunca estimulou ninguém a tomá-lo por modelo. (...) Evitava sempre parecer taumaturgo ou portador de poderes sobrenaturais”²⁷¹, Ibiapina permitiu que uma série de histórias de milagres fosse registrada em seu jornal, *VRC*.

Talvez Ibiapina imitasse Jesus Cristo diante da cura de um leproso:

(...) quando de repente um leproso se aproximou e se prostrou diante dele, dizendo 'Senhor se queres, tens poder para purificar-me', Ele estendeu a mão e, tocando-o disse 'Eu quero, sê purificado'. E

²⁶⁸ ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*. Fortaleza: ed. Paulinas, 1996. p. 416.

²⁶⁹ *Ibid.* p. 414.

²⁷⁰ *Ibid.* p. 414.

²⁷¹ *Ibid.* p. 357.

imediatamente ele ficou livre de sua lepra. Jesus disse: 'cuidado, não digas nada a ninguém (...).'²⁷²

O missionário permitiu, e deve ter se envaidecido, embora não a ponto de pecar, como recomenda a Igreja, que esses milagres fossem atribuídos à sua figura. Permitiu que sua biografia fosse escrita, como eram escritas, as histórias dos santos. Permitiu ainda, que as histórias das missões contadas por Bernardino Gomes de Araújo nas páginas do jornal *VRC*, estivessem repletas de eventos extraordinários.

Nesse sentido, compreendemos o jornal *VRC* e a prática do missionário como lugares de uma cultura intermediária. A explicação de Sadoc, que parece querer afastar Ibiapina dos divulgadores do milagre, portanto, daqueles que produziam o jornal *VRC*, (“fanáticos”? “ignorantes”?), aponta para os diferentes usos da crença nos milagres pelo missionário que “não descreia na Providencia Divina, que amorosamente concede frequentes graças, inclusive de saúde, aos filhos que conservam a fé”.²⁷³

Como vimos até aqui, essa cultura intermediária está longe de ser o lugar da concórdia. No caso do jornal *VRC*, as experiências intermediárias, compartilhadas por homens que falavam de lugares diferentes, e a crença no milagre, a mais importante dessas experiências, foram marcadas por conflitos diversos.

²⁷² BIBILIA DE JERUSALEM. 2. ed. Paulus: São Paulo, 1999. Mateus 8: 2-4

²⁷³ ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*. Fortaleza: ed. Paulinas, 1996. p. 357

3.2 Um jornal romanizador?

01.

(...) foi à capital do Ceará onde foi encontrado honrozamente por sua Exa. Rema. Bispo D. Luis Antonio dos Santos, e um numerozo concurso de homens e mulheres e dirigirão-se à Cathedarl onde o virtuoso Missionário pediu palavra a sua Exa. , subio ao Púlpito e fallou com grande energia e eloquença (...). Comunicou ao Senr. Bispo que nas Províncias onde tinha entrado como missionário o Senr. Bispo lhe dava faculdade para fazer tudo quanto quisesse em bem da humanidade e da Igreja, e elle respondeo-lhe que também lhe consedia as mesmas faculdades na diocese do Ceará.²⁷⁴

02.

Para sempre seja Louvado Nosso Senhor Jesus Christo
Illmo Sr. Cap.m Lôbo.

Agora mesmo acabo de officiar ao Snr. Bispo do Ceará entregando-lhe as Casas de Caridade do Cariri Novo, para elle tomar conta dellas e dirigi-las, como verdadeiro Pastor desse rebanho: cessarão as hostilidades que se faz às Casas, accusando-as de desobedientes e rebeldes; como sou eu o autor dessa rebeldia, quero desaparecer da scena para não comprometer as Casas.

Alegro-me com a reconciliação do seu genro, e lhe dou os parabéns pelo nascimento feliz de sua neta.

Adeus, Sr. Cap.m Lôbo, conte com a estima que lhe consagro, e a sua família porque sou

De VS^a ami. Int^o apreciador V^o e Cr^o

Pe. Ibiapina²⁷⁵

Documento 01. 1862. Em setembro de 1862, mês em que se comemorou o primeiro aniversário de posse do Bispo Dom Luiz Antonio dos Santos na Diocese do Ceará, o missionário José Antônio de Maria Ibiapina desembarcava no porto de Fortaleza. Seu objetivo era pedir permissão ao Bispo para missionar pelos sertões cearenses, como fizera desde 1855 em outras Províncias do Norte. O relato, escrito por um dos beatos de Ibiapina anos depois, mostra-nos que o Bispo, inicialmente, não ofereceu obstáculos ao missionário, e que “lhe dava faculdade para fazer tudo quanto quisesse em bem da humanidade e da Igreja”.²⁷⁶

Documento 02. 1872. Em 16 de março de 1872, de Baixa-Verde, Pernambuco, Ibiapina escreveu ao seu amigo e colaborador Pedro Lôbo de

²⁷⁴ HOORNAERT, Eduardo. *Crônicas das Casas de Caridade*: fundadas pelo Padre Ibiapina. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. p. 80-81.

²⁷⁵ Carta escrita pelo padre Ibiapina, de Baixa- Verde, EM 16 de março de 1872, para Pedro Lobo de Meneses – regente da Casa de Caridade de Barbalha (CE).

²⁷⁶ HOORNAERT, Eduardo. *Crônicas das Casas de Caridade*: fundadas pelo Padre Ibiapina. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. p. 81.

Menezes, morador na Vila de Barbalha, informando ao companheiro, primeiro presidente da Casa de Caridade daquela Vila, a entrega da administração das Casas ao Bispo do Ceará, Dom Luiz “para elle tomar conta dellas e dirigi-las, como verdadeiro Pastor desse rebanho”. Padre Ibiapina nunca mais voltaria a missionar na região do Cariri Novo, pois sendo “autor dessa rebeldia, [queria] desaparecer da scena para não comprometer as Casas”.²⁷⁷

Por que Ibiapina, uma década depois do início das suas missões no Ceará, não se sentia “verdadeiro pastor” para continuar administrando as quatro Casas de Caridade do Cariri Novo, tendo que entregá-las à Dom Luiz?

De que rebeldia estava sendo acusado o missionário cearense?

Sabemos que o “Apostolo da Caridade” continuou missionando por outras Províncias do Norte, até antes de sua morte, em 1883. Ao contrário do que diz o historiador Sadoc, “dois anos depois [1872] sentindo-se já cansado para empreender longas viagens, Ibiapina resolveu restringir suas missões ao território da Província da Paraíba”²⁷⁸, o “Apóstolo da Caridade” não deixou a região porque estava doente: e, sim, devido aos conflitos com o pároco da Vila do Crato, Manuel Aires do Nascimento que certamente influenciou na decisão do Bispo Dom Luiz de afastar o missionário da Província do Ceará.

Della Cava, não tem dúvidas de que a atuação do padre Ibiapina na região do Cariri sofreu um revés do primeiro Bispo do Ceará, Dom Luiz Antônio dos Santos:

O trabalho realizado por Ibiapina no Vale [do Cariri] teve, realmente, algo de extraordinário: fundou uma congregação religiosa de mulheres, talvez a primeira do Nordeste, a qual, a despeito de sua *ilegalidade canônica*, constituiria um precedente importante na tentativa das futuras gerações eclesiásticas do Cariri para estabelecerem ordens religiosas genuinamente brasileiras. (...). Por fim, reuniu pobres e ricos no trabalho em comum pela glória de Deus e pelo progresso material do homem. O exemplo de Ibiapina seria lembrado pelos habitantes do Cariri, (...), mas no tocante à hierarquia eclesiástica militante e igualmente devota *não teve boa acolhida, tendo sido, na realidade, por ela contestado*.²⁷⁹

²⁷⁷ Carta escrita pelo padre Ibiapina, de Baixa- Verde, EM 16 de março de 1872, para Pedro Lobo de Meneses – regente da Casa de Caridade de Barbalha (CE).

²⁷⁸ ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*. Fortaleza: ed. Paulinas, 1996. p. 427.

²⁷⁹ DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 31.

O historiador explica as missões ibiapinianas como uma espécie de ensaio da romanização na Província do Ceará. Della Cava foi um dos primeiros estudiosos no Brasil a explicar a relação entre religiosidade popular e religião oficial, tendo como referencial de análise o conceito “romanização”.

Baseado em Roger Bastide, Della Cava traçou as primeiras desse processo no Brasil. Segundo o historiador, a romanização foi um levante reformista do episcopado, ocorrido em meado do século XIX, cujo objetivo era controlar a fé, as instituições e a educação do clero e do laicado. Nesse processo, a Igreja Católica se tornaria dependente dos padres estrangeiros.

O conceito de romanização está bem estabelecido na historiografia sobre o catolicismo popular. Todavia, como lembra Jérri Roberto Marin, não há uma homogeneidade entre os autores no tocante à romanização, observando-se duas tendências historiográficas, que podem estar associadas e não se excluem totalmente: a de que a romanização teria sido vitoriosa e de abrangência nacional e outra que procura ressaltar os elementos heterogêneos, descontínuos e díspares desse processo, resultantes das múltiplas diferenças entre as regiões onde a Igreja se insere.

O lexema *romanizar*, lembra Marin, aponta para a “reeuropeização do catolicismo, aspecto que implicava homogeneização e hierarquização, uma vez que era um movimento de inspiração conservadora, pelo qual a Igreja tornou-se depositária e guardiã da ortodoxia e da verdade.”²⁸⁰

Marin resume, de modo geral, o processo de romanização do catolicismo brasileiro do seguinte modo:

No Brasil, a romanização da Igreja Católica iniciou-se com as reformas implementadas pelos “bispos reformadores”, a partir da segunda metade do século XIX, e se consolidou com o predomínio das políticas e das práticas pastorais romanizadoras durante a primeira metade do século XX. Essa periodização, aceita e divulgada no meio acadêmico, estende-se até a Teologia da Libertação, como desdobramento das decisões do Concílio Vaticano II, na década de 70.²⁸¹

²⁸⁰ MARIN, Jérri Roberto. História e historiografia da romanização: reflexões provisórias. *Revista de Ciências Humanas* (Florianópolis), Florianópolis, v. 30, p. 149-169, 2003. p. 323.

²⁸¹ *Ibid.* p. 322.

Não pretendemos aqui escrever uma historiografia da romanização²⁸², mas perceber como o jornal *VRC* e as missões do padre Ibiapina foram interpretados à luz desse conceito.

Qual o lugar do jornal *VRC* nesse processo?

A noção de romanização proposta por Della Cava em seu trabalho *Milagre em Joazeiro* se aproximaria daquela tendência historiográfica que Marin compreende como sendo constituídas por trabalhos que percebem os efeitos da romanização “quase sempre, infalível, triunfal, vitoriosa e de abrangência Nacional”. Nesses trabalhos:

A ação reformadora do episcopado, durante a segunda metade de século XIX, teria corrido de forma mais sistemática em três áreas complementares e simultâneas: na formação intelectual e espiritual do clero, realizada em seminários onde estudavam apenas os candidatos ao sacerdócio; na disciplina eclesiástica, para formar um clero com elevado perfil moral e doutrinário; e, por fim, na intensificação da pastoral junto aos fiéis para purificar a religiosidade popular, herança cultural luso-brasileira, livrando-a do que o episcopado considerava erros e excessos, e, para tal, empenhavam-se em introduzir práticas religiosas romanizadas.

Na visão de Della Cava, Dom Luiz traçou objetivos de uma política básica para a Diocese que mais tarde foi “incorporada por outros bispos militantes de mentalidade reformista”²⁸³. O historiador afirma que o Bispo “foi o precursor do trabalho desenvolvido, a longo termo, pela hierarquia no sentido de ‘romanizar’ o catolicismo brasileiro”²⁸⁴. Desse modo, o padre Ibiapina, as missões e o periódico *VRC*, constituíam-se como obstáculos dessa política no Ceará.

Se Della Cava inseriu as missões ibiapinianas no processo (inicial?) de romanização promovida pelo bispo Dom Luiz, foi porque desejava buscar em sua escrita uma “evolução” da história, ou seja, o historiador americano antecipava os

²⁸² No trabalho “No tempo das Irmandades” de Carlos Moises, temos uma interessante discussão sobre os aspectos culturais do processo de Romanização (Principais características, o alcance das reformas entre os leigos, suas propostas e limites). O autor realiza um debate historiográfico sobre o tema, desde os primeiros trabalhos até os mais recentes, propondo, ir além da dicotomia simplista para pensar a religiosidade popular no Brasil, e conclui que a construção de um catolicismo ultramontano se mostrou bem mais maleável às particularidades regionais. RODRIGUES, Carlos Moises Silva. *No tempo das irmandades: cultura, identidade e resistência nas irmandades religiosas do Ceara (1864-1900)*. São Paulo, 2005. 277f. Dissertação (Mestrado em História Social). PUC/SP. Na mesma direção seguem os trabalhos mais recentes como o trabalho de Jérri Roberto Marim, citado anteriormente.

²⁸³ DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p.32.

²⁸⁴ *Ibid.* p 32.

conflitos entre o padre Cícero e o bispo Dom Joaquim José Vieira, a partir dos conflitos entre o padre Ibiapina e Dom Luiz. Desse modo, torna-se mais compreensível a interpretação de Della Cava sobre a saída de Ibiapina do Cariri: o missionário cearense era um obstáculo, assim como foi o padre Cícero, anos mais tarde, à restauração da Igreja e à (re)modelação do clero representada por Dom Luiz.

Todavia, o biógrafo de Ibiapina, Francisco Sadoc, discorda do historiador americano quando este interpreta a saída repentina de Ibiapina da cidade do Crato em 1870, a terceira e última viagem do missionário àquela região, como sendo fruto de desentendimento entre o missionário e o bispo. Segundo Sadoc:

O episódio foi interpretado falsamente como se tivesse havido desentendimentos entre o missionário e seu Bispo, Dom Luís (sic) Antônio dos Santos que, como representante da hierarquia eclesiástica, teria contestado sua atuação pedagógica. A verdade é que, nesse tempo, Dom Luís, autorizara a construção do Seminário do Crato, entregue à responsabilidade dos padres lazaristas, que solicitaram ao padre Ibiapina para, no momento, evitar a pregação de missão na cidade do Crato, a fim de não dividir os óbolos dos fiéis, tão necessários à edificação, daquela casa de formação sacerdotal.²⁸⁵

Sadoc discorda da interpretação de Della Cava afirmando que o historiador americano fez “brotar de sua fértil imaginação, sem base em qualquer documentação autêntica da época”²⁸⁶, os desentendimentos entre Dom Luiz e padre Ibiapina. O biógrafo de Ibiapina lembra que a terceira visita do missionário ao Cariri Novo, realizada de 09 de fevereiro a 25 de abril de 1870, foi omitida por Della Cava para “reforçar a versão de que o missionário fora proibido, pelo bispo Dom Luís de permanecer na região”²⁸⁷.

Todavia, Sadoc parece esquecer que com a saída de Ibiapina do Cariri, o bispo Dom Luiz afirmou um discurso e uma prática religiosa que se distanciava da religiosidade presente nas santas missões ibiapinianas e se aproximava da institucionalização da prática religiosa proposta pela política de romanização. Não por coincidência, a primeira medida adotada pelo bispo foi a construção do

²⁸⁵ ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*. Fortaleza: ed. Paulinas, 1996. p. 427.

²⁸⁶ *Ibid.* p. 429.

²⁸⁷ *Ibid.* p. 429.

seminário do Crato, em 1875, e a entrega da direção das Casas de Caridade, anteriormente administradas por mulheres (leigas), aos padres Lazaristas.

Em outra direção, aponta o trabalho *Entre a penitência do corpo e o corpo em festa: uma análise das missões do padre Ibiapina na Província do Ceará (1860-1870)*, de Josiane Maria de Castro Ribeiro, que discute o “envolvimento de Ibiapina com o processo de romanização do catolicismo no Brasil”.²⁸⁸

A historiadora identifica as missões ibiapinianas e o periódico *VRC* como “importante[s] veículo[s] de divulgação do pensamento ultramontano e das diretrizes da política de romanização”²⁸⁹. Se Della Cava afirmou que Ibiapina era uma obstáculo à política de romanização e Sadoc nega esse processo histórico, Ribeiro compreende que as missões ibiapinianas eram um instrumento dessa mesma política. Descaminhos da história...

Ribeiro entende que o fato do padre Ibiapina ter solicitado ao Bispo do Ceará permissão para missionar significa que “Ibiapina respeitava a hierarquia eclesiástica, sendo esse um dos pontos que norteavam o processo de romanização do catolicismo no Brasil”.²⁹⁰

Quanto ao discurso veiculado pelo periódico *VRC*, a historiadora afirma que “(...) as teses defendidas já no primeiro número do jornal convergiam em direção à resposta articulada pela igreja, que teve no jornal *O Apostolo*, um importante veículo de divulgação do pensamento ultramontano (...)”.²⁹¹

Ribeiro corrobora com Marta Abreu que define a romanização como sendo:

(...) movimento reformador da prática católica no século XIX, principalmente na segunda metade, que buscava retomar as determinações do Concílio de Trento, sacralizar os locais de culto, moralizar o clero, reforçar a estrutura hierárquica da Igreja e diminuir o poder dos leigos organizados nas irmandades. O pensamento ultramontano, acompanhando de perto os princípios romanizadores, defendia os princípios da Igreja e condenava o pensamento liberal moderno em todas as suas dimensões.²⁹²

²⁸⁸ RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. *Entre a penitência do corpo e o corpo em festa: uma análise das missões do padre Ibiapina no Ceará (186-1883)*. Fortaleza, 2003. 110fl. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará. p. 23.

²⁸⁹ Ibid., p. 24

²⁹⁰ Ibid., p. 23

²⁹¹ Ibid., p. 24

²⁹² Ibid., p. 23

Parece não restar dúvidas de que o missionário respeitava a hierarquia da Igreja, representada por Dom Luiz. O início de sua ação na Diocese do Ceará foi marcado pelo pedido de permissão ao Bispo, assim como o fim de suas missões, dez anos depois, foi consequência da proibição do mesmo. Todavia, acreditamos que Ibiapina estava mais preocupado em assegurar o sucesso e a continuação de suas obras em terras cearenses, do que afinado com uma política de romanização, que se encontrava em processo inicial nesse período.

Parece-nos contraditório a identificação de Ibiapina e do periódico *VRC* com as diretrizes da política do ultramontanismo. Se ambos eram importantes para a efetivação do projeto romanizador no Cariri, como afirma Ribeiro, por que foram dispensados pelo bispo Dom Luiz?

Não pretendemos questionar os efeitos da romanização, política gestada ao longo do século XIX, para a história da Igreja no Brasil, presente na educação, formação e ilustração do clero. Porém, pensamos que justamente por se apresentarem como lugares de clivagens, de circulação de múltiplas experiências e visões de mundo, operacionalizadas de modos distintos pelos sujeitos que escreviam, liam e ouviam o periódico, o *VRC* e o padre representaram um obstáculo para a afirmação e a legitimação do monopólio do poder religioso do recém criado bispado do Ceará. Portanto, um perigo a hierarquia católica. O fim de circulação do periódico em 1870, mesmo ano em que Ibiapina é obrigado a repassar ao Bispo do Ceará a administração das Casas de Caridade, não foi mera coincidência.

O jornal *VRC* e o projeto de reforma da sociedade veiculado pelo mesmo, certamente mediado pela religião, por uma religião identificada (também) com o pensamento católico-conservador, mas nem por isso romanizado, podem ser melhor compreendidos se tomarmos como referência, não modelos estranhos às especificidades daquela realidade, mas a própria dinâmica das experiências religiosas sertanejas, vivenciadas e apropriadas de forma múltipla e contraditória pela folha religiosa.

Ao ser produzido por leigos, jornalistas, professores, beatos, políticos, que tinham importância na escrita do jornal e no apoio as missões ibiapinianas, e ao permitir e divulgar manifestações de uma religiosidade sertaneja, certamente distante daquela esperada por Dom Luiz, Ibiapina e sua obra evangelizadora se afastavam das diretrizes da política de romanização, iniciada pelo bispo do Ceará.

Desse modo, não podemos inserir o jornal no campo dos periódicos que foram “Instrumento da romanização no Brasil” ou programa político de uma elite econômica, como propôs Ribeiro. O *VRC* parece ter se apropriado, de aspectos das práticas religiosas sertanejas, como foi o caso das narrativas de milagres e das vidas de santos, estudados nos capítulos anteriores, indispensáveis para o sucesso de comunicação entre aqueles que escreviam e aqueles que liam e ouviam, entre interprete e comunidade, constituindo-se como espaço de circulação de representações de uma cultura intermediária.

Falava-se e agia-se em nome da religião, da Igreja Católica Apostólica Romana, da transformação da sociedade cariense a partir do pensamento cristão. A análise do periódico, no entanto, nos permite visualizar múltiplas “faces” do ser católico na Província do Ceará. Seus artigos, seções, biografias, histórias, nos revelam uma sociedade atravessada por interesses conflitantes.

Ibiapina se manifestou publicamente ao povo do Cariri, escrevendo de Gravatá do Jaburu, Pernambuco, em 16 de setembro de 1872, sobre a entrega das Casas de Caridade. A carta citada por Sadoc foi transcrita da obra de Irineu Pinheiro. Não sabemos como a mesma foi divulgada à época, uma vez que, já não circulava entre o povo do Cariri o jornal *VRC*.

Na carta, Ibiapina escreveu:

Irmãos, eu não procuro honras de instituidor, quero que se beneficie a humanidade desvalida, como é a orfandade, principalmente na minha terra. Portanto sejamos todos felizes e eu sou também. Adeus, bom povo do Cariri Novo. Eu vos abraço, sem exceção, por que de todos vos recebi testemunhos de amor e simpatia, que bem se conhecia que vosso coração era meu, como o meu era e é vosso. Adeus, homens. Adeus, mulheres. Adeus, meninos. Adeus, meninas. Adeus, moços. Adeus, velhos.²⁹³

Mesmo que tenha afirmado abraçar a todos no Cariri, sem exceção, dentre as pessoas que não nutriam simpatias pelo missionário, estava o pároco local, Manuel Aires do Nascimento. É possível que esse conflito, estranhamente omitido por Sadoc na biografia de Ibiapina, tenha contribuído na decisão tomada por Dom Luiz, que consistiu em afastar Ibiapina da região.

²⁹³ ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*. Fortaleza: ed. Paulinas, 1996. p. 428.

O periódico *VRC* dava sinais, em 1870, dos conflitos entre o padre cearense e o padre Manuel Aires do Nascimento pelo monopólio espiritual na Vila do Crato. Esses conflitos, possivelmente, do conhecimento do bispo Dom Luiz, por meio do jornal *VRC* contribuíram para a saída do “padre mestre” do Cariri e para o fim da publicação da folha religiosa.

Em 20 de fevereiro de 1870, o jornal tornava público, as disputas entre o grupo que apoiava o padre Ibiapina no Crato, reunidos em torno da Casa de Caridade, do *ISCM* e do jornal *VRC*, e Manuel Aires do Nascimento. Voltemos algumas páginas do presente trabalho, e retomemos a citação que iniciou o primeiro capítulo:

Depois de um anno de saudosa auzencia, o Veneravel Apostolo do Cariry voltou ao Crato. O povo correu pressuroso ao seu encontro que teve lugar na Cruz as 5 e meia da tarde do dia 10 do corrente, e foi magnífico na expansão de seu prazer e entusiasmo. As musicas do Internato porfiaram na vibração de seus instrumentos, dois coros das interessantes alumnas (...) fizeram chover flores sobre o illustre Missionário, os foguetes ferirão ruidosamente os ares, as ruas se apinharão de cavalleiros, e de pessoas de toda a classe a pé.²⁹⁴

A edição 49 comemorava “um novo anno na existensia jornalística da VOZ DA RELIGIÃO NO CARIRI”, representando a continuação do jornal como espaço de construção e de legitimação de visões de mundos, principalmente, religiosas, ao mesmo tempo em que explicitava os conflitos que atravessavam as experiências sociais daqueles sujeitos pelo monopólio espiritual no Cariri.

Em uma série de reportagens intitulada *DEVER DO PAROCHO*, o jornal criticou as práticas do senhor Manuel Aires do Nascimento. Era uma espécie de retaliação à proibição do pároco que “no meio da alegria e nas pomposas do acto quando a musica e os almos do Internato se derigirão para ouvir a missa se lhe mandou feixar a porta do côro (...)! Mas foi um só homem, author deste acto e o responsável perante o tribunal da opinião publica”²⁹⁵.

Dava-se início à disputa entre os colaboradores do padre Ibiapina, ou seja, o jornal *VRC* e o *ICM* e o pároco do Crato. E o palco para essa disputa não poderia ter sido outro. Se o pároco estava sendo julgado pela opinião pública, como queria fazer acreditar o jornal, o *VRC* tornava-se seu principal acusador.

²⁹⁴ *VRC*, 20 de fevereiro de 1870.

²⁹⁵ *Idem*.

Em 06 de março de 1870, o jornal *VRC* trazia os seguintes questionamentos:

Como um Parocho á 28 annos não prega a palavra divina ao seu rebanho nos domingos e dias sanctos principalmente no Advento e Quaresma? Como não faz desde esse tempo as restituições exigidas pelo Consilio Tridentino? Como ainda não ensinou uma só vez doutrina aos meninos? Como deixa morrer sem confissão ao pé da Matriz tantos infelises moribundos? Como há muito tempo não sabe a desobriga, e não conhece as suas ovelhas? Como não tem zelo pela sua matriz que de indecente já se tornou immunda? Como não toma interesse pelo culto divino, e chega mesmo a obstar que se celebrem as novenas da Padroeira, e prohibe os actos de religião e piedade na Matriz?²⁹⁶

Quando da visita de Dom Luiz ao Crato em 1872, depois da saída de Ibiapina do Cariri, a primeira providencia do Bispo, além da construção de um Seminário naquela Vila, foi justamente terminar a construção da Matriz de Nossa Senhora da Penha.

Visitando Nós a Matriz de N. S. da Penha da cidade do Crato, entre outras cousas notamos que a dita matriz conquanto bem começada em tempos já passados, não corresponde de nenhum modo aos religiosos sentimentos dos numerosos e abastados habitantes de toda a paróquia, pois além de nunca ter sido acabada, muitas cousas de primeira necessidade lhe faltam, o que não era de esperar da matriz de uma opulenta e religiosa cidade como a do Crato, e desejando Nós quanto está de Nossa parte que a matriz de uma das primeiras paróquias desta Diocese saia da objeção em que se acha, e pelo melhoramento que tiver tôda a gloria seja attribuída à boa vontade dos habitantes da mesma paróquia²⁹⁷.

O templo religioso em cada local, vila ou cidade, era sagrado e também onde se vivenciava múltiplas experiências, sendo um espaço marcado pelos períodos litúrgicos, por solenidades e atos sociais.

A princípio pode parecer estranho que as missões ibiapinianas tivessem “negligenciado” a conclusão das obras da matriz, a ponto de, quando da passagem do bispo por ali a igreja ainda estivesse em estado de “objeção”. Todavia, se lembrarmos que o objetivo maior de Ibiapina era construir suas Casas de Caridade, compreenderemos melhor os conflitos envolvendo o missionário, o pároco e o Bispo.

²⁹⁶ *VRC*, 06 de março de 1870.

²⁹⁷ PINHEIRO, Irineu. *Efemerides do Cariri*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963.

Ibiapina imitou a vida dos santos, era apresentado como enviado de Deus, apresentava sua missão, as construções oriundas desta e o próprio jornal *VRC* como lugares e instrumentos de intervenção divina. Em contato com sua obra, acolhendo seu discurso, imitando sua prática, o sertanejo estaria mais próximo de Deus. Mais do que qualquer outro sujeito, morador daqueles vilarejos visitados pelo missionário, o padre foi capaz de aglutinar em torno de si, uma mesma causa, atravessada por interesses diversos, conflitantes... Homens das letras, da política, da justiça, pessoas comuns.

As missões Ibiapinianas e o *VRC* foram instrumentos de divulgação e efetivação de um projeto de reforma da sociedade sob a égide da Igreja Católica, que esbarrou em limites e contradições próprios daquela sociedade profundamente marcada pelo olhar religioso do sertanejo sendo (re)significado por seus pensadores e por aqueles que deveriam segui-los.

Ibiapina caminhou entre a norma e a transgressão da norma. Ao escrever aos beatos e às beatas das quatro Casas de Caridade do Cariri Novo, dizia ter feito a entrega das Casas para “assegurar-lhes um venturoso futuro, porque debaixo de tão valiosa proteção e de um Pai tão habilitado pelas circunstâncias favoráveis que o cercão, não posso deixar” ²⁹⁸. No mesmo documento, o missionário deixava claro sua obediência ao bispo, mas também sua rebeldia, pois oferecia aos beatos e Irmãs de Caridade a opção em não continuar na Casa e “se julgar que lhe convem continuar os serviços da Caridade debaixo de minha direcção pode procurar-me, que com agrado receberei como filho espiritual” ²⁹⁹.

As práticas do padre Ibiapina ora condenavam a religiosidade sertaneja, ora se confundiam com ela. O periódico *VRC* se apresenta desse modo, como espaço de circulação de visões de mundo mediadas pela religião, onde podemos vislumbrar aspectos de uma *cultura intermediária*, onde o culto aos santos, e a crença nos milagres, apresentam elementos que aproximam e distanciam sujeitos que falam de lugares diferentes, diferenciadores.

Ao selecionar e adaptar elementos de uma cultura erudita, letrada, eclesiástica, a elementos de uma cultura religiosa, oral, mágica, utilitária, que tinham à sua disposição, Ibiapina e seus colaboradores oscilaram entre a necessidade de

²⁹⁸ MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. *Entre orações, letras e agulhas: a pedagogia feminina das Casas de Caridade do padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883)*. Fortaleza, 2003. 278fl. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará.

²⁹⁹ Ibid.

construir representações baseadas em discursos e práticas ortodoxas e a pressão de aspectos das vivências religiosas sertanejas, as quais todos os cristãos, conscientes ou não, estavam presos.

Como vimos, o jornal *VRC*, fundado no Crato para defender os interesses da Igreja Católica Apostólica Romana, mas que dois anos depois tem as portas dessa mesma Igreja fechadas para seus representantes, ao divulgar uma série de eventos extraordinários que marcavam as missões ibiapinianas transformou-se num lugar de circulação de múltiplas experiências religiosas, por isso mesmo, num ponto de conflito entre homens da Igreja, que falavam de lugares religiosos diferentes. Criado para ser a voz da religião no Cariri, o jornal *VRC* entrou em conflitos com outras vozes que também falavam em nome da religião.

Dois anos antes de sua morte, em 1881, Ibiapina escreveu um cântico que resume sua trajetória, e bem que poderia ter sido publicado no jornal *VRC* se a folha não tivesse deixado de circular uma década antes:

Risquei um pequeno círculo
Dentro dele me meti.
Para escapar ser lembrado
Com cuidado me escondi.

No centro da Caridade
Coloquei minha existência,
No ministério ocupado
Cercado só de inocência.

Passei os dias olhando
Para o mundo com temor.
Procurei fugir dos males
Que cercam o pecador.

E vi que Deus protegia
A causa que eu defendia,
Por isso, vi que era dele
Esta vida que eu vivia.

É só isto que me pesa:
Não fazer quanto podia,
Tendo sempre em meu favor
O bom Jesus e Maria.

Escapei de grandes males
E, se grandes bens não fiz,
Não foi por Deus me faltar,
Fui eu mesmo que não quis.

Ah! Pudesse eu agora

Fazer todo dia o bem
Em favor da humanidade
Que chora, porque não tem.

Faço esta confissão
Antes de ir à sepultura,
Agradeço aos bens que Deus
Fez a mim, vil criatura³⁰⁰

Antes de sua morte, porém, o missionário deve ter recebido notícias , como de costume, enviadas por seu amigo de Barbalha, Pedro Lobo de Menezes, sobre as novas mudanças materiais e espirituais promovidas na região do Cariri, não mais por suas santas missões, mas pelas visitas pastorais do bispo Dom Luiz.

Deve ter lido com alegria, ou com melancolia (Quem pode saber como o missionário se sentia dentro do círculo no qual havia se metido?), sobre como a cidade do Crato mudara sua paisagem com a construção da Igreja de Nossa Senhora da Penha e do Seminário do Crato, com a administração das Casas pelos padres estrangeiros ou ainda como algumas pessoas, as mais velhas, talvez, ainda se lembravam da história de “Luzia Pesinho” e se banhavam nas águas miraculosas – e lamacentas, segundo a visão de alguns menos crédulos – do Caldas.

Em 19 de fevereiro de 1883, uma segunda-feira da segunda semana da quaresma, às três horas da tarde, na Casa de Caridade de Santa Fé, na Província da Paraíba, morria o padre Ibiapina.

Não escapou de ser lembrado!

³⁰⁰ ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*. Fortaleza: ed. Paulinas, 1996. p. 546-547

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu desejava contar uma história...

A história de um jornal e da crença de algumas pessoas nas maravilhas que circulavam nas páginas desse jornal.

O jornal *VRC* é entendido no presente trabalho como prática social e como espaço de vivência de múltiplas experiências religiosas. Essas vivências constituídas por práticas culturais e sociais compartilhadas, o que não significa afirmarmos, que essas práticas foram destituídas de contradições, conflitos, visões de mundos diferentes, próprias de homens e mulheres que falavam de uma posição diferenciada, diferenciadora.

Compreendo o periódico *VRC* como lugar de construção de representações do mundo, lugar de circulação de projetos que traduziram desejos, aspirações e ações, no qual modos de vida foram valorizados, enquanto outros foram ocultados. As representações das missões como espaço sagrado, a crença na proteção dos santos e na plausibilidade do milagre atravessavam as experiências religiosas de homens e mulheres que participaram da produção do jornal *VRC* e da construção de sentidos de mundo.

As narrativas presentes no periódico nasceram das experiências religiosas dos sujeitos, dando-lhes força e concretude. São narrativas que aparecem em forma de devoção para fertilizar a fé dos leitores, ouvintes e devotos do Padre Ibiapina. O mundo inteiro não poderia deixar de conhecer as maravilhas das santas missões, constituindo-se a folha religiosa no “echo das maravilhas”, num verdadeiro testemunho de fé.

Por meio do periódico:

(...) homens e mulheres constituíam um discurso de auto-valorização, que em certo sentido, barrou os limites do poder instituído no campo religioso [embora alguns desses homens e mulheres, alguns de seus discursos e práticas representassem justamente esse poder instituído no campo religioso, cultural, político e econômico, ou seja, o poder da Igreja, o poder da imprensa, da cultura letrada, o poder das instituições políticas, o poder econômico]. De modo escorregadio e contraditório, a obrigação de escutar e obedecer transformou-se

em direito de falar em nome de Deus, emergiu uma teia em torno da voz.³⁰¹

Em comum, a utilização das memórias construídas no jornal *VRC* pelos seus leitores e ouvintes do; professoras e internas das Casas de Caridade; beatos e beatas que acompanharam o trabalho missionário de Ibiapina e sobre ele escreveram, no século XIX; intelectuais e pesquisadores que continuam a escrever sobre o missionário, no século XXI.

A folha religiosa não pode ser reduzida ao *rool* de jornais romanizadores do século XIX, o que aconteceria se tomássemos como referencial de análise modelos que não se preocuparam com as peculiaridades da região onde foi produzido. Não deve ainda, ter sua complexidade obscurecida por esquemas binários, como *religiosidade popular X religiosidade oficial*.

A ação protagonista dos leigos (jornalistas, professores, beatos, políticos) na escrita do jornal e na dinâmica das missões, que falavam em nome da religião católica, mas agiam de acordo com interesses específicos, locais, vai de encontro à identificação da *VRC* como um jornal romanizador.

Desse modo, propomos o seguinte problema: seria o jornal *VRC* o lugar de vivência de uma *cultura intermediária*?

Penso ser o *VRC* um lugar de “circulação fluída”, de práticas culturais e sociais compartilhadas. Notícias de festas, narrações de milagres, cânticos e benditos, histórias de santos, não os medievais, mas aqueles que podiam ser vistos, tocados, parecem inserir o *VRC* no universo de uma *cultura intermediária*.

Ibiapina e o jornal *VRC* inserem-se no universo de uma cultura intermediária que cumpririam o papel de transitar entre o institucional e as manifestações da religiosidade das pessoas comuns. Foram capazes de ler os códigos desses dois universos. Ao selecionar e adaptar elementos de uma cultura erudita, letrada, eclesiástica, e elementos de uma cultura religiosa, oral, mágica, utilitária, que tinham à sua disposição, Ibiapina e seus colaboradores oscilaram entre a necessidade de construir representações baseadas em discursos e práticas ortodoxas e a pressão de aspectos da cultura religiosa sertaneja, às quais todos os cristãos, conscientes ou não estavam presos.

³⁰¹ RAMOS, Francisco Regis Lopes. *O meio do mundo: territórios de sagrado em Juazeiro do Padre Cícero*. São Paulo, 2000. Doutorado em História Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC. p. 46.

Como lembra Franco Júnior:

Só se assimila, se modifica ou se critica aquilo que se entende ou se pensa entender. Aquilo que não é estranho. Aquilo que faz parte do universo comum, da cultura de todos. Da cultura intermediária enfim, (...) que fornece matéria-prima trabalhada de forma própria por cada segmento social.³⁰²

Por isso da escolha da categoria *cultura intermediária* ainda tão pouco experimentada pela historiografia brasileira. Nesse sentido, nos distanciamos do “porto seguro” que, a princípio, conceitos consolidados como *cultura popular*, *cultura erudita*, *religiosidade popular*, *religiosidade oficial*, *romanização*, poderiam representar, para nos aproximarmos, perigosamente, à beira da falésia.

Eu desejava contar uma história...

A história de um jornal e da crença de algumas pessoas nas maravilhas que circulavam nas páginas desse jornal.

Maravilhas registradas por meio da escrita que logo se transformaram em histórias contadas (ou seria o contrário?) pelos sertões (e pelo litoral, se desejamos continuar reproduzindo “aquele mundo do XIX”) que falavam de milagres, de santos, de um mundo dividido entre fiéis e infiéis, e que ofereciam a possibilidade de um mundo melhor. (Quem poderia não crer? Alguns duvidaram...).

O número reduzido de autores diretamente citados, alguns deles subversivamente citados sem uma “introdução” ou com citações que se resumem a algumas poucas linhas; a presença de uma escrita mais fragmentada, que buscou uma independência das “partes”, embora se reconheça a dependência do “todo”; um tom mais ensaístico, que vez ou outra se distancia do modelo cartesiano proposto pela academia; a repetição de citações, o começo pelo fim, foram caminhos percorridos e experimentados, conscientemente, para atingirmos o nosso objetivo: narrar a história de um jornal e da crença de algumas pessoas nas maravilhas que circulavam nas páginas desse jornal.

Muito ainda se tem a escrever sobre o jornal *VRC*. O olhar lançado por esse trabalho, que sem dúvidas apresenta suas limitações, deve ser considerado como um olhar que buscou compreender, diferente do que acontecia até então, o jornal

³⁰² FRANCO JÚNIOR. Op. Cit., p.36.

VRC, como prática social, e não apenas como instrumento propagandístico das missões ibiapinianas.

Mais copiado do que citado, o periódico VRC não esqueçamos, foi o lugar de construção das primeiras memórias sobre as missões do padre Ibiapina no Ceará, assim como foi registrada a primeira biografia do missionário.

As páginas que se seguiram não tiveram a mínima pretensão de exaurir o assunto “missões ibiapinianas no Ceará”, nem mesmo esgotar aquele tema mais específico, ou seja, o lugar do jornal VRC, na dinâmica das missões. Basta lembrarmos algumas questões ainda a serem perseguidas: como a oralidade era apropriada pela escrita? Como a bíblia era “lida” pelos produtores da folha religiosa? Como a folha vai, posteriormente ao fim de sua publicação e da morte do missionário, influenciar, transformando-se em matriz narrativa, na escrita sobre Ibiapina? Todavia, o presente trabalho, espera ter contribuído para que a historiografia sobre as missões do padre Ibiapina, perceba de outro modo, o lugar do jornal VRC na construção de representações sobre o missionário e na vida religiosa no Vale do Cariri.

Eu desejava contar uma história...

A história de um jornal e da crença de algumas pessoas nas maravilhas que circulavam nas páginas desse jornal.

REFERÊNCIAS

Estudos sobre a obra do padre Ibiapina

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*. Fortaleza: ed. Paulinas, 1996.

BANDEIRA, Andréa. *As beatas de Ibiapina; do mito à narrativa histórica: uma análise histórica usando a abordagem de Gênero sobre o papel feminino nas Casas de Caridades do padre Ibiapina (1860-1883)*. Recife, 2004. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Pernambuco.

CARVALHO, Gilberto Vilar de. O padre Ibiapina, um homem que viveu e morreu pelo seu Povo. *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 43, fasc. p. 103-132, março de 1983.

LIMA, Danielle Ventura B. *A caridade segundo Ibiapina: História e Imaginário na Casa de Santa Fé*. João Pessoa, 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Federal da Paraíba.

MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. *Entre orações, letras e agulhas: a pedagogia feminina das Casas de Caridade do padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883)*. Fortaleza, 2003. 278fl. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará.

MARIZ, Celso. *Ibiapina: um apóstolo do Nordeste*. João Pessoa: Tipografia União, 1942.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. Pe. Ibiapina: figura matricial do Catolicismo sertanejo no Nordeste do século XIX. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, vol. 112, 1998.

OLIVEIRA, Alberto Rodrigues de. *Da fé ao compromisso social: a atividade missionária do padre Ibiapina*. Recife, PE: UNICAP, 2007.

RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. *Entre a penitência do corpo e o corpo em festa: uma análise das missões do padre Ibiapina no Ceará (186-1883)*. Fortaleza, 2003. 110fl. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará.

Obras Gerais

ADREU, Marta. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, (1830-1900)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999.

AZZI, Riolando. Dom Luis Antônio dos Santos, primeiro Bispo do Ceará (1861-1881) e Arcebispo da Bahia (1881-1890). *REB - Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, p. 652-674, 1990.

_____. *A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2005.

BAKTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 4^o ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

BLOCH, Marc. *Os reis taumartugos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

_____. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CERTEAU, Michel de. A Operação Histórica. In: LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. *História Novos Problemas*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

_____. CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *A Invenção do cotidiano: artes de fazer*. 4^o ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. *À beira da falésia: A história entre certezas e inquietude*. Ed. UFRGS, 2002.

_____. *Leituras e Leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Unesp, 2004.

CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. *A construção da "cidade da cultura": Crato (1889-1960)*. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana. (1890-1915)*. São Paulo, EDUC/ Fapesp/ Arquivo do Estado de São Paulo/ Imprensa Oficial do Estado, 2000.

DAVIS, Natalie Zemon. *Nas margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.

DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Peregrinos, Monges e Guerreiros: feudo-clericalismo e religiosidade em Castela medieval*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1990.

_____. *Meu, teu, nosso: reflexões sobre o conceito de cultura intermediária*. In: *A Eva Barbada: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. *O ano 1000: tempo de medo ou de esperança?* São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. Apresentação. In: Varazze, Jacopo de (1226-1298). *Legenda áurea: vidas de santos*, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FERNANDES, Ana Carla Sabino. *A imprensa em pauta: jornais Cearense, Pedro II e Constituição*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

GALLO, Ivone Cecília Dávila. *O Contestado: o sonho do milênio igualitário*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1999.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

_____. *O Fio e os Rastros: Verdadeiro, Falso, Fictício*: São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

GONÇALVES, Adelaide. *O Tabalhador graphico*. Edição fac-similar. Fortaleza: Ed. UFC, 2002.

LONDOÑO, Fernando Torres. As devoções populares, novas indagações de uma pesquisa das Ciências da Religião. In: *Cadernos do CEOM*. – Chapecó: Argos, 2001. Religiosidades. p. 11-29.

MANUEL, Ivan A. *O pêndulo da História*. Tempo e eternidade no pensamento Católico (1800-1960). Maringá: Eduem, 2004.

MARTINS, Karla Denise. Civilização Católica: D. Macedo Costa e o desenvolvimento da Amazônia na segunda metade do século XIX. *Revista de História Regional*. 7(1), 2002, p. 73-103.

NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à história do jornalismo cearense* - edição fac-similar/ Fortaleza: NUDOC/ Secretaria da Cultura do Estado de Ceará - Arquivo Público do Ceará, 2006.

OTTEN, Alexandre. *Só Deus é grande*. A mensagem religiosa de Antonio Conselheiro. Ed. Loyola: São Paulo, 1990.

PEREIRA, Ana Paula Lopes. O relato hagiográfico como fonte histórica. In *Revista do Mestrado de História* (Universidade Severino Sombra), v. 9, n 10, 2007.

PINHEIRO, Irineu. *Efemerides do Cariri*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963.

RAMOS, Francisco Régis L. *O verbo encantado: a construção do Padre Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1998.

_____. *O meio do mundo: territórios de sagrado em Juazeiro do Padre Cícero*. São Paulo, 2000. Doutorado em História Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC.

RODRIGUES, Carlos Moises Silva. *No tempo das irmandades: cultura, identidade e resistência nas irmandades religiosas do Ceara (1864-1900)*. São Paulo, 2005. 277f. Dissertação (Mestrado em História Social). PUC/SP.

SOBREIRA, Azarias. Em defesa de um abolicionista. In: _____. *O Patriarca de Juazeiro*. Petrópolis: Oficinas Gráficas da Editora Vozes, 1969.

SILVA, Cândido da Costa. *Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia – São Paulo: Ática, 1982.*

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

TAVARES, Mauro Dillmann. Progresso e civilização à luz ultramontana: jornais católicos no sul do Brasil – Porto Alegre, século XIX. In: *Histórica: Revista Online do Arquivo Público do Estado de São Paulo*. nº 12, julho de 2006.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. *Terra das promessas, Jerusalém maldita: memórias bíblicas sobre Belo Monte (Canudos)*. São Paulo, 2004. Doutorado em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC.

ZORZI, Lucio. *O Sagrado Coração de Jesus: espiritualidade para o novo milênio*. São Paulo: Paulinas, 2001.

ARQUIVOS E FONTES

Jornais - Setor de Periódicos e Microfilmagem da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel – Fortaleza, Ceará.

Jornal *A Voz da Religião no Cariri* (Crato-Ce, 1868-1870).

Jornal *Cearense* (Fortaleza-Ce, 1960-1975).

Jornal *Tribuna Católica* (Fortaleza-Ce, 1868-1869).

Jornal da *Fortaleza* (Fortaleza-Ce, (1870).

Fontes publicadas

CARVALHO, Ernando Luiz Teixeira de. *A missão Ibiapina*. Passo Fundo: Berthier, 2008.

COMBLIN, José (org). *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*. São Paulo: ed. Paulinas, 1984.

HOORNAERT, Eduardo. *Crônicas das Casas de Caridade: fundadas pelo Padre Ibiapina*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

UNIPÊ 35 ANOS – Diocese de Guarabira 25 anos. *Padre Ibiapina: Textos inéditos 200 anos de nascimento 1806-2006*. João Pessoa: UNIPÊ/gráfica, 2006.

Correspondências - Sala de História Eclesiástica da Arquidiocese de Fortaleza-Seminário da Prainha/Ceará.

Cartas manuscritas do padre Ibiapina para Pedro Lobo de Meneses – regente da Casa de Caridade de Barbalha (CE):

1. Cajazeiras, 25 de setembro de 1869.
2. Carnahybinha (PI), 07 de maio de 1871.
3. Carnahybinha (PI), 24 de maio de 1871.
4. V^a de Granito (PE), 19 de setembro de 1871.
5. Jaicós (PI), 08 de outubro de 1871.
6. Jaicós (PI), 12 de outubro de 1871.
7. Baixa Verde, 16 de março de 1872.
8. Santa Fé (PB), 26 de dezembro de 1874.
9. Santa Fé (PB), sem data.

Revista do Instituto do Ceará (Fortaleza-CE) – Acervo digitalizado, disponível no site <http://www.institutodoceara.org.br>

ALVES, Joaquim. *O Vale do Cariri*, 1945. p. 94-133.

FONSECA, Paulino Nogueira Borges da. *O Padre Ibiapina*, 1888. p. 157-220.

OLIVEIRA, João Batista Perdigão de. *A Imprensa no Ceará*, 1897, 1898, 1900 e 1907.

LEAL, Vinícius Barros. *Ibiapina - Um profeta em sua terra*. 1983. p. 187-195.

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *Ibiapina e a história regional do Nordeste*, 1983. p. 72-83.

_____. *Notas sobre o perfil de Santidade do Servo de Deus Padre José Antônio de Maria Ibiapina*. 1994. p. 261-262.

SOBREIRA, João Gonçalves Dias. *Fundação de Caldas*, 1938. p. 227-230.

STUDART, Guilherme. *Descrição do Município de Barbalha*, 1888. p. 9-13.

_____. *Catálogo dos jornais de pequeno e grande formato publicados em Ceará*, 1896, 1898 e 1904.

VIEIRA, Antônio. *Padre Ibiapina*, 1987. p. 322-324

ANEXOS

JORNAL
A VOZ DA RELIGIÃO NO CARIRI

ESTATUTO

Para as Cazas de Caridade pelo Padre Ibiapina para conseguir-se o fim da instituição*

Artigo 1º Têm dous fins as Cazas de Caridade desta instituição e vêm a ser educação moral e do trabalho.

Artigo 2º Recebem-se nestas cazas as orphans de 5 a 9 annos sendo pobres e desvalidas.

Artigo 3º A primeira educação das orphãs e doutrina cristã, lêr, escrever, contar, costurar, bordados &. Finda essa educação entrarão nos trabalhos manuaes de tecer pano, fiar no engenho fazer çapato e quaesquer genero de industria que a caza tenha adoptado.

Artigo 4º Logo que as orphans tenham completado a primeira e segunda educação estando em idade conveniente serão casadas á custa da caridade.

Capitulo 2º

Artigo 5º Além das orphans a Caza poderá receber algumas mulheres para o trabalho havendo na casa em que empregal-as.

Artigo 6º As mulheres para o trabalho não serão logo definitivamente aceitas, mas estarão na caza como em noviciado seis mezes para provarem sua conducta de amôr ao trabalho e a verdadeira religião.

Artigo 7º Serão também ensinadas em Doutrina e a ler verdadeira religião.

Artigo 8º Essas mulheres, do trabalho, depois de cinco annos de estarem na Caza neste exercicio tendo provado boa conducta amôr ao trabalho e humildade podem ser apresentadas para serem cazadas como as orphãs quando não queiram permanecer na Caza como Irmã de caridade.

Artigo 9º Além dessas mulheres haverão umas outras denominadas Irmãs de Caridade que terão empregos determinados como Mestra, cosinheira e porteira &.

* Transcrito dos anexos do trabalho MADEIRA, Maria das Graças de Loliola. *Entre orações, letras e agulhas: a pedagogia feminina das Casas de Caridade do padre Ibiapina - sertão cearense (1855-1883)*. Fortaleza, 2003. 278fl. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará.

Capitulo 3º

Da supervisora

Artigo 10º Haverá uma Superiora que governará toda a Caza a quem todas lhe serão obedientes, mantendo a ordem e fazendo executar estes Estatutos e regulamentos da Casa.

Artigo 11º A obrigação da Superiora é fazer que todas as repetições funcionem regularmente prestando muita atenção a repartição do trabalho e ao adiantamento da Doutrina cristã.

Artigo 12º Hé sua obrigação dar todos os mezes um mapa em que declame o trabalho na casa ao Inspector Geral assim como o adiantamento da Escola.

Artigo 13º A superiora deve regular o trabalho da Caza de sorte que com ele e com as esmolas dos fiéis se sustente toda a família ahi congregada não comprometendo a Caza com svidas advertindo que a Caza de caridade é pobre e como pobre deve viver.

Artigo 14º Como a superiora esta obrigada a manter a ordem para alcançar os fins da instituição pelo trabalho e educação tem direitos a empregar os meios primitivos e correctivos segundo as circunstancias e ocorrências como foi mandado no regulamento interno.

Artigo 15º As mulheres que forem lançadas fóra da Caza ou que sahirem por desagrado que causassem jamais serão recebidas em Caza alguma de Caridade.

Artigo 16º As mulheres do trabalho e ainda as Irmãs de Caridade que desobedecerem a Superiora e que aconselhadas, reprehendidas e castigadas se tornarem incorregiveis serão lançadas fora da Caza.

Artigo 17º Haverá um conselho das mulheres mais prudentes e discretas das Casas que com a Superiora occorra as precizões da Caza com a lembrança de meios vantajosos.

Artigo 18º Esse conselho reunirá tantas mulheres quantas discretas houverem na Caza e sob a presidencia da Superiora delliberará sobre os meios de melhorar os costumes máos da Caza, augmentar e facilitar o trabalho, corrigir qualquer abuzo que se vá entroduzindo afinal é um corpo vivo a bem da caridade não temendo nem se acovardando e reclamando com doçura sim, mas com empenho em favor da caridade. Nenhuma Irmã do conselho é responsável por suas opiniões no conselho.

Artigo 19º Qualquer Irmã pôde propôr o que entender e interessar em favôr da Caridade e a superiora porá a discussão dando-se a palavra a primeira que a pedir e depois dessa findar poderá outra fallar, sendo prohibido falar duas ao mesmo tempo.

Artigo 20° Quando falte a Superiora, suba ao govêrn o a Vice-Superiora; fica vago por isso o lugar de Vice Superiora que é de eleição do conselho; portanto se reunirão na capella em oração antes de fazer essa nomeação e todas as vezes que tiverem de reunirem para deliberar e nomearão por maioria dos votos a Vice-Superiora.

Artigo 21° O conselho delliberativo das Irmãs da Ca za se reunirá de 15 em 15 dias ou antes e todas as vezes que a Superiora reclamar ou qualquer Irmã requerer para tratar negócio grave e urgente.

Artigo 22° Haverá uma Secretária que escreverá o qu e se passar no conselho e assignarão as Irmãs marcando dia, mez e ano. (Estatuto, in:Mariz, 1980,p 284-285)

Artigo 23° Haverão na Caza tantos teares quanto ma is se possão trabalhar por que e o trabalho por ora mais lucrativo e por isso deixão-se todos os outros que offerecem menos vantagens:em duvida decida o conselho.

Artigo 24° A Irmã Superiora não se conttente com a industria actual mas descobrindo outras que facilitem o trabalho e ganho admitirá.

Capítulo 4°

Da visitadora

Artigo 25° Haverá uma visitadora que é a Superiora das Superiores; porque corrige os defeitos da Caza, dá os regulamentos que devem ser guardados remove as Superiores e as admite se tanto for mistér quando a bôa ordem e prosperidade das Cazas o desmandem.

Se, porém houver rebeldia ou desobediência a visitadora por este acto será a Caza abandonada e posta fora do circulo das Cazas da minha Instituição.

Capítulo 5°

Artigo 26° Haverá um inspetor geral que fará às vez es do instituidor em socorrer as Cazas, dirigi-las, plantar o sistema do trabalho e uniformizar todas as cazas em moralidade religiosa e no trabalho.

Artigo 27° A superiora nos casos graves recorrerá a o Inspetor Geral ou a Visitadora reclamando providencia como para mandar Mestra se lhe falta, se a Superiora está doente e periga a marcha da Caza, ou qualquer providencia extraordinaria que seja mistér para salvar a Caza.

Capítulo 6°

Artigo 28° Em regra não se receberão pensionista que de alguma maneira atrapalham a marcha da casa e regulamento dos trabalhos, contudo havendo reclamações justas, a superiora recebera pensionistas com as condições que serão marcadas no regulamento das pensionistas.

Disposições Gerais

Artigo 29º A visitadora é obrigada a visitar as Casas uma vez por ano ou por outra Irmã a quem ela delegue esses poderes, oficiando ás Casas, advertindo das funções que a delegada da Visitadora vai exercer que são as mesmas attribuições da Visitadora.

Artigo 30º A visitadora é obrigada a visitar as Casas uma vez por ano ou por outra Irmã a quem ela delegue esses poderes, oficiando as Casas, advertindo das funções que a Delegada da visitadora vai Exercer essas funções em qualquer das Casas, providenciarã por escripto e de modo mais conveniente.

REGULAMENTO INTERNO PARA AS CAZAS DE CARIDADE

Art. 4- O movimento e vida das cazas de caridade começa ás 5 horas da madrugada com a oração matinal.

As 4 horas e meia da madrugada a irmã do Coro se levantará para preparar a capélla com asseio, limpando o altar, tirando as velas e cera que se derrame, raspando, ornando de flores o Altar, tendo água limpa na bacia e toalha sempre limpa, engomada e cheirosa como deve ser toda a roupa da Igreja, toca 5 horas, faz chamar com a campá a toda gente de caza e a Superiora deve ser a primeira a comparecer para explicar e providenciar a respeito dos que faltaram de que se fará nota para toma-se conta em tempo opportuno.

A oração matinal comerá pelo Salmo de Davir que louva a Deos, findo o qual Actos Fé, Esperança e Caridade e Contrição segue-se o Officio Divino, Officio de Nossa Senhora da Conceição, Ladainha, Salve Rainha, Senhor Deos misericórdia, e nos domingos e dias santos podem-se juntar bemditos de gloria das Virgens e da Conceição de Maria.

A Irmã Roupeira por sua vez é a Zeladora e por isso terá a direcção para as Orphãs pensionistas lavarem o rosto e se prepararem para a escola e as outra Irmãs para o trabalho.

As Mestras tocarão a campá chamado as educadas para as escolas. A Zeladora da Caza dá alegria tocando a campá em repartição do trabalho.

As Emfermeiras vão logo aos hospitaes visitar os enfermos para soccorrer ás precisões ordinárias e extraordinárias que occorrerão fazendo limpezas, applicando remédio e tudo que seja mister em desempenho de suas funções.

A Irmã Roupeira abre sua repartição para ver se há roupa rasgada para cozer, se falta roupa, pedir, ou (seja) para os doentes e para as Orphãs. Zelar toda a roupa da comunidade quea terá em prateleiras e classificadas que pronto possa encontra o que procura. Se lhe dará por companheira alguma Orphã que já sabia cozer para ajudar-a nessa tarefa.

As Cozinheiras umas são da comunidade e outras das (enfermeiras); cada huma em suas repartições estarão sem perda de tempo se occupando no desempenho de seus deveres.

É absolutamente prohibido que andem pela cozinha e dispensa quem não for da repartição para não interromper o trabalho e faltar aos deveres que a cada uma incumbe.

A Superiora como centro desse movimento occpa-se em visitar já uma e outras repartição demorando-se em cada uma segundo a precisão, dando providencia e correção como mãe de família e responbsável por todas as occorrencias da Caza.

Vigiará que cada qual esteja no seu posto e desempenho de seus deveres. Empregará como correctivo a advertência branda e amigável, a reprehensão em segundo logar e em terceiro , castigo;

Não convem misturar nem consentir as mulheres do trabalho na Caza senão nos actos de comunidade por não perderem tempo e ainda vporque mulheres de todos os costumes somente com o tempo podem ser conhecidas, alem da perda do tempo para o trabalho.

A Superiora se quiser ver sua Caza alcançar o fim não deixe reinar a preguiça, a ociosidade, a conversa, mas o trabalho, o amor de Deos e o empenho na santificação dessas almas que não deve ter outro fim entrando nessas Caza.

He prohibido na Caza conversa presentes e secretas ou que tenham outro objecto que não seja o desempenho das obrigações que a cada uma cabe. Não é licito comunicação de fora, senão quando os paes visitão suas filhas e isso será em hora e lugar destinado e por uma meia hora somente, quando muito.

Não licito receber cartas nem escrever para fora sinão sendo lidas pela Superiora todas as cartas para as abrir e ler assim como serão dadas abertas as que forem para fora e a Superiora entendendo que convem mandar ou entregar tais cartas assim o fará.

A obediência á Superiora é a primeira obrigação da Caza e todas as pessoas da Caza a respeitarão como Mãe que representa um poder celeste, a falta portanto nesta parte é grande que além do correctivo se tomará nota e me dirigirão em qualquer parte que estiver e ao capelão confessor da Caza em todo caso para nega-lhe a comunhão. E se for adeante a Soberba a Irmã Superiora a separa de toda a comunidade proibindo toda comunicação com outras sob pena de desobediência a quem transgredir.

A desobediência ás ordens da Superiora é considerada soberba revoltante e já está providenciada.

A refeição será ás 8 horas para o almoço, ao meio dia para o jantar e ás 7 e meia para a ceia.

Haverá uma campã na Caza para fazer signal á Comunidade para a comida. A Superiora presidirá a meza e todos estão em pe até que ella se sente; benzerá a meza, as Mestras e mais Irmãs trincharão e distribuirão a comida e depois do signal dado pela Superiora comoçarão a comer, corrigindo as Mestras e Superiores as defeitos da ânsia e precipitação da comida, ensina do a servirem-se de talheres. Ao jantar, enquanto comem, uma Irmã lerá vida de santos ou algum livro piedoso e já se vê por isso que deve haver muitos silencio e a Superiora terá muita atenção a confusão e balburdia em quaisquer actos de comunidade, principalmente na capella e refeitório.

Depois da comida se dá graças e toma-se abenção á Superiora, como ao acordar e agasalhar.

Antes de irem a comida ao meio dia devem ir á Capela rezar a Prima do Officio Divino, uma Salve Rainha á Nossa Senhora, uma Ave Maria e a Oração de São Bernardo ou Memória; e depois do jantar agradecerão de todo o coração o Pão de cada dia que nosso bom Deos distribue com tanta bondade e liberalidade.

Logo que bata no relógio 6 horas da tarde toca o treco e é dia disso encarregada a Irmã do Coro. Dirijem-se todas ao terço que será nas segundas, quartas e sextas feiras. A Novena de São Gregório pelas almas do Purgatório nos outros dias, nas terças e quintas o terço contemplado, nos sabbados o Officio de Nossa Senhora da Conceição cantado, Ladainha e Salve Rainha. Estabeleço por todo anno o Lausperene. No sabbado, de duas em duas horas 6 Orphãs ou Irmãs estarão na Capella louvando a Deos até o amanhecer do domingo, cantando tudo que possa honrar a glorificar a Mãe de Deos. Abre-se o Lausperene com o Salmo de David as Orphãs de menor idade começão as horas mais convenientes e as outras as horas mais adeantadas.

Todos os dias ao acabar o terço segue-se o refeitório tocado para Irmã da Cozinha que será dispensada do terço porque ficará preparando a ceia enquanto a comunidade reza o terço. A Superiora destinará as Irmãs que ajudarão a cozinheira. Entretanto as Ophãs menores podem ter ceado antes e estarem já agasalhadas pelas Mestras; todas as mais acabado o refeitório irão á capella a dar graças, depois rezarão o Rosário, depois vão á conferencia, assistirão á conferencia todas as

Irmãs, Óphãs e Pensionistas, assistirão em completo silencio. A Irmã Superiora ou outra por seu mandado será encarregada de explicar algum ponto que traga em proveito corrigir uma falta vicio ou uma tendência das Irmãs, combatendo com a doutrina com razões bem naturaes mostrando o inconveniente, por exemplo, da Soberba, preguiça, desobediência, pouco zelo no trabalho, vaidade, descrédito na caza, na obra ma; feita nella, emfim tudo que pode corrigir e illustrar as intelligencias e tocaros corações, mostrando a perda que há nisso para opublico, para a subsistência da Casa e sobretudo para Deos.

Desenvolver quanto ao pensamento que a todas trouxe á Casa que devem ser santas, ultimarã com oração a SS. Virgem Maria mas esta oração para ser aproveitosa deve ser do coração, segundo a inspiração que Deos lhe dá nesse momento. Tem também logar na conferencia tomar contas ás repartições differentes exigindo que cada uma declare o que de ordinário occoreu e se carece de províncias, findo o que toca-se silencio e todas se vão recolher e a Irmã Superioara com uma Irmã fechará todas as portas, levando as chaves para o seu cubículo classificando-as com signaes para na manhã seguinte se não confundir.

A Irmã Superiora todas as tardes vae tomar conta dos trabalhos dos engenhos, das costuras, sapatos e chapéus de palha e dando cada uma o q razoalmente puder. Asv obras feitas serão levadas (ara) um quarto(ara) este fim destinado, tomando-se nota desse trabalho com declaração de dia, mez e anno para se dar contas quando ellas forem exigidas e se poder calcular com q forças pode a Caza constar.

A escola termina todos os dias as 5 horas e meia da tarde, tem meia hora de recreio no jardim, as educandas acompanhadas pelas Mestras ou Mestra.

Na tarde terá logar a visita do cemitério que se fará na mesma ordem. Chegando ao cemitério que se fará na mesma ordem. Chegando ao Cemitério se callarão para rezarem seis Padres Nosso e seis Ave Maria, pelas almas, cantando afinal a Salve das Almas. Retiram-se cantando: se eu não peccara, meu Deos.

REGULAMENTO DAS PENSIONISTAS

Recebe-se pensionista de qualquer idade com tanto que não tenha moléstia contagiosa, inhabilitada para receber a educação.

Os ramos de ensino são: primeiras letras, gramáticas portuguesa e todos os trabalhos manueas próprios de uma senhora, como costura, bordados, tecidos, flores,&

Pagarão uma pensão. O preço da pensão é 10\$000 a 13\$000 mensaes, pagos em trimestres adeantamento. Não se farão descontos por férias nem por qualquer outro tempo que passem as educandas por fará do estabelecimento, salvo por enfermidade que exceda de um mez.

No fim de cada trimestre será remetido aos pães um biletim do comportamento e adeantamento de suas filhas. Vistidos diários podem ser aquelles que as meninas usam cazas, devendo ser afogados camurças ou coleiras.

A lavagem de roupa corre por conta dos Paes. Os Paes mandarão nas segundas-feiras as roupas lavadas e levarão as servidas.

No caso de moléstia os Paes serão avisados e poderão levar suas filhas para serem em caza tratadas, podendo ser na Caridade, pegando as despesas de curativos e botica.

O ano letivo começa a 10 de janeiro e finda a 10 de Dezembro. Poderão os Paes visitar suas filhas todos os domingos á tarde. As meninas de fóra da cidade devem ter correspondente na cidade.

Ao entra na Caridade as educandas devem trazer os objetos que constam da nota junto: 2cobertas de chita, 2 lenções brancos, 2 travesseiros, 4 fronhas, 4 saias e duas toalhas, guardanapos, 6 camisas, 4 pares de meias, 4 de çapatos, 2 lenços de mão e 1 saco para roupa servida, 1 baú, agulheiros, agulhas, dedaes, tesouras, 1 manual de missa, 1 diccionario portuqquez, 1 cama ou rede, 1 pente-fino e 1 de alisar.

Pense a Superiora no que agora vou dizer:

As pensionistas devem ser tratadas como as pobres, orphãs, porque uma pataca por dia não chega para alimentar senão a pobres.

Portanto quando impostauras de reclamações vierem por mãos tratamentos, combine a Superiora com a Regente para não acceita pensionistas. Na Caza de Caridade se passa como na caza do pobre, se muito bom tem muito bom come. É assim que passa o pobre e como pobre devemos viver nessas Cazas para apreciarmos os frutos da santa pobreza.

Cartas manuscritas do padre Ibiapina para Pedro Lobo de Menezes – regente da Casa de Caridade de Barbalha (CE).*

01

Illmo. Snr. Lobo

Nosso Bom Deos lhe dê Coragem e força de espírito

Coragem Snr Lobo: nada falta para a Casa de Deos, e nem tema, nem pense em futuros, tendo no lado, quem se ocupe na guarda da Casa e Sustentação della.

A Irmã Damasia deve voltar logo tendo enchido por lá sua missão. A Casa daqui é a maior das que fiz no Cariry, e promete grandes bens no futuro, tendo já boas superiores e boas mestras.

A gente para a Caridade corre em favor della. E viva o nosso Bom Deos e Nossa Maria Santíssima. Todo bem lhe desejo como Irmão e amigo obrigado.

Pe José Antônio de Maria Ibiapina.

Cajazeiras, 25 de setembro de 1869.

02

Illmo. Snr. Cap.n Lobo

Recebi a sua carta, e fico contente com o que me diz; porque não morre no meu coração, os grandes sentimentos de amor à caridade, o nosso Bom Deos o há de abençoar e a sua família pelo sacrifício que tem feito, faz e fará, em favor dessa mimosa de Deos.

O fervor do santo Mês Mariano d'ahi chegou até cá, e os fructos espirituais que se colherão serão novos festões de flores que armarão de novo ao Sagrado Coração de Maria.

Meus respeitos a Snra D. Maria, e abenção a Heroína.

De V. S^a Am^o [Vor] obr^o

Carnahybinha [PI], 7 de maio de 1871.

* Sala de História Eclesiástica da Arquidiocese de Fortaleza-Seminário da Prainha/Ceará.

03

Quis a Providência Divina que a Casa da Caridade da Barbalha tomasse a posição interessante, que era de desejar. Sei com grande consolação minha V. S^a trata a Casa da Caridade como caridoso Pai, e só por isso espero vê-lo subir à altura da Casa de Milagres, que também tem um dedicado Protector.

[É] acceitar com carinho reconhecer o errado em que se ia; perder muito, não ganhar quando se podia; não admire por isso que eu lhe dê um parabem espiritual, porque agora vejo que ganhará seus novos e velhos direitos offuscados, e um tanto confudidos.

Graças à S.S Virgem, que ninguém serve a Ella de balde, e que não se esquece do que se lhe faz em honra e gloria sua, ainda quando disto estejamos esquecidos.

04

Para sempre seja Louvado Nosso Senhor Jesus Christo

111mo Snr. Cap.m Lobo

Recebi a preciosa carta de V. S e lhe agradeço a atenção generosa com que me trata.

Sinto o mau estado de sua saúde, e lhe desejo prompto restabelecimento.

Por bondade de Deos goso saúde e me occupo em levantar a capélla Mor e Sacristias destas matriz.

Tudo corre fácil e docemente, graças a Deos, e nesse estado me tem.

VS como resp. Vosso Criado

Padre Ibiapina

V de Granito, 19 de setembro de 1871[Pernambuco-15 léguas do Crato]

05

Para sempre seja Louvado Nosso Senhor Jesus Christo

111mo Snr. Cap.m Lobo

Recebi sua carta , 3 dias depois de lhe haver escripto, em resposta a outra que me dirigio

Vejo que da testemunho de verdadeiro pai interessado pela Casa de Barbalha: que esse povo aprenda a desempenhar o primeiro e o segundo mandamento- amar a Deus e ao próximo, zelando as filhas da caridade.

O Te. Cel. e a Visitadora louvam muito o estado physico e moral dessa casa: que tudo isso seja para honra e gloria de Deos, e proveito dos que trabalham em favor dela.

Morreu o Pacifer!!!

Adeus, Snr Lôbo, eu o abraço como

Am (amigo) int (intimo)

Padre Ibiapina

Jaicós[PI], 12 de outubro de 1871.

06

Para sempre seja Louvado Nosso Senhor Jesus Cristo

111mo Snr. Cap...m Pedro Lobo

Recebi a preciosa carta de V.S,que me consolou muito,por ver remediada uma grande necessidade as Casa,e não menos por vÊ-lo na frente desse remédio, tomando a posição que lhe cabe,como primeiro Benfeitor,e interessado na prosperidade dessa Casa: graças a deos.

Agora vejo que VS entrou no caminho se aproveitar seus sacrifícios no tempo e na eternidade, para si e sua família.

Outra vez graças a Deos, que [não] deixa perde-se qualquer sacrifício em honra e gloria sua.Creia que estou muito contente com isso.

A Superiora me diz que o Snr.Cap.m Lobo trata tão bem e ella-----a Casa, que parece ter sido sempre amigos de todos; é assim que se conhece da pureza da intenção-----a conciliação,é assim que se ganha quando se tivesse perdido.

Fizemos uma Igreja do cento e oitenta e dous palmos,todas de arcada,ficando por detraz da Capella Mór a sacristia com dois corredores, tres altares e dois púlpitos; grande adro, bellissima[Santa] Cruz e pedestal; com um cemitério ao lado, e um lindo jardim;tudo isto em branco, ladrilhado e completo em dois meses e 27 dias. Note que eu fiz os tijolos, e a telha, e carreguei cal de mais e 18 leguas.

Antes desta, tinha feito duas igrejas, ambos de corredores, arcada, e uma dellas dei prompta de tudo, e disse missa nella com 8 dias.

Não são porém estes os maiores fructos das missões do Piauhy;o tempo dirá o resto.

Meus respeitos s sua familia

De V.S AM MT apreciador e cr[criado]

Padre Ibipaiana

Jaicós, 8 de outubro de 1871.

07

Para sempre seja Louvado Nosso Jesus Christo

111mo Sn.Cap.n Lôbo.

Agora mesmo acabo de officiar ao Snr. Bispo do Ceará entregando-lhe as Casas de Caridade do Cariri Novo, para elle tomar conta dellas e dirigil-as,como verdadeiro Pastor desse rebanho: cessarão as hostilidades que se faz ás Casas, accusando-as de desobedientes e rebeldes: como sou eu o autor dessa rebeldia,quero desaparecer da scena para não comprometer as Casas.

Alegro-me com a reconciliação do seu genro,e lhe dou os parabéns pelo nascimento feliz de sua neta.

Adeus, Sr.Cap.m Lôbo,conte com a estima que lhe consagro,e a sua família porque sou De VS ami.int apreciador V e Cr

Pe .Ibiapina

Baixa- Verde ,16 de março de 1872.

08

Illmo .Snr. Cap.m Lobo

Recebi a preciosa carta de V S, e muito lhe agradeço o generoso tratamento que deu ás minhas filhas em visitar ás casas de Caridade de Cariry: graças a Deos.

Lutamos infelizmente com a maçonaria, que tem decretado a prisão, perseguição aos Padres Catholicos, que se pronuciaram contra ella em favor da religião não podia eu por isto ser esquecido.

Tive aviso de ser preso; mas isso ainda não se realizou ,pelo abalo que causou no povo; comtudo estou tranqüilo em sofre por Deos a prisão ou a morte.

Não sei como irão as Casas do Cariri porque não podem receber minha acção e influênciã; mas haja o que houver, ellas permanecerão por serem obras de Deos ; falta-lhes tudo do Mundo, porem têm em seu favor o braço Omnipotente.

V S me communica que não continuará na regência da Casa, como primeiro Benfeitor d'ella; mas, não retirando o amor que consagra, ella experimentará os seus favores sempre.

Para testemunhar-lhe o apreço que dou aos serviços que V S tem prestado á Caridade d'ahi lhe mando uma patente de Irmão remido de Santa Fé onde habito, sem nenhum [es pendia?].

Meus respeitos a sua Senhora e filhos

De VS Irmão e amigo

Padre Ibiapina

Santa Fé, 26 de dezembro de 1874.

09

L .d . N .S. J. Christo

Illmo Snr. Cap.m Lobo

O Bom Deus o abençõe, e o tenha em sua amisade.

Li com pena no coração o que me diz do pessamento de sua estimável Senhora, e as penalidades que lhe magoam o coração com circunstâncias. aggravantes.

Oh! Quanto me custa ver isso!

Mas ainda não vi alguém acceito a Deus sem a purificação de grande tribulação.

Acceite, Sr. Lobo, todos esses soffrimentos moraes , como meio de que se serve a Providência para o provar, depois de ter acceito, como filho.

Reconhecendo verdadeira essa razão, cessarão ou adoçarão seus males, na consideração que são de proveito em bem real.

Esse quadro de sua vida, eu vejo em quase tudo deste mundo.

Recomendo-lhe, como amigo, que quando estiver perturbado, ou duvidoso do que deve obra, abra o livro da Imitação de Chisto, e que encontrar, saiba, que será que eu lhe diria para sua direcção e consolo.

Adeus, Snr. Lobo, não o posso esquecer soffrendo tanto; o Bom Deus o conforte, como lhe desejo o D.

Seu Ir. e am Sincero

Padre Ibiapina